

Patrick Valas

Freud e a Perversão

Reunião de textos de
Manoel Barros da Motta

Tradução:
Dulce Duque Estrada

Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro

Título original:
Freud et la perversion

Tradução autorizada de uma série de artigos da revista *Omicar?*,
publicada por Navarin Éditeur, de Paris, França

Copyright © Navarin Éditeur, *Omicar?*, n.39, 41 e 45

Copyright © 1990 da edição em língua portuguesa:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (021) 240-0226 / fax: (021) 262-5123

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação do copyright. (Lei 5.988)

Reimpressões: 1994, 1997

ISBN: 85-7110-145-0 (JZE, RJ)

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Hamburg Gráfica Editora Ltda.

Sumário

<i>Apresentação</i>	7
I.	
As Teorias Sexuais do Fim do Século XIX	9
A teoria clássica moderna do instinto sexual. Os primeiros trabalhos sobre perversões sexuais. As perversões na teoria evolucionista da sexualidade.	
II.	
Da Bestialidade à Subjetividade (1895-1905)	17
III.	
Os Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905)	23
Primeiro ensaio: as aberrações sexuais. Segundo ensaio: a sexualidade infantil. Terceiro ensaio: as transformações da puberdade. As perversões.	
IV.	
Dos Três Ensaio à Metapsicologia (1905-1915)	47
O desmentido da castração. A escolha do objeto. 1914: um caso clínico de perversão fetichista.	

V.	
Gênese das Perversões Sexuais (1915-1920)	63
A metapsicologia. Generalidades sobre os diferentes tipos de perversão. Bate-se numa criança. Gênese da perversão. Psicogênese de um caso de homossexualidade feminina.	
VI.	
A Segunda Tópica (1920-1938)	80
Novas considerações sobre o masoquismo. O masoquismo feminino. O masoquismo erógeno. O masoquismo moral. O fetichismo. Glanz auf der Nase. A escotomização. A foracclusão. A denegação. O desmentido. Freud e o fetichismo. O fetichista e suas identificações. O desmentido e a divisão do sujeito. A perversão, desmentido da castração. O objeto. O fantasma. O sujeito.	
<i>Bibliografia</i>	118

Apresentação

O extraordinário polimorfismo das manifestações da sexualidade humana, mesmo em suas formas mais extravagantes ou aberrantes, legitima a questão de saber se é possível, realmente, isolar a perversão a partir de uma estrutura específica que a distinguiria da neurose ou da psicose, pois, do ponto de vista fenomenológico, esta distinção parece praticamente impossível de se fazer.

Freud testemunha constantemente esta dificuldade na sua concepção das perversões, a qual se constrói no próprio movimento da elaboração da sua doutrina. O estudo das perversões sexuais ocupa, aí, um lugar muito importante, abrindo-lhe um campo privilegiado de observação, mesmo que, na maioria das vezes, elas não se destaquem diretamente a partir da clínica analítica. Trata-se, com efeito, para ele, de se esforçar para dar conta da subjetivação problemática do sexo biológico por sua dramatização na dialética edipiana, do que vai resultar, em definitivo, a entrada do sujeito numa das três categorias: neurose, psicose ou perversão.

Será necessário um encaminhamento bastante longo para chegar ao ponto em que a definição da perversão possa encontrar seu estatuto mais seguro.

Acompanhamos Freud, aqui, passo a passo na sua trajetória, segundo a ordem cronológica de seus textos. Sua leitura não irá além das significações que ele lhes confere nas suas sucessivas elaborações da perversão. O princípio dessa escolha se justifica pelo fato de que Freud sempre conceitualizou seus diferentes modelos do aparelho psíquico no quadro de uma teoria evolucionista.

ADVERTÊNCIA:

Nota sobre a *Verleugnung*

O retorno a Freud proposto por Jacques Lacan deu-se em larga medida em torno de uma elucidação teórica dos conceitos que fundavam a clínica freudiana. A tradução exata dos termos que definem os mecanismos fundamentais das estruturas clínicas da psicanálise é, por isso, muito importante. A versão francesa *forclusion* — em português, *foraclusão* — é a mais conhecida proposta de tradução de Lacan: ele isolou a *Verwerfung* na obra de Freud e deu-lhe um estatuto próprio que define o mecanismo da psicose.

Lacan tem também uma proposta original para a tradução do termo que concerne ao mecanismo da perversão. Para este Lacan propôs, em 27 de novembro de 1975, em Yale, numa de suas *Conferências em universidades norte-americanas*, que se traduzisse *Verleugnung* por *démenti* — em português, *desmentido*. Para Lacan o desmentido tem uma relação com o real: “Há toda sorte de desmentidos que vêm do real” (*Silicet* 6/7, Ed. du Seuil, 1976, p. 37).

A nova edição castelhana das obras completas de Freud, editadas por Amorrortu Editores, de Buenos Aires, traduz *Verleugnung* como *desmentida*. Nessa edição há um precioso aparato crítico para as traduções dos conceitos freudianos.

Pelo exposto acima, adotamos no presente livro o termo *desmentido* como correspondente à *Verleugnung* freudiana para o que até hoje foi aceito como *renegação*.

MANOEL BARROS DA MOTTA

I

As Teorias Sexuais do Fim do Século XIX

Antes que a obra de Freud ganhe impulso e renove o seu sentido, a concepção dominante em toda a teoria sexual do ser humano repousa, nesse final do século XIX, sobre o postulado da atração recíproca natural de um sexo pelo outro, essa atração irreprimível que encontra sua fonte individual nos órgãos genitais. Não se trata, aqui, de acompanhar as filiações dessa concepção, que remontam à Antigüidade, mas de sublinhar, com Paul Bercherie,¹ o que a ascensão da ciência traz de novo a essas teorias sexuais. Com efeito, a noção moderna do instinto sexual vai fornecer à clínica nascente das perversões sexuais seus primeiros fundamentos teóricos.

A TEORIA CLÁSSICA MODERNA DO INSTINTO SEXUAL

Enquanto, anteriormente, o papel da sexualidade na determinação social era considerado como bastante secundário, a partir da metade do século XIX, graças a Cabanis,² vai-se começar a atribuir à sexualidade, como vetor da reprodução da espécie, o essencial da determinação de toda a esfera de relações interpessoais que são a sua expressão psicológica.

A partir da oposição que faz entre instinto de reprodução e instinto de conservação, Cabanis fala de "hábitos instintivos". Essas idéias, melhor demarcadas, serão difundidas por Schopenhauer, e se tornarão correntes no final do século XIX. O instinto sexual em seu desenvolvimento influencia os mais elevados sentimentos sociais, morais e religiosos da humanidade.

A essas teses sobre a sexualidade, enquanto geradora de laços e sentimentos sociais, através da família e dos instintos parentais, os evolucionistas, antropólogos e psicólogos opõem uma concepção mais complexa. Inspirando-se em Darwin,³ fazem do grupo social um fato originário, oriundo de necessidades distintas daquelas do grupo familiar. Cada um tem sua origem psicológica própria, um não deriva do outro.

Desde o prefácio à *Origem da família, da propriedade privada e do Estado* de Engels,⁴ começa-se a estudar os vínculos que os condicionam: a partir de uma origem mítica na qual o comércio sexual não teria entraves, a evolução teria chegado até a constituição da família conjugal, onde se afirma o direito paterno que regula as relações sexuais. A concepção geralmente admitida é a da estruturação das relações e dos sentimentos conjugais e parentais no interior do clã social, mas onde o clã domina, dando a medida da norma. O instinto sexual natural não está em conflito com essa norma.

O progresso realizado nesta evolução consiste no reconhecimento da paternidade, segundo um critério conceitual (a Lei) que vem suplantar a evidência concreta da maternidade. O traço dominante seria o fato de as normas sociais enquadrarem todas as manifestações da sexualidade, julgando-as a partir daquilo que é sua finalidade essencial, a reprodução da espécie. Todo desvio deste objetivo é considerado como uma aberração, ligada a uma degenerescência do instinto sexual natural. Para dizer a verdade, não há o menor interesse por isso, a não ser para designar esses desvios como monstruosidades.

OS PRIMEIROS TRABALHOS SOBRE PERVERSÕES SEXUAIS

Antes dos trabalhos alemães dos anos 1860/70, a patologia sexual reconhecida se resumia aos distúrbios de comportamento importantes o suficiente para necessitar da intervenção do alienista, com um fim essencialmente médico-legal.

À noção antiga de hipersensibilidade (ninfomania, satíriase), o campo pericial acrescenta o estudo de sujeitos que cometeram atos considerados como "monstruosos" (necrofilia, pedofilia, assassinatos sádicos). Esquirol⁵ os agrupa sob o termo "monomanias instintuais", e Morel⁶ sob o título de perversões de instintos genésicos, enquadrados naquilo a que chama de loucuras hereditárias.

Mas as perversões sexuais permanecem ainda um problema muito marginal no campo da psiquiatria. Em 1877, Lasègue⁷ vai descrever pela primeira vez o exibicionismo, que ele considera um ato impulsivo. Até o fim do século XIX, e mesmo no começo do século XX, as perversões sexuais vão ser, aliás, ligadas a síndromes impulsivas e obsessivas, das quais Magnan⁸ fornece o exemplo mais característico e mais claro.

É, pois, a partir desse campo bastante recente e ainda inexplorado da clínica das perversões que se vai constituir uma sexologia com pretensões científicas. Alguns trabalhos importantes vão aparecer na Alemanha:

Ulrichs,⁹ para obter um abrandamento da legislação repressiva, faz da homossexualidade uma tendência natural (denominada uranismo, servirá de referência à existência de um "terceiro sexo", defendido pelos primeiros movimentos homossexuais). Ele opõe o uranismo natural ao deboche e à pederastia, bem como à patologia mental. Dentro de um espírito explicitamente darwiniano, desenvolve argumentos biológicos, que terão uma influência determinante. Para sua demonstração, apóia-se no hermafroditis-

mo de alguns animais inferiores, como o caramujo, e do embrião humano até sua décima-segunda semana.

Wesphall,¹⁰ em 1870, cunha o termo “inversão sexual”, ligando-o à categoria das neuroses, que refere a uma patologia hereditária degenerativa. Os estudos sobre os comportamentos sexuais desviantes vão atrair um interesse crescente na Alemanha.

Krafft-Ebing¹¹ se interessa, a partir de 1877, por todas as formas de desvios sexuais, cujo estudo agrupa em sua *Psychopathia sexualis*, publicada em 1886. Vai remanejá-la em edições sucessivas até sua morte. Ele divide as “anomalias do instinto sexual” em quatro classes, que serão adotadas pela grande maioria dos alienistas: *anestesia* do instinto sexual por enfraquecimento fisiológico (infância, velhice); *hiperestesia* (ninfomania, satiríase) do instinto sexual, ligada a fenômenos cerebrais funcionais causados por doenças degenerativas do cérebro; *paradoxia* do instinto sexual, quando este se manifesta fora dos períodos fisiológicos normais da idade adulta; *parestesia* do instinto sexual, quando este se manifesta fora do objetivo natural da reprodução da espécie.

No plano etiológico, enfatiza a natureza congênita e degenerativa das perversões, e opõe, assim, às perversões adquiridas (homossexualidade ligada a condições de restrição, como a vida no cativeiro), as perversões verdadeiras, relacionadas aos estados degenerativos hereditários (neuroses, paranóia, distúrbios de caráter). Mas sua tese hereditário-degenerativa será submetida, sob a influência de outros autores, a modificações importantes.

A. Binet,¹² num trabalho intitulado *Fétichisme dans l'amour* (1887), reconhece que a hereditariedade, se oferece o terreno favorável à constituição da perversão, não pode lhe dar sua forma característica. O fato de que um homem possa adorar um par de botas não pode ser explicado pela simples hereditariedade. Deve, portanto, existir um determinismo histórico, um incidente na história do sujeito que dê à perversão sua forma característica, mas num terreno degenerado, pois isso não se poderia produzir num homem são. Ele formula a hipótese de que a perversão

seria causada por um acontecimento vivido na infância, tendo deixado seu traço sob a forma de uma associação mental. Haveria, pois, uma estrutura comum a toda perversão. Ora, esse processo pode se observar em todo o mundo. Mas se, no sujeito normal, múltiplas excitações são possíveis, a patologia só começa no momento em que o amor por um detalhe qualquer se torna preponderante a ponto de apagar o resto. Compreende-se que aquilo que é, em Binet, uma simples correção à teoria da degenerescência, vai se tornar um pólo radicalmente oposto a ela.

Enfim, A. von Schrenck-Notzing¹³ publica, em 1889, trabalhos clínicos onde demonstra haver obtido, por meio da sugestão hipnótica, a transformação da associação patológica numa associação sã. Um vivo debate vai ser gerado em torno dessa questão, pois se a perversão é um processo reversível, segue-se que o único elemento degenerativo consiste nessa anomalia associativa, e que não existe, por conseguinte, nenhuma tara subjacente.

A teoria da degenerescência vai sair muito abalada dessa controvérsia.

AS PERVERSÕES NA TEORIA EVOLUCIONISTA DA SEXUALIDADE

Sobre uma nova base conceitual, onde se trata de aplicar ao estudo da sexualidade a teoria evolucionista propriamente darwiniana, vai se atingir amplo consenso em matéria de sexualidade normal ou patológica, de sorte que as perversões serão redefinidas. Os autores americanos serão os primeiros a aplicar à sexualidade a teoria darwiniana e a lei biogenética fundamental de Haeckel (1874).

Krafft-Ebing, na sétima edição de sua *Psychopathia sexualis* (1892), cita elogiosamente esses americanos, S. Clevenger, J. Kiernan e G. Lygston, e adota o essencial de suas teses, resumidas esquematicamente nestes termos: se o desenvolvimento individual

recapitula as etapas da filogênese, as aberrações sexuais surgem como distúrbios do comportamento ontogenético.

A tese degenerativa, assim como a tese associacionista, é suplantada pela tese evolucionista. Para Krafft-Ebing, encarar o canibalismo como a forma primitiva da sexualidade permite compreender os modos de relação que o sadismo e o masoquismo — que são, para ele, as perversões cardeais — podem manter num mesmo indivíduo, e a predominância de um ou de outro nele ou nela (masoquismo, forma passiva, na mulher; sadismo, forma ativa, no homem). A homossexualidade tem sua fonte na bissexualidade originária da espécie e do embrião. A heterossexualidade se desenvolve normalmente por repressão e involução da tendência alternativa.

Vamos mencionar W. Fliess,¹⁴ devido à importância que Freud lhe atribuiu por algum tempo. Aos conceitos dos autores darwinianos (teoria da sexualidade em sua evolução biogenética, teoria da bissexualidade), ele acrescenta um sistema estranho e delirante, uma espécie de modelo organológico que não sai do domínio da biologia. Nesse sentido, as manifestações do instinto sexual são para ele onipresentes, tanto na vida psíquica quanto na biológica. Ele estabelece relações entre o nariz e os órgãos genitais e afirma a existência de períodos masculinos, com ciclo de 23 dias, e períodos femininos (ciclo de 21 dias), perfeitamente determinados pelos acontecimentos fisiológicos e patológicos.

Mas, às especulações filogenéticas, não tardarão a se acrescentar pesquisas e teorias sobre o aspecto ontogenético do desenvolvimento sexual, isto é, das manifestações sexuais na criança.

A. Moll,¹⁵ em sua obra *Investigations sur la libido sexualis* (1897), formula a tese de que o instinto sexual se manifesta na criança muito precocemente, sem que isso, no entanto, seja patológico, já que se trata de uma antecipação da sexualidade adulta. Essas manifestações, na criança, ainda são indiferenciadas, bissexuais. Moll atribui as perversões sexuais a uma fragilidade constitucional do componente heterossexual normal. Um componente

aberrante, herança libidinal filogenética, normalmente reprimido, assume o comando e se torna o determinante principal da perversão. Moll destaca, assim, os estudos psicosexuais da hipótese degenerativa, mas sempre mantendo a idéia de um fator constitucional. Ainda que reconheça a sexualidade na criança, não a entende como tendo um desenvolvimento particular e sua ordem própria de consistência e realidade, distinta, portanto, da sexualidade adulta, e suscetível de esclarecê-la. Prudentemente, ele divide a infância em dois períodos: o primeiro, de um a sete anos, onde as manifestações sexuais devem despertar a suspeita de processos mórbidos; o segundo, depois dos oito anos, quando essas manifestações devem ser consideradas como normais.

H. Ellis,¹⁶ em seus *Études de psychologie sexuelle* (1897/1910), retoma as teses de Moll e adere à teoria da interrupção do desenvolvimento como etiologia principal das perversões sexuais. Dá importância ao meio ambiente (tese associacionista tipo Binet), e particularmente à sedução de crianças por adultos. Introduz a noção de auto-erotismo em relação a experiências sexuais ligadas ao exercício das funções uretrais, orais e anais. Aproxima-se bastante do Freud dos *Estudos sobre a histeria*. Seus trabalhos convergem (ele conheceu bem Freud e se correspondia com este).

As noções de manifestações sexuais na criança, e da existência de zonas erógenas não genitais são muito difundidas — notadamente por Iwan Bloch, em sua obra antropológica intitulada *Contributions à l'étiologie de la psychopathia sexualis* (1903), que utiliza trabalhos anteriores, em particular os *Rites scatologiques de toutes les nations*¹⁷ (1891), e cuja obra Freud vai prefaciá-la em sua tradução alemã, em 1913.

Assim, “no momento em que Freud elaborava sua teoria da libido com base na anamnese psicanalítica de pacientes adultos, acumula-se um amplo material empírico e conceitual que vai, incontestavelmente, inspirar ou confortar suas posições”.¹⁸

NOTAS

- ¹ Bercherie, P. *Genèse des concepts freudiens*, Paris, Navarin Éditeur, 1983, p. 203 a 213.
- ² Cabanis, P.J.G. *Rapport du physique et du moral chez l'homme*, 1843, p. 464.
- ³ Darwin, C. *De l'origine des espèces*, 1859.
- ⁴ Engels, F. Prefácio de *L'Origine de la famille, de la propriété privée et de l'État*.
- ⁵ Esquirol, J.E.D. Citado por Paul Bercherie em *Genèse des concepts freudiens*, p. 205.
- ⁶ Morel, B.A. *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine*, Paris, Masson, 1857.
- ⁷ Lasègue, C. *Études médicales*, Paris, Asselin et Houzeau, 1884.
- ⁸ Magnan, V. *Exposé des titres et travaux scientifiques*, 1935, citado por Paul Bercherie em *Genèse des concepts freudiens*, p. 205.
- ⁹ Ulrich, C.H. Citado por Paul Bercherie, op. cit., p. 205.
- ¹⁰ Wesfall. 1875, Citado por Paul Bercherie, op. cit., p. 205.
- ¹¹ Krafft-Ebing, R. von. *Psychopathia sexualis*, 1879, 7. ed. Paris Masson, 1897.
- ¹² Binet, A. *Études de psychologie expérimentale*, Paris, Alcan, 1888.
- ¹³ Schrenck-Notzing, A. Citado por Paul Bercherie, op. cit., p. 207.
- ¹⁴ Fliess, W. *Les relations entre le nez et les organes génitaux féminins présentées selon leurs significations biologiques*, 1897; tradução francesa, Paris, Seuil, 1977.
- ¹⁵ Moll A. *Investigations sur la libido sexualis*, 1897; citado por Paul Bercherie, op. cit., p. 209.
- ¹⁶ Ellis, H. *Études de psychologie sexuelle*; citado por Paul Bercherie, op. cit., p. 211.
- ¹⁷ Bourke, A. *Les Rites scatologiques de toutes les nations*, 1891; prefácio à edição alemã, citado por Paul Bercherie, op. cit., p. 211.
- ¹⁸ Bercherie, P. op. cit., p. 211.

II

Da Bestialidade à Subjetividade 1895-1905

Freud se inscreve na corrente evolucionista, e atribui ao desenvolvimento ontogênico uma prevalência sobre a filogênese. Ocupado em lançar os fundamentos teóricos de sua descoberta, durante este período germinal que se estende dos *Estudos sobre a histeria* (1895) até os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud não se interessa realmente pelas perversões. Apresenta-as globalmente como manifestações da bestialidade originária do ser humano. Chega mesmo a atribuir às mulheres, cujos instintos sexuais não teriam sido suficientemente civilizados, a essência das perversões sexuais. De fato, ele lança sobre as perversões mais um julgamento moral do que o olhar de um homem de ciência.

Por exemplo, no manuscrito N de sua correspondência com Fliess (maio de 1897), à sanidade relacionada com o espírito de sacrifício pela comunidade ele opõe a liberdade sexual perversa. Ao ler seus primeiros textos, tem-se a sensação de que, provisoriamente, ao ser levado a assumir uma posição sobre as perversões sexuais, cujo estudo está em voga, Freud fica de bom grado com as posturas clássicas, como se não quisesse entrar em conflito nem com a comunidade científica, nem com a sociedade de sua época. Já está em vias de conceitualizar seu aparelho psíquico,

no contexto do esboço de uma teoria da subjetividade, às manifestações impulsivas do instinto sexual nos perversos ele opõe a inibição desse mesmo instinto nos psiconeuróticos. Não é de se admirar, portanto, que em seus *Estudos sobre a histeria* ele oponha ainda, ao “cérebro anormal dos degenerados e desequilibrados”, o “cérebro sadio das histéricas”.¹

Degenerescência e bestialidade, estes termos reaparecem regularmente em sua correspondência com Fliess:² “As perversões conduzem regularmente à zoofilia e têm um caráter bestial.”³ Ele retoma este tema com frequência, a propósito das sensações olfativas, cuja persistência, quando deveriam desaparecer com a postura bípede, conduz à perversão, e ainda no prefácio que faz para a tradução alemã do livro de Bourke em 1913.⁴

Esse ponto de vista ainda parcial sobre a perversão acomoda Freud por algum tempo. Com efeito, na etiologia da histeria, ele sustenta a tese do trauma da sedução, e lhe é necessário, em consequência, designar seu agente como um adulto perverso. Entretanto, essa exigência vai muito cedo lhe parecer exorbitante, a menos que todos os pais sedutores das histéricas sejam perversos, com a conotação pejorativa em que isso implica — hipótese que não pode se manter por muito tempo.

A partir da carta 69,⁵ abandonando sua *neurotica*, Freud põe em dúvida a sua teoria da sedução. Mesmo que conserve sua importância, a teoria do trauma vai se apagar diante da teoria da fantasia e, precisa ele, “vê-se melhor com a perversão o papel do fantasma”. A noção do sedutor perverso perde sua consistência.

Enfim, na carta 125,⁶ consagrada ao estudo da escolha da neurose, Freud distingue a histeria, a paranóia e a perversão. A *histeria* (como sua variante, a neurose obsessiva) é alo-erótica, e está ligada a uma identificação com a pessoa amada. A *paranóia* se caracteriza por um impulso auto-erótico e um retorno a uma situação da infância, pela ruptura das identificações e despedaçamento do eu. A *perversão* é determinada por um impulso auto-erótico e um retorno à “loucura original”. As relações entre auto-erotismo e eu primitivo a esclareceriam. Nesta carta, a per-

versão é, pois, apresentada como uma regressão, ligada a uma interrupção do desenvolvimento do aparelho psíquico.

Essa seriação da perversão com a paranóia e a histeria já anuncia sua mudança de estatuto. Em 1900, na *Interpretação dos sonhos*, novas elaborações vão surgir, notadamente a propósito dos sonhos típicos,⁷ e mais precisamente no estudo do “sonho de confusão devido à nudez”. Freud observa, aí, que se mostrar nu diante de outros é importante para uma criança, e escreve: “Entre os perversos, há uma categoria na qual as compulsões infantis atingiram o grau de um sintoma; são os exibicionistas.”

Freud, portanto, está dando à perversão um colorido subjetivo, o que é absolutamente novo com relação às teorias contemporâneas. Ele ainda é prudente, e acrescenta que o único motivo que o faz “evitar interpretar sonhos de conteúdo abertamente sexual é que seria necessário, para explicar os sonhos sexuais, aprofundar-se nas questões ainda obscuras das perversões e da bissexualidade — coloquei, então, tudo isso de lado”.⁸

O problema das perversões se apresenta de maneira um tanto mais candente quando Freud descobriu que em todo sujeito, no sonho, onde a censura falha, encontram-se motivos fantasmáticos que se assemelham à perversão.

No caso de Dora,⁹ publicado em 1905, mas escrito já em 1901, ele faz a observação, muito importante, que fica ali como um marco, na qual refuta todas as teorias degenerativas, até mesmo as evolutivas, classicamente admitidas na época para o determinismo das perversões: “As perversões não são nem bestialidades, nem a degeneração, na acepção patética do termo”;¹⁰ e, mais adiante: “Elas estão contidas na predisposição sexual não diferenciada da criança (...) Quando alguém se torna, grosseira e manifestamente, perverso, pode-se dizer, mais justamente, que ele permaneceu assim; isso significa uma interrupção na evolução.”¹¹

Emitindo a idéia de que não há mais normas sexuais, e sim apenas normas sociais, o que é perfeitamente escandaloso para a época, Freud acrescenta que “os psiconeuróticos são todos seres

de tendências perversas fortemente desenvolvidas, mas recalçadas e tornadas inacessíveis no decorrer de sua evolução. Seus fantasmas inconscientes apresentam, em consequência, o mesmo conteúdo das ações autênticas dos perversos”,¹² e formula, nessa primeira diferenciação do ponto de vista tópico entre a neurose e a perversão, que “as psiconeuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões”.¹³

Esta definição, de grande clareza, e cujo sentido vai-se esclarecer ainda mais em seguida, será a origem de uma imensa confusão para os leitores e seguidores de Freud.

Essa tese, daí por diante central, será retomada em 1901, na *Psicopatologia da vida cotidiana*,¹⁴ nos seguintes termos: “Os fantasmas inconscientes tornados conscientes pela análise podem ser idênticos aos meios empregados pelos perversos para a satisfação de suas tendências.”

Antes de prosseguir este estudo, convém lembrar que Freud, durante esse período que qualificamos como a etapa germinal de sua obra, situa o aparelho psíquico segundo o esquema inconsciente/pré-consciente/consciente da primeira tópica.

Pôde-se acompanhar sua elaboração, já esboçada no *Projeto* de 1895,¹⁵ onde ele situa o inconsciente entre percepção e consciência, como o lugar psíquico de uma série de registros, segundo uma sucessão estratificada de registros de signos. Não é pois, de forma alguma, um modelo biológico, mas já um outro lugar, “uma outra cena”, como escreve na *Interpretação dos sonhos*, cujo esquema da sucessão temporal dos signos, que vai da percepção à ação motora, vem completar o esquema tópico do *Projeto*.

Desde o início, portanto, Freud está preso ao movimento de uma elaboração da subjetividade a partir da descoberta do inconsciente. O que ele denomina sua “ficção do aparelho psíquico” já está tão afastada quanto possível de toda perspectiva genética, com aquilo em que esta implicaria de maturação instintual. Não se pode, pois, dizer que Freud procure ligar-se ao cientificismo da época, pela via daquilo que teria recebido de

Brücke, dedicando-se a um estudo da anatomia e da fisiologia cerebrais.

Nesse sentido, percebeu-se em 1946, com a descoberta do manuscrito do *Projeto*, que Freud já havia descoberto a sinapse com os princípios gerais de seu funcionamento. Mas ela só lhe serve de suporte anatômico metafórico para este outro lugar do aparelho psíquico, comparado às imagens dadas pelos aparelhos óticos, como está escrito na *Interpretação dos sonhos*. Pois Freud sempre sustentou o profundo enraizamento do psiquismo no biológico, mas numa relação de hiância e não de confusão.

No que se refere à concepção das perversões, esta vai seguir a mesma tendência lógica de sua obra. Freud vai destacá-las pouco a pouco das noções intuituais confusas para lhes dar uma estrutura específica, distinta da neurose e da psicose.

NOTAS

- 1 Freud, S. *Études sur l'hystérie*, 1893-1895, Paris, PUF, 1973, p. 238. (N. do T.: Em língua portuguesa, a obra de Freud está publicada em ordem cronológica, diversamente da edição francesa, que a agrupou por temas. O artigo em questão, *Estudos sobre a histeria*, é encontrado no v. II da Edição Standard Brasileira, daqui por diante referida como ESB, Imago, Rio de Janeiro, 1970 a 1977.)
- 2 Id. "Correspondance avec W. Fliess". In: *Naissance de la psychanalyse*, Paris, PUF, 1973, (N. do T.: A correspondência entre Freud e Fliess está contida apenas parcialmente, em extratos de documentos, na ESB, v. I.)
- 3 Ibid. Carta nº 55, janeiro de 1897, p. 163 (ESB, v. I).
- 4 Ibid. Carta nº 75, novembro de 1897, p. 205 (ESB, v. I).
- 5 Ibid. Carta nº 69, setembro de 1897, p. 100 (ESB, v. I).
- 6 Ibid. Carta nº 125, novembro de 1897, p. 203. (ESB, v. I):.
- 7 Id. *L'Interprétation des Rêves*, Paris, PUF, 1967, capítulo 4 "Le matériel et les sources du rêve". E, a propósito de sonhos típicos, "Le rêve de confusion à cause de la nudité". p. 21 (FSB: *A interpretação dos sonhos*, v. IV, capítulo 4: "O material e as fontes do sonho", e "Sonhos embaraçosos de estar despido".)
- 8 Ibid. c. V, "Psychologie du rêve", p. 515.
- 9 Freud, S. "Dora". In: *Cinq psychanalyses*, Paris, PUF, 1972, p. 1 a 91. (ESB: *Um caso de histeria*, v. VII.)
- 10 Ibid. p. 34.

¹¹ Ibid. p. 35.

¹² Ibid. p. 36.

¹³ Ibid. p. 36.

¹⁴ Freud, S. *Psychopathologie de la vie quotidienne*, Payot, 1973, c. XII, "Déterminisme et croyance au hasard et superstition", nota à p. 274 (ESB: *Psicopatologia da vida quotidiana*, v. VI.)

¹⁵ Freud, S. "Esquisse d'une psychologie scientifique". In: *Naissance de la psychanalyse*, Paris, PUF, 1975, p. 306 a 396. (ESB: *Projeto para uma psicologia científica*, v. I.)

III

Os Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade 1905

Os *Três ensaios* constituem uma charneira.¹ Vão passar por diversas reedições, nas quais, como é seu hábito, Freud acrescentará sucessivas correções e numerosas notas, de modo que a versão definitiva de que dispomos data de 1924. Logo, estendem-se por um período de 20 anos. Freud integrou à edição original as modificações exigidas pela *Introdução ao narcisismo* (1914), a *Metapsicologia* (1915), *Mais além do princípio do prazer* (1920) e a segunda tópica de 1923.

Tendo adotado o princípio de seguir o percurso de Freud em seu avanço histórico, vamos nos ater, neste capítulo, ao essencial da versão original desses ensaios, dispensados de integrar as modificações que ele fará, com o tempo, na medida do seu surgimento, referindo-as aos textos originais.

Nesses ensaios, Freud parte de noções mais comumente admitidas, tanto na opinião corrente quanto na ciência, em matéria de teorias sexuais, para refutá-las aos poucos, introduzindo a originalidade de seu ponto de vista.

Contrariamente àqueles que pretendem deter as chaves de uma teoria global sobre a sexualidade humana, Freud “exclui que desses ensaios possa sair uma teoria da sexualidade”.²

Ele só pretende trazer alguns esclarecimentos parciais fundados na sua experiência, a qual, reivindica, é independente de

toda pesquisa biológica. Nisso ele permanece fiel à sua trajetória, e mesmo quando espera dizer algo sobre a biologia a partir da experiência analítica, vai abandonar rapidamente essa pretensão, sem a menor ambigüidade. Nesse sentido, afirma, de saída, que as manifestações condicionadas pelo exterior o conduzem aos fatores constitucionais. Ele não pretende entrar em detalhes quanto ao seu determinismo nos distúrbios do desenvolvimento, mas abordá-los a partir da problemática da economia libidinal, que jamais encontrará, a seus olhos, uma solução satisfatória. Voltaremos a esse ponto mais adiante.

PRIMEIRO ENSAIO: AS ABERRAÇÕES SEXUAIS³

Existem numerosos desvios quanto ao objeto sexual (a pessoa que exerce uma atração sexual), e quanto ao fim sexual (o ato para o qual impulsiona a pulsão).⁴

A homossexualidade (ou inversão)

Caracteriza-se por uma inversão na escolha do objeto sexual, que se torna um parceiro do mesmo sexo. Existem vários tipos de inversão: ocasionais, anfigenas ou absolutas,⁵ que constituem uma série contínua de variações, e se determinam no curso do desenvolvimento, em função de fatores inatos ou ocasionais que tenham acarretado um distúrbio no desenvolvimento normal. Logo, Freud elimina a tese degenerativa (mesmo no sentido de Magnan, onde se pode falar de degenerescência ainda quando o funcionamento do sistema nervoso central está perfeito). Além disso, se o caráter congênito ou adquirido não esgota o assunto, Freud escreve: “Vamos reter, todavia, duas idéias para nossa explicação da inversão: inicialmente, é preciso que levemos em

conta uma disposição bissexual; mas não sabemos qual é o seu substrato anatômico (o hermafroditismo biológico e o hermafroditismo psíquico não se recobrem). Vemos, em seguida, que se trata de distúrbios que modificam a pulsão sexual em seu desenvolvimento.”⁶

Quanto ao objeto sexual, Freud precisa que não é a partir dele que a aberração deve ser definida. Aí está uma descoberta profundamente nova, cuja manutenção será exercida ao longo de toda a sua obra, até encontrar sua solução quando ele distinguir o objeto na pulsão do objeto no amor (essa distinção vai começar a ser delineada com a teoria da libido, elaborada depois da *Introdução ao narcisismo* em 1914).

O fim sexual também não é característico, mesmo que as transgressões anatômicas tomadas como meio sejam mais frequentes.

Freud conclui daí que é preciso dissociar até certo ponto a pulsão sexual do objeto, pois, escreve ele, “é permitido acreditar que a pulsão sexual existe inicialmente de modo independente de seu objeto, e que sua aparição não é determinada pelas excitações provenientes do objeto”.⁷

Vai-se ver como, graças a essa idéia, ele poderá dar um desenvolvimento fecundo à conceitualização das perversões sexuais, e notadamente, extraí-las do domínio reservado à pura patologia. Nesse sentido, a propósito das aberrações sexuais nas quais a escolha de objeto incide sobre crianças (pedofilia) ou animais (zoofilia), nenhuma tara⁸ pode ser invocada, e as diferentes variações sexuais, que formam um leque contínuo indo da normalidade à patologia mental, fazem-no concluir nestes termos: “O que me parece de importância geral é que em muitas circunstâncias, e para um número surpreendente de indivíduos, o gênero e o valor do objeto sexual desempenham um papel secundário. Deve-se concluir daí que não é o objeto que constitui o elemento essencial e constante da pulsão sexual”.⁹

Os desvios com relação ao objetivo sexual

Se o objetivo sexual normal é definido pela união das partes sexuais, existe toda uma gama de desvios deste fim, que vão do normal à perversão, a qual Freud considera como sendo caracterizada por duas ordens de fenômenos: as transgressões anatômicas e a parada em certas relações intermediárias ("objetivos sexuais preliminares"), que normalmente deveriam ser atravessadas rapidamente para se atingir o objetivo sexual final.¹⁰

As transgressões anatômicas quanto aos órgãos estão ligadas a uma supervalorização libidinal do objeto sexual e se tornam possíveis por este viés. Com efeito, as forças inibidoras (repulsa devido ao olfato e à visão, pudor e vergonha ligados à educação e à moral), que normalmente orientam a pulsão sexual para seu objetivo normal, aqui são ultrapassadas, de sorte que o sujeito pode ser conduzido a uma fetichização de certas partes do corpo do parceiro, chegando às vezes a renunciar ao ato sexual e fixar-se nos objetivos preliminares para a obtenção de prazer. Entretanto, a transição para as verdadeiras formas de fetichismo só pode ser afirmada se traços mais particulares forem demandados desses objetos (cores de cabelos, certas imperfeições físicas, certas vestimentas etc.). Freud considera, pois, o fetichismo como uma variação da normalidade, até o limite da perversão e do patológico. Mas só se pode falar de patológico no caso em que sobrevém uma certa impotência por deficiência do aparelho genital.

A perversão fetichista se cristaliza "a partir do momento em que a necessidade do fetiche assume uma forma de fixidez e substitui o objetivo normal, ou ainda quando o fetiche se desliga de uma determinada pessoa e se transforma no único objeto sexual".¹¹ Na escolha do fetiche, manifesta-se a influência de uma impressão sexual experimentada, mais freqüentemente, na infância. "Em outros casos, é uma associação de idéias de caráter simbólico, em geral inconsciente, que faz com que o objeto seja

substituído pelo fetiche.”¹² Estes temas serão amplamente retomados e desenvolvidos mais adiante.

Por outro lado, o sujeito pode ser desviado do objetivo sexual normal pela intensidade do prazer obtido nas preliminares (mas outros fatores podem intervir: impotência, valorização do objeto sexual, perigos atribuídos ao ato sexual normal), aos quais permanece fixado. “Em todo caso, tocar e olhar o objeto é normal, mas torna-se uma perversão, por exemplo, se o prazer de ver se limitar exclusivamente às partes genitais, ou se estiver associado à anulação da repugnância (como no caso dos *voyeurs* ou de pessoas que olham para funções de excreção), ou ainda, se, ao invés de ser preparatório para o objetivo sexual normal, ele o suplanta.”¹³

Freud nota o interesse dessas perversões que são o voyeurismo e o exibicionismo, nos quais o objetivo sexual pode se manifestar sob uma dupla forma, ativa e passiva.¹⁴ O pudor seria a força que se opõe a essas perversões. E o fato de haver destacado este traço leva Freud ao estudo daquilo que ele considera como as perversões cardeais, o sadismo e o masoquismo.¹⁵

O sadismo “não seria outra coisa além de um excessivo desenvolvimento do componente agressivo da pulsão sexual”.¹⁶ Querer causar sofrimento ao objeto sexual é, de certo modo, querer dominá-lo para além da sedução. Essa perversão se manifesta de forma ativa.

O masoquismo, que seria o seu oposto, uma forma passiva de expressão da tendência sexual, não é considerado por Freud como uma perversão primária, mas sim apenas o retorno do sadismo sobre o sujeito, que toma então o lugar do objeto sexual na satisfação que experimenta com o sofrimento infligido pelo parceiro amado.

Freud dá um lugar à parte a essas perversões, pois “a atividade e a passividade que formam seus caracteres fundamentais e opostos são constituintes da vida sexual em geral”.¹⁷ O mais interessante, aqui, é que Freud considera que um sádico é sempre

um masoquista, a dominante ativa ou passiva podendo caracterizar a atividade sexual prevalente.

Conseqüentemente, o sado-masiquismo não pode ser explicado apenas pelo elemento de agressão, e deve ser relacionado à expressão da bissexualidade que a psicanálise substitui em geral pela oposição ativo-passivo.

Generalidades sobre as perversões

O extraordinário polimorfismo das manifestações da sexualidade no homem, o fato de que seus desvios intrínsecos se encontram em todos os seres humanos, tudo isso cria dificuldades para Freud, ao definir a perversão. Ele formula, então, que para além de certas manifestações incontestavelmente patológicas (coprofagia, necrofilia), só se pode distinguir a perversão da normalidade porque a perversão se caracteriza por uma fixação prevalente, até mesmo total, do desvio quanto ao objeto, e pela exclusividade da prática quanto ao desvio com relação ao objetivo.

Freud, que está elevando a perversão à dignidade de uma posição subjetiva, destaca aí, no entanto, um fator psíquico capital. Com efeito, ele escreve: "São, talvez, as perversões mais repugnantes que melhor demonstram a participação psíquica na transformação da pulsão sexual."¹⁸

É preciso lembrar que, anteriormente, Freud demonstrara que a entrada em jogo da pulsão não depende da qualidade do objeto, do qual ela é, em grande medida, independente. A supervalorização do objeto como fato de desvio da pulsão está ligada, para ele, à cegueira do amor, levando o sujeito a superar as forças inibidoras (repugnância, pudor, moral, educação) que traçam as vias do seu desenvolvimento normal. Ora, justamente, "por horrível que seja (o resultado de certos desvios), encontra-se aí uma parte da atividade psíquica que corresponde a uma idealização da pulsão sexual. A onipotência do amor nunca se manifesta tão fortemente quanto nesses descaminhos".¹⁹

A perversão atesta, pois, o trabalho de idealização no próprio núcleo da pulsão. Em outras palavras, o mecanismo de idealização incide sobre a própria pulsão, e não sobre o objeto (como é o caso na sublimação, em seu desvio do fim sexual). A perversão, acentuando o próprio processo da pulsão, tira sua singularidade do fato de que ela idealizaria a *Trieb* em sua materialidade, donde sua mutação pela interferência de uma elaboração psíquica.

Assim, Freud faz a distinção fundamental entre a pulsão e a perversão. Nesse sentido, o destino idealizante da pulsão na perversão já denuncia a oposição de uma sexualidade real, ou bruta, e uma psique externa; além disso, Freud invalida também a idéia de uma satisfação imediata da pulsão. É, para a época, uma contribuição fundamental.

Dessa maneira, a perversão seria inteligível sem seu determinismo psíquico, e seu estudo permite a Freud avançar sempre mais adiante em sua teoria da sexualidade.

A neurose é o negativo da perversão

A psicanálise permitiu compreender que “a pulsão sexual não é um dado simples, mas sim formada por diversos componentes que se dissociam no quadro das perversões”.²⁰ Além disso, a noção da disposição quase geral à perversão vai obrigar Freud a distinguir de modo mais preciso as psicose neuroses das perversões, enquanto que no plano fenomenológico sua observação pode acarretar as maiores confusões.

Vimos que, em seu desenvolvimento normal, a pulsão sexual encontra forças inibidoras (repugnância, moral, educação) que traçam as vias de seu desenvolvimento normal. Por múltiplas razões, ligadas a fatores constitucionais e a causas exteriores, seu desenvolvimento pode ser entravado e conduzir a desvios, cujas variações engendram especificamente neuroses, psicoses ou perversões.

De um modo geral, a neurose se caracteriza por “um recalamento sexual que ultrapassa a medida normal”,²¹ atingindo,

não a “pulsão sexual normal em seu conjunto, mas um de seus componentes, anormal, de sorte que os sintomas se constituem por conversão de um componente recalcado que é assim afastado da consciência”.²²

Assim, pois, a sexualidade dos neuróticos é dupla e manifesta; por um lado, todas as variações de uma vida sexual normal e, por outro, todas as aberrações de uma vida sexual mórbida.

Freud, um pouco mais adiante, formula que: 1) os fantasmas inconscientes das histéricas que se descobrem por trás dos sintomas recalcados não podem encontrar sua expressão em atos “imaginários ou reais”; 2) os temores delirantes dos paranóicos são projetados nos outros com um sentido hostil; 3) os fantasmas conscientes dos perversos, sob certas condições favoráveis, podem se transformar em condutas agenciadas.

Todas essas formações coincidem até nos menores detalhes, mas a célebre fórmula de Freud, já exposta no caso de Dora, de que “a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão”,²³ deve ser compreendida por um lado no nível comportamental — mas é esta, sem dúvida, a argumentação menos comprovada, se bem que Freud a tenha mantido até o fim de sua obra — e por outro lado, no nível tópico. É a mais promissora, a mais fecunda no plano conceitual: o fantasma perverso é inconsciente na neurose, e consciente na perversão.

É preciso lembrar que, quanto a isso, Freud, sem qualquer ambigüidade, não define a perversão como a manifestação mais ou menos impulsiva da pulsão sexual, mas antes como uma posição subjetiva dada a partir do fantasma. O perverso põe em jogo sua pulsão sexual em condutas agenciadas pela cena de seu fantasma.

A pulsão sexual: as pulsões parciais e as zonas erógenas

Nesse primeiro ensaio, a abordagem da sexualidade pela via fecunda do estudo das perversões leva Freud a decompor a ten-

dência, a pulsão sexual, noção demasiado vasta, em pulsões parciais, cuja definição vai assumir um sentido muito específico no campo analítico. A partir de 1905, ele lhes dá um estatuto conceitual bastante consistente.

A pulsão é definida como "representante psíquico de uma fonte contínua de excitação proveniente do interior do organismo".²⁴ "A pulsão, portanto, está no limite entre os domínios psíquico e físico."²⁵

As pulsões parciais se distinguem por suas fontes somáticas. Com efeito, a pulsão se origina num órgão que é a sede de uma excitação especificamente sexual. Designado, por esse motivo, como a "zona erógena", esse órgão de onde provém a pulsão parcial se comporta como um aparelho sexual secundário, podendo usurpar as funções do próprio aparelho genital.

O objetivo mais imediato da pulsão é apaziguar a excitação, bem como a satisfação obtida no nível mesmo da zona erógena. Assim, a disposição às derivações possíveis no desenvolvimento da sexualidade estaria inscrita no próprio núcleo do funcionamento das pulsões parciais.

Que explicações dá Freud para as manifestações de tendências perversas que se podem observar nas psiconeuroses?

As pulsões sexuais formariam pares antagônicos,²⁶ onde se exprimiriam tendências contrárias. Por exemplo: ver e mostrar nos *voyeurs* e exibicionistas; fazer sofrer (forma ativa) ou sofrer (forma passiva) na pulsão agressiva.

Para Freud, é evidente que a dominante de uma tendência ligada à intensidade dessa ou daquela pulsão (intensidade independente do grau de desenvolvimento das outras) é que dá a forma, qualquer que seja o modo de constituição, às perversões passivas (psiconeuroses) ou ativas (perversões verdadeiras).

É interessante que elas possam ser designadas pelo mesmo termo, quando Freud as distinguiu radicalmente, não com relação ao grupo de pulsões parciais às quais se ligam, mas ao nível do fantasma, topicamente, senão formalmente diverso, como vimos antes.

Para concluir esse primeiro ensaio, Freud escreve: "A disposição para a perversão não é alguma coisa rara e excepcional, mas é parte integrante da constituição normal."²⁷

Ele vai, então, dedicar-se a "desmontar a rede de influências que determina a evolução da sexualidade infantil até chegar ou à perversão ou à neurose, ou seja, enfim, à vida normal".²⁸

SEGUNDO ENSAIO: A SEXUALIDADE INFANTIL

A partir da introdução desse ensaio sobre a sexualidade infantil, Freud, depois de considerar que esta havia sido até então totalmente ignorada, reavalia essa opinião, tendo tomado conhecimento de numerosos trabalhos publicados em sua época, mesmo que, em seu conteúdo, sejam divergentes das suas próprias teses.

O estudo da sexualidade infantil deve poder fornecer ensinamentos muito preciosos para a compreensão da sexualidade no adulto. Com efeito, os autores atribuem uma importância por demais considerável aos antecedentes hereditários, aliás muito difíceis de se avaliar, negligenciando esta outra pré-história que se encontra na existência de cada um de nós, a saber, a infância, e, seja como for, é impossível se referir aos antecedentes hereditários sem evocar os antecedentes pessoais. O principal motivo dessa omissão está na própria característica dessa pré-história constituída pela sexualidade infantil, que cede, efetivamente, a "esse curioso fenômeno de amnésia infantil que para a maioria dos indivíduos, senão para todos, cobre com um véu muito espesso os seis ou oito primeiros anos de suas vidas".²⁹ (Freud evoca, aqui, a maneira pela qual tentou resolver um dos problemas relativos às lembranças mais longínquas da infância, num artigo publicado em 1899, intitulado: "A lembrança encobridora"). A idéia dessa tese fundamental lhe adveio em linha direta a partir da observação da amnésia nos neuróticos. Logo, é a partir dessa pré-história, constituída pela sexualidade infantil que cede ao

recalque, que vai se edificar a sexualidade do adulto por ela determinada.

A instauração difásica do desenvolvimento sexual humano reconhecida por Freud permite-lhe afirmar que a sexualidade infantil constitui a matriz original da sexualidade adulta. Estudando-a, pode-se, sem dúvida, esclarecer esta última. Mas "resta saber quais são as forças que conduzem ao recalque as impressões infantis".³⁰

A disposição perverso-polimorfa

Freud mostra como as pulsões parciais se constituem na criança pela erotização das funções da necessidade (apoio do desejo na necessidade). O despertar das zonas erógenas para o prazer está ligado a múltiplas atividades, pelas quais se expressam as primeiras manifestações sexuais na criança: prazer de sugar, prazer de reter a matéria fecal, prazer obtido com a micção e a masturbação.

Freud nos oferece esse exemplo cativante do que é, para ele, o modelo da satisfação sexual em torno da qual se ordenariam todas as formas de satisfação que pode esperar o ser humano: "Quando se vê a criança, saciada, abandonar o seio, voltar a deitar no colo da mãe e, com as faces rosadas e um sorriso feliz, adormecer, não se pode deixar de dizer que esta imagem permanece o modelo e a expressão da satisfação sexual que ela virá a conhecer mais tarde."³¹

A sexualidade infantil apresenta três caracteres essenciais: 1) apóia-se numa função fisiológica essencial à necessidade; 2) É auto-erótica — Freud toma este termo de empréstimo a Havelock Ellis, considerando que a criança não conhece objeto sexual, e se satisfaz com seu próprio corpo (mais tarde, ele vai retomar essa problemática do objeto sexual); 3) o seu objetivo é determinado pela atividade da zona erógena correspondente à pulsão parcial,

na procura de uma satisfação que lhe seja apropriada e que repita um modo de satisfação já obtido anteriormente, cujo conhecimento, pensa Freud, não é obra do acaso (disposição orgânica, reconhecimento ligado às atividades de busca da criança).

A disposição perverso-polimorfa da sexualidade infantil não deve ser confundida com a perversão no adulto, mesmo que seja o potencial para esta última, assim como para toda a organização sexual do adulto.

Entretanto, Freud enfatiza que “a criança, em consequência de uma sedução, pode se tornar um perverso-polimorfo e ser levado a todo tipo de transgressões. Está, pois, predisposta a isso”.³² E ele faz, aqui, um paralelo interessante para nós, no sentido de que a perversão poderia se caracterizar por uma certa feminilização do sujeito: “Nessas circunstâncias a criança não se comporta do modo diferente que o faria, diante do sedutor, a média das mulheres, não tendo se submetido à influência da civilização e conservando assim uma disposição perverso-polimorfa.”³³

A evolução da sexualidade infantil

A evolução da sexualidade infantil se faz em função das pesquisas sexuais da criança, durante as quais ela arquiteta toda uma série de teorias que significam para ela outras tantas respostas mais ou menos satisfatórias para as questões que coloca: o mistério do nascimento, a concepção sádica das relações sexuais etc. A pulsão de saber, se não é assimilável a um componente da pulsão sexual, é, no entanto, fortemente colorida pela curiosidade sexual gerada pelo prazer obtido pela criança ao nível das zonas erógenas. Essas pesquisas sexuais da criança se polarizam, portanto, muito cedo, sobre a esfera sexual.

O curso desta evolução vai depender, evidentemente, de fatores orgânicos (amadurecimento do corpo) e fatores externos.

As fases do desenvolvimento da organização sexual

O interesse para nós reside no fato de que Freud vai formular, como um princípio da evolução da sexualidade, o primado da assunção fálica, o que faz da posse ou não do falo o elemento diferencial primordial na organização genital dos sexos. Vamos indicar aqui que esta problemática central para compreender a perversão vai demarcar todas as etapas da elaboração freudiana da perversão.

Freud divide esse desenvolvimento em duas etapas: fase pré-genital e fase genital.

A fase de organização da vida sexual na qual as "zonas genitais ainda não impuseram seu primado",³⁴ correspondem as fases "oral-canibalesca" e "anal-sádica", cada uma delas com seus componentes ativo-passivo, cuja polaridade masculino-feminino vai se afirmar pouco a pouco. Com efeito, Freud retoma aqui a questão do objeto. Enquanto anteriormente ele considerava que o que caracterizava a sexualidade infantil era a ausência de objeto, agora acrescenta: "Nesta fase do desenvolvimento da vida sexual, já se encontra a polaridade sexual e a existência de um objeto heteroerótico", mesmo que ainda falte "o assujeitamento das pulsões parciais à função de procriação", sob o primado do genital.³⁵

Logo, desde a infância, é feita a escolha de um objeto sexual, quando parecera a Freud que esta escolha seria característica da puberdade. A escolha se faz em dois tempos, separados pelo período de latência: "A primeira emergência se dá entre os dois e os cinco anos, depois se interrompe por um período de latência, que pode mesmo provocar uma regressão. Ela se caracteriza pela natureza infantil dos objetos sexuais. O segundo surgimento começa na puberdade, e determina a forma definitiva que irá assumir a vida sexual."³⁶

A afirmação da existência do período de latência é, para Freud, um dado de observação e de experiência. Ele a mantém como essencial determinante na evolução sexual, mesmo que não possa dar suas razões mais profundas. Durante esse período, a sexualidade infantil com disposição perverso-polimorfa cede ao recalque, sublimando uma progressiva repressão ligada a particularidades constitutivas hereditárias do indivíduo e a seus condicionamentos históricos (educação). Na realidade, mesmo "a evolução condicionada pelo organismo e fixada pela hereditariedade pode, às vezes, se produzir sem qualquer intervenção da educação".³⁷

A explicação hipotética da entrada em cena do processo de recalque é a seguinte: a sexualidade infantil não consegue obter plena satisfação sexual, e por isso a excitação repetida das zonas erógenas poderia, depois de algum tempo, produzir desprazer. "Essas excitações sexuais provocadas fariam, assim, entrar em cena forças contrárias ou reações, que, para poderem reprimir eficazmente essas sensações desagradáveis, estabeleceriam as barreiras psíquicas que nos são conhecidas (repugnância, pudor, moral)."³⁸

O período de latência é, pois, essa fase necessária e preparatória para a expansão da sexualidade, cujo movimento vai ressurgir na puberdade.

TERCEIRO ENSAIO: AS TRANSFORMAÇÕES DA PUBERDADE

"Com o início da puberdade aparecem transformações que levarão a vida sexual infantil até sua forma definitiva e normal."³⁹

A fase genital

Estas transformações de ordem fisiológica (maturação do corpo), às quais se conjugam as forças psíquicas, acarretam a

subordinação do movimento das pulsões parciais ao primado da zona genital. Ainda que a evolução sexual seja divergente no homem e na mulher, um novo objetivo sexual, para além do fim de obter prazer, está a partir de então fixado no sentido do assujeitamento ao serviço da reprodução da espécie.

O fator determinante dessa nova orientação está ligado à descoberta do objeto sexual e "o caráter normal da vida sexual é assegurado pela conjunção, em direção ao objeto e ao fim sexuais, de duas vertentes: a da ternura (que subsistiu da primeira escolha de objeto, na floração da sexualidade infantil) e a da sensualidade".⁴⁰

É no final desse ciclo evolutivo que encontrará sua forma definitiva a vida sexual do adulto, que será marcada por traços que terão singularizado o curso dessa evolução.

Colocando em oposição o prazer preliminar, ligado aos objetivos preliminares (os únicos "aos quais as pulsões sexuais infantis podem chegar, ainda que de uma forma rudimentar"⁴¹), ao prazer terminal do ato sexual normal (que só pode ser atingido na fase genital), Freud assinala seus perigos. Um prazer preliminar grande demais pode, com efeito, acarretar uma baixa na tensão pulsional, de sorte que, se essa tensão se torna excessivamente baixa, a força pulsional diminui e o sujeito não pode atingir a satisfação terminal. Cria-se um curto-circuito, e o processo sexual normal não pode se realizar no ato sexual. Resulta, então, que "o ato preliminar vai substituir o objetivo normal".⁴²

A zona erógena à qual corresponde a pulsão parcial já pôde contribuir de maneira excessiva na produção do prazer durante a vida infantil (que, vamos lembrar, não é genitalizada). "Se, mais tarde, se acrescentarem certas circunstâncias tendentes a criar uma fixação, vai surgir uma compulsão que se oporá a que o prazer preliminar se integre ao mecanismo novo. Numerosas perversões, com efeito, são caracterizadas por semelhante parada nos atos preparatórios."⁴³

Quanto mais cedo o primado da zona genital se tiver pré-formado na infância, menores serão "os riscos de abortamento

do mecanismo sexual",⁴⁴ conclui Freud, respondendo assim aos autores que faziam da manifestação da sexualidade na criança (principalmente na primeira infância) um elemento patógeno, quando para ele, e dentro de certos limites, a precocidade de sua aparição assume um sentido inteiramente diverso: "Tínhamos inicialmente exagerado a diferença entre a vida sexual infantil e a da idade adulta, e agora fazemos a necessária correção. As manifestações infantis da sexualidade não determinam apenas os desvios, mas também as formações normais da vida sexual adulta."⁴⁵

Introdução da teoria da libido

Sabe-se que esta não é contemporânea dos *Três ensaios*, já que vem depois da *Introdução ao narcisismo* de 1914. Vamos reservar alguns de seus elementos para nosso estudo, para integrar, mais adiante, em seu contexto, as novas teses que veicula.

Trata-se essencialmente, neste capítulo, de demonstrar como a descoberta do objeto na adolescência é apenas um reencontro, com relação ao objeto da primeira infância. Essa nova escolha de objeto é feita a partir de coordenadas de representação fixadas sob forma de traços no inconsciente, que é como a memória recalcada dessa espécie de pré-história que foi a sexualidade infantil. Ela é, de certa forma, a matriz do que será a sexualidade adulta, tanto em seus desvios quanto em suas normas.

Na fase pré-genital, a escolha de objeto é incestuosa, necessariamente. Seus ecos vão repercutir na escolha do objeto sexual na adolescência. Esta escolha depende da maneira pela qual foi transposto o desfiladeiro edipiano, no qual o complexo de Édipo se arma, com a assunção do primado do falo, tanto para a menina como para o menino.

Implicitamente, Freud indica dessa maneira que as perversões sempre têm a ver, ainda que numa relação distante, com a castração.

AS PERVERSÕES

Nos *Três ensaios*, Freud tenta desenvolver uma ampla teoria da sexualidade, dando ênfase à ontogênese. Como as psiconeuroses, as perversões são o resultado de distúrbios (ligados a múltiplos fatores) do desenvolvimento individual.

Mesmo recolocando em causa a noção de normalidade em matéria sexual, ele parte do princípio de que todo desvio da pulsão sexual quanto ao objeto e quanto ao fim é uma perversão, distinguindo ainda, pelos mecanismos de sua constituição, as perversões ativas (perversões verdadeiras) das perversões passivas (as psiconeuroses).

A vantagem de definir assim todo desvio ou aberração da função sexual é levar em conta o fato de que “a disposição à perversão é a disposição geral, original da pulsão sexual, só se tornando normal em razão de modificações orgânicas e inibições psíquicas sobrevindas durante o seu desenvolvimento”.⁴⁶

Se a sexualidade na criança tem uma disposição perverso-polimorfa de tendência auto-erótica, nem por isso ela é perversão. A criança pode, todavia, se tornar perverso-polimorfa sob determinadas influências, uma sedução por um adulto, por exemplo. Da infância à puberdade, e depois à idade adulta, a instauração difásica da sexualidade se dá mediante um desenvolvimento muito complexo, até atingir a sexualidade adulta, caracterizada por Freud pelo reencontro e escolha de um objeto sexual diferente da primeira escolha de objeto incestuoso. Durante essa evolução, sob a influência de modificações orgânicas (maturação do corpo) e inibições psíquicas que foram reforçadas no período de latência (repugnância, pudor, vergonha), as tendências à polaridade perversa se submetem à supremacia da zona genital (primado do falo); este é o processo pelo qual toda a vida sexual entra a serviço da reprodução, e a satisfação das primeiras tendências só tem importância na medida em que prepara e favorece o verdadeiro ato sexual.

A pulsão sexual não é um dado simples: é constituída pelas pulsões parciais ligadas ao órgão (zona erógena) do qual cada uma delas se origina. Essas pulsões parciais (elas mesmas compostas) se agrupam em pares antagônicos (por exemplo: pulsão de ver/pulsão de exhibir, pulsão sádica/pulsão masoquista etc.).

As pulsões nascem isoladamente, funcionam de modo anárquico e se desenvolvem de um modo relativamente independente, mesmo que terminem em geral por se submeter ao primado do genital, de sorte que imprimem, por sua intensidade, seu caráter dominante às manifestações da sexualidade normal ou patológica, tanto na criança quanto no adulto. Deve-se acrescentar, aqui, que a tendência perversa de toda pulsão não basta para qualificá-la como perversão. A pulsão não é a perversão, a qual só pode ser definida a partir de uma organização específica da vida sexual, segundo mecanismos particulares.

Compreende-se facilmente, frisa Freud, como uma organização sexual tão complexa pode apresentar distúrbios no decorrer de seu desenvolvimento: "Cada etapa desta longa evolução pode se transformar num ponto de fixação e cada agrupamento dessa complicada combinação pode dar lugar a uma dissociação da pulsão sexual."⁴⁷

O problema, agora, é saber se "essas alterações provêm de uma disposição inata, ou se são adquiridas".⁴⁸ E Freud acrescenta: "Os fatores não têm todos igual importância, e é difícil apreciar seu justo valor."⁴⁹ Com efeito, há interferências.

Fatores internos

As diferenças congênitas das constituições sexuais (constituições sexuais inatas) são difíceis de avaliar, mas a natureza e a preponderância de uma ou outra fonte interna de excitação sexual pode explicar a intensidade maior ou menor da pulsão sexual, que poderá, assim, manifestar-se na resultante final como dominante.

Essa diferença congênita, "mesmo que as condições hereditárias das perversões positivas não sejam conhecidas",⁵⁰ explicaria em parte porque as perversões positivas (perversões verdadeiras) são mais freqüentes no homem que as perversões passivas (psiconeuroses), as quais se observariam de preferência nas mulheres. Na época, Freud admitia que a pulsão sexual era mais forte no homem do que na mulher.

Para explicar as variações da pulsão na determinação das manifestações patológicas da sexualidade, os autores falam em fragilidade congênita e designam essas variantes pelo nome de "degenerescências". Essa noção de fragilidade congênita é substituída por Freud pela noção mais fecunda de fragilidade constitucional. Com efeito, a constituição sexual inata, isoladamente, não pode dar conta do surgimento de distúrbios. O que conta é a elaboração ulterior a partir dessa mesma constituição.

Nesse sentido, no próprio nível da pulsão, a libido encontra todas as condições favoráveis para o seu desvio da corrente principal no caráter intercambiável das satisfações pulsionais, na relativa contingência do objeto e nos fatores atuais da repressão cultural.

Mecanismos

Durante os surtos que caracterizam a evolução normal da sexualidade, se uma "fragilidade constitucional" da pulsão sexual, aplicada, por exemplo, à "zona genital", impedir a coordenação das pulsões parciais isoladas, sua integração não poderá se realizar: "será a mais forte dentre as outras componentes sexuais que irá prevalecer, sob forma de perversão",⁵¹ por dissociação ou por fixação, sempre acompanhadas de uma regressão a um estado anterior (regressão temporal).

Como já vimos, algumas componentes parciais da pulsão sexual podem ser afetadas pelo recalque e, no retorno do recalado, exteriorizar-se sob a forma de sintomas mórbidos. É o que

se passa nas psiconeuroses: "Sem que as antigas tendências desapareçam, a neurose substitui a perversão."⁵² E se Freud é capaz de dizer que "a neurose é o negativo da perversão",⁵³ é que os fantasmas *inconscientes* das neuroses (testemunhas das tendências perversas originais) são, até nos menores detalhes, idênticos ao fantasma *consciente* da perversão (perversão e neurose, portanto, são diferenciadas topicamente por Freud).

O mecanismo da sublimação consiste em que um avanço muito forte da pulsão sexual encontra derivações outras que não sexuais, as quais, por uma repressão ligada a formações reativas, enriquecem a vida psíquica: "Também se pode dizer que a disposição sexual da criança cria, por formação reativa, um grande número de nossas virtudes."⁵⁴

Se Freud considera que os impulsos sexuais, o recalque e a sublimação fazem parte das disposições constitucionais, e que seu mecanismo íntimo ainda é desconhecido, ele também diz que nessa elaboração ulterior entram em jogo fatores acidentais ligados a experiências vividas, os quais ele precisará retomar, pois a série de fatores constitucionais e a série de fatores ocasionais, longe de se excluírem, se conjugam.

Fatores constitucionais

Trata-se, principalmente, de três elementos, ligados à temporalidade, mais que à relação proporcional entre as pulsões:

"A precocidade sexual espontânea",⁵⁵ que pode interromper e até mesmo suprimir o período de latência, devido ao fraco desenvolvimento das inibições (repugnância, pudor, moral) e ao estado rudimentar do aparelho sexual e levar a perversões, ou então, após o recalque, a neuroses.

O fator tempo: "Não é indiferente que uma corrente surja mais cedo ou mais tarde que a corrente contrária."⁵⁶ Se a ordem de aparecimento das componentes da pulsão sexual variar, o seu resultado será alterado: "A tendência homossexual da pulsão

pode desaparecer cedo demais para contrabalançar a tendência homossexual.”⁵⁷

A perseveração: “Trata-se da perseveração, ou capacidade de fixação de impressões da vida sexual, caráter que se encontra nos futuros neuróticos ou perversos.”⁵⁸ Um de seus elementos seria a intensidade excessiva do prazer preliminar.

Fatores externos

Nessa série de causas acidentais para o distúrbio do desenvolvimento, Freud atribui um papel preponderante às experiências da primeira infância. Através dos fatores constitucionais, os fatores ocasionais encontram um terreno favorável para o exercício de sua influência, o que não facilita, evidentemente, a avaliação da importância relativa de cada um deles no desenvolvimento da sexualidade e de seus distúrbios.

Freud os diferencia em duas séries:

A série de predisposições onde se combinam a ação das experiências da primeira infância e fatores constitucionais: “Uma boa parte dos desvios sexuais que se podem observar no adulto neurótico ou perverso é devida a impressões sofridas durante a infância *soi-disant* assexuada.”⁵⁹

A série definitiva onde se vão combinar a ação das predisposições e a ação das experiências traumatizantes ulteriores. Dessa complementariedade de fatores constitucionais e acidentais Freud tira a seguinte conclusão: “Todas as circunstâncias desfavoráveis ao desenvolvimento sexual têm por efeito produzir uma regressão, isto é, um retorno a uma fase anterior do desenvolvimento”,⁶⁰ pois, prossegue ele, “estaríamos equivocados se referíssemos exclusivamente as perversões a tendências infantis que se tivessem fixado, e é preciso considerá-las também como uma regressão para essas tendências pelo fato de que outras correntes da vida não puderam ter livre desenvolvimento. Eis porque as perversões

positivas podem também ser tratadas pelos procedimentos da terapia analítica".⁶¹

Nesses três ensaios, os principais critérios mantidos por Freud para definir a perversão podem, portanto, se resumir esquematicamente assim:

A perversão é uma posição subjetiva (e não uma manifestação instintual) sustentada por um fantasma *consciente*, que o sujeito pode ser levado a realizar em condutas agenciadas de acordo com a cena do fantasma, à diferença da neurose, que é o negativo da perversão, mas cujos fantasmas perversos são *inconscientes*. Logo, perversão e neurose são topicamente distintas. Vamos acrescentar que, enquanto posição subjetiva, a perversão se constitui no Édipo, e tem uma relação, ainda que remota, com a castração. Sabe-se que desenvolvimentos fecundos Freud irá dar a esta tese.

As derivações perversas se produzem, no decorrer do desenvolvimento sexual, segundo mecanismos bastante complexos, mas distintos do recalque que caracterizaria a neurose.

A partir da disposição perverso-polimorfa da sexualidade infantil, que não é a perversão, elas se constituem seja por *fixação* a uma etapa infantil, seja por *dissociação* das pulsões numa etapa posterior.

De fato, toda parada no desenvolvimento produz uma regressão a uma etapa anterior (regressão temporal) que se fixa nesse estágio. A componente principal é reforçada na idade adulta e impõe sua dominância tendencial (ativo-passivo, sádico-masoquista, voyeurista-exibicionista) às formas de manifestação da vida sexual do sujeito.

A pulsão *não* é a perversão, já que esta última só se constitui depois de toda uma série bastante complexa de transformações da pulsão sexual. É uma forma de idealização da pulsão no seu próprio processo, acompanhada de uma supervalorização sexual do objeto. Nesse processo de idealização intervém a intensidade do prazer preliminar. Por isso, os atos preliminares são preferidos ao ato normal, e o substituem — tanto mais que a valorização

do objeto, ou os perigos atribuídos ao ato sexual podem engendrar ou confirmar uma impotência genital. Daí resulta uma espantosa fixidez da prática, até mesmo uma exclusividade total. Além disso, o tipo de objeto escolhido não permite qualificar a perversão.

NOTAS

- 1 Freud, S. *Trois essais sur la théorie de la sexualité* (1905), Idées, Gallimard, 1974. (ESB: *Três ensaios sobre a sexualidade*, v. VII.)
- 2 Ibid. Prefácio à terceira edição (1914), p. 7.
- 3 Ibid. Primeiro ensaio: "Les Aberrations sexuelles", p. 17. (ESB, v. VII).
- 4 Ibid. p. 18.
- 5 Ibid. p. 19.
- 6 Ibid. p. 28.
- 7 Ibid. p. 31.
- 8 Ibid. p. 31.
- 9 Ibid. p. 33.
- 10 Ibid. p. 35.
- 11 Ibid. p. 40.
- 12 Ibid. p. 40.
- 13 Ibid. p. 42.
- 14 Ibid. p. 43.
- 15 Ibid. p. 43.
- 16 Ibid. p. 43.
- 17 Ibid. p. 45.
- 18 Ibid. p. 49.
- 19 Ibid. p. 49.
- 20 Ibid. p. 50.
- 21 Ibid. p. 52.
- 22 Ibid. p. 54.
- 23 Ibid. p. 54.
- 24 Ibid. p. 54.
- 25 Ibid. p. 56.
- 26 Ibid. p. 54.
- 27 Ibid. p. 61.
- 28 Ibid. p. 62.
- 29 Ibid. Segundo ensaio: "La sexualité infantile", p. 66.
- 30 Ibid. p. 67.
- 31 Ibid. p. 74.
- 32 Ibid. p. 86.
- 33 Ibid. p. 86.

- 34 Ibid. p. 96.
- 35 Ibid. p. 96.
- 36 Ibid. p. 98.
- 37 Ibid. p. 70.
- 38 Ibid. p. 70.
- 39 Ibid. Terceiro ensaio: "Les transformations de la puberté", p. 111.
- 40 Ibid. p. 112.
- 41 Ibid. p. 116.
- 42 Ibid. p. 118.
- 43 Ibid. p. 118.
- 44 Ibid. p. 118.
- 45 Ibid. p. 119.
- 46 Resumo, *Trois Essais sur la théorie de la sexualité*, p. 146 (ESB, v. VII).
- 47 Ibid. p. 153.
- 48 Ibid. p. 145.
- 49 Ibid. p. 152.
- 50 Ibid. p. 154.
- 51 Ibid. p. 155.
- 52 Ibid. p. 156.
- 53 Ibid. p. 156.
- 54 Ibid. p. 157.
- 55 Ibid. p. 159.
- 56 Ibid. p. 160.
- 57 Ibid. p. 160.
- 58 Ibid. p. 161.
- 59 Ibid. p. 163.
- 60 Ibid. p. 159.
- 61 Ibid. nota 87, p. 188.

IV

Dos Três Ensaaios à Metapsicologia 1905-1915

Durante esse período, Freud vai retomar, confirmar e precisar as teses que já estabelecera solidamente nos *Três ensaios*, acrescentando-lhes as correções que se fizeram necessárias por suas novas elaborações, e notadamente duas teses fundamentais: a da recusa, pela criança, da falta fálica na mãe, prolongada posteriormente pelo conceito de desmentido (*Verleugnung*), como mecanismo específico e como denominador comum de todas as formas de perversão; e as diferentes modalidades de escolha de objeto no contexto do narcisismo.

Daí resulta que as razões que presidiram a essa escolha, e não o tipo de objeto, é que permitem qualificar a perversão.

Freud, mesmo que tenha insistido sempre no profundo enraizamento do aparelho psíquico no organismo, liberta definitivamente a concepção que criou de seus limbos biologizantes, sem no entanto fundá-la na pura psicogênese. Assim a pulsão, já situada nos *Três ensaios* no limite entre o biológico e o psíquico, demonstra estar, de fato, presa ao sistema de suas representações relativas à linguagem. Seu movimento está submetido ao jogo da gramaticalidade, que regula seu destino e estrutura seu trajeto de ida e volta, depois de haver contornado o objeto, indiferente à sua natureza, com relação ao objetivo mais próximo da pulsão, que é a satisfação.

Os componentes antagonistas da pulsão (ativo/passivo; ver/ser visto; sofrer/fazer sofrer), definidos inicialmente como o acoplamento de pulsões antagonistas (dissociadas no caso de perversão) são, de fato, apenas a tradução de duas vertentes do movimento de reversão da pulsão, num momento em que a abordagem feita por Freud não permitia a este distingui-los de outra maneira. Entretanto, ele é explícito o bastante para que, desde o começo, não se confunda a pulsão com a perversão, a qual só pode se definir a partir da posição do sujeito em sua relação com o objeto, observável no fantasma. Será preciso, no entanto, demonstrar para que serve o fantasma e como ele funciona na perversão, que lugar ocupa ali o sujeito, e qual o papel do objeto.

Em 1908, em seu texto "Os fantasmas histéricos em sua relação com a vida sexual", Freud recorda mais uma vez que "os fantasmas inconscientes das histéricas correspondem plenamente quanto ao seu conteúdo às situações de satisfação que as perversões realizam conscientemente".¹

Ora, se Freud separa os fantasmas *inconscientes* da neurose dos fantasmas *conscientes* da perversão, que podem se transformar em condutas agenciadas, ele não exclui absolutamente sua encenação na neurose: "Conhece-se bem, aliás, o caso, cuja importância prática também é grande, de histéricas que não expressam seus fantasmas sob forma de sintomas, mas sim numa realização consciente, imaginando assim, e encenando atentados, sevícias e agressões sexuais."²

Não apenas, nos neuróticos, as tendências perversas recalcadas podem se tornar conscientes, mas também podem, ocasionalmente, se realizar em atos imaginários, até mesmo reais — de modo menos freqüente, é verdade, mas ainda assim o bastante para que a distinção entre neurose e perversão seja praticamente impossível de se fazer numa abordagem superficial de seus comportamentos.

Em seu artigo do mesmo ano, "Sobre a moral sexual civilizada", retomando sua tese sobre o desenvolvimento da sexualidade no quadro de uma subjetividade, que vai "do auto-erotismo

ao amor do objeto”,³ Freud distingue dois tipos de perversão ligadas a distúrbios do desenvolvimento que não se produzem no mesmo momento. São eles “os diversos gêneros de perversos nos quais uma fixação infantil com um objetivo sexual provisório impede a subordinação da sexualidade ao primado do genital” e “os homossexuais ou invertidos, nos quais o objetivo sexual foi desviado do sexo oposto”.⁴

A parte essa inversão quanto à escolha do objeto, certos homossexuais podem ter uma vida sexual absolutamente normal, acentua Freud. Além disso, eles “se distinguem, mesmo, frequentemente, pelo fato de que sua pulsão sexual é particularmente apta à sublimação cultural”,⁵ o que não é o caso dos neuróticos. Mas isso equivale a sublinhar, uma vez mais, como o diagnóstico diferencial pode ainda ser mais problemático neste caso.

Afinal, a interrupção do desenvolvimento, que acarreta uma regressão temporal a um estado infantil da sexualidade, até mesmo a uma fixação preferencial de uma tendência que se expressa de forma prevalente (Freud, nessa época, não se decidiu a favor da existência de um recalque na perversão), não é específica da perversão. Tanto a regressão como a fixação parcial são observadas também na neurose, e a componente interessada — já que não é a pulsão sexual em seu conjunto que é afetada — pode mesmo, uma vez recalcada, fazer sentir suas exigências na vida sexual, em geral inibida. Sua influência não se exerce apenas através dos sintomas do sujeito, ou nos fantasmas inconscientes que causam seus sintomas, mas também nos fantasmas conscientes que ele é perfeitamente capaz de encenar.

Essas considerações, aliás, não invalidam absolutamente a formulação freudiana de que a neurose é o negativo da perversão, nem mesmo que as perversões ativas (perversões verdadeiras) seriam observáveis principalmente nos homens, enquanto as perversões passivas (as psiconeuroses) afetariam mais as mulheres. Seria preciso, no entanto, nuançar esta última afirmação e dar suas verdadeiras razões. A distinção entre neurose e perversão deve ser feita, portanto, num outro nível.

A intuição daquilo que Freud, mais tarde, vai conceituar como o desmentido da castração (*Verleugnung*), que já está contida, em potencial, desde essa época, bem como as razões que levam à escolha de objeto, vão fornecer as argumentações decisivas nesse sentido.

O DESMENTIDO DA CASTRAÇÃO

Uma tese muito fecunda vai emergir em 1908 nas "Teorias sexuais infantis".⁶ Ela está na linha direta das observações de Freud e reside, mas de maneira implícita, na análise do pequeno Hans, terminada em 1908 e publicada em 1909.

Essa tese se baseia na idéia de que todas as crianças, em suas teorias sexuais, atribuem "a todos os seres humanos, incluindo os homens e as mulheres, um pênis".⁷ E Freud prossegue: "Com muita regularidade, quando o menininho vê as partes genitais de uma irmãzinha, suas afirmações mostram que seu preconceito já é forte o bastante para violentar essa nova percepção: em vez de constatar a falta do membro, ele diz freqüentemente, à guisa de consolo e de conciliação, que o pênis ainda é pequeno".⁸ Em suma, recusa-se, com maior ou menor convicção, a essa evidência, e, como traço dessas impressões infantis, "a representação da mulher com pênis reaparece mais tarde nos sonhos do adulto",⁹ testemunhando que ele jamais renunciou, em seu inconsciente, a sua atitude infantil.

Encontramos em Freud, pela primeira vez, essa recusa da percepção da castração pela criança, a qual, se perseverar, vai retornar sob a forma dessa figura da mulher com pênis, dando origem ao fantasma da mulher fálica.

Veremos, em seguida, o conceito dado por Freud a essa descoberta, através dos textos principais nos quais ele a examina, em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910), em "O falso reconhecimento" (1913) e "Um caso clínico de fetichismo", exposto numa jornada científica em Viena, em 1914,

até chegar, em 1925, ao conceito específico de desmentido (*Verleugnung*), e em "Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos", que encontrará seu remate no texto sobre o feticismo de 1927, retomado e terminado em 1938 em "A divisão do ego no processo de defesa".

É, pois, em relação com a castração que Freud começa a descrever um mecanismo novo, que ele ainda não designa pelo termo "desmentido": "Se essa representação de mulher com pênis se fixar na criança, resistirá a todas as influências posteriores da vida e tornará o homem incapaz de renunciar ao pênis em seu objeto sexual, e tal indivíduo, com uma vida sexual sob outros aspectos normal, vai se tornar necessariamente um homossexual".¹⁰

Sem explicá-las melhor, depois de ter distinguido dois tipos de perversão — aquelas ligadas a uma fixação da libido num estágio muito precoce (voyeurismo, exibicionismo, mas também o feticismo), e aquelas constituídas mais tardiamente, como o homossexualismo — Freud vai lhes atribuir um denominador comum: o horror e a recusa à castração. Vamos deixar, por ora, essa imprecisão, mas observando — não sem motivo — que Freud, curiosamente, só fala do que acontece com os meninos.

No homossexual, a recusa em renunciar ao pênis em seu objeto sexual é determinada pelo fato de que "as partes genitais da mulher, quando são percebidas, mais tarde, e consideradas inúteis, evocam essa ameaça, e por essa razão provocam, no homossexual, horror em lugar de prazer".¹¹ Isso, então, não deixa de intervir na escolha do objeto.

A ESCOLHA DO OBJETO

Devemos nos lembrar de que Freud, ao demonstrar, nos *Três ensaios*, a relativa contingência do objeto do ponto de vista da pulsão, chegou a dizer que o tipo de objeto escolhido (o parceiro sexual) não permitia definir, menos ainda especificar, esta ou aquela pulsão. Todavia, em 1909, na quarta de suas *Cinco lições*

de psicanálise,¹² Freud faz contribuições suplementares relativas à escolha do objeto: "Devemos corrigir cuidadosamente as omissões, pelo fato de que voltamos nossa atenção para as manifestações somáticas, mais do que para as manifestações psíquicas da vida sexual."¹³

Com efeito, ao lado das atividades propriamente auto-eróticas da criança (chupar o dedo, onanismo da primeira infância, prazer da micção e da defecação), "as primeiras manifestações da pulsão sexual propriamente dita, isto é, da libido na criança (prazer de ver e de exhibir, prazer de fazer sofrer etc.), já pertencem ao estágio da escolha do objeto, escolha na qual uma outra pessoa se torna essencial."¹⁴

A escolha do objeto na fase pré-genital ainda é, por algum tempo, independente da diferença entre os sexos, dependendo do instinto de conservação e não do instinto sexual, e recai, portanto, em função da necessidade, sobre o adulto provedor de alimento ou protetor. "Mas, à medida que as tendências se submetem à supremacia da zona genital, a satisfação das primeiras tendências não tem mais importância, a não ser na medida em que favorece e prepara o ato sexual: o desejo por uma outra pessoa expulsa o auto-erotismo, de modo que na vida sexual amorosa todos os componentes do instinto sexual tendem a encontrar sua satisfação junto à pessoa amada."¹⁵

Assim, na escolha que incide sobre o objeto amado, a diferença sexual só vai ter importância no momento em que o primado do genital estiver em vias de se realizar. Obedecendo aos impulsos vindos dos pais, cuja ternura tem um caráter nitidamente sexual, ainda que inibido quanto a seus fins, a criança responde assim: o menino normalmente escolhe a mãe, e a menina, o pai. Freud enfatiza: "É inevitável, e absolutamente lógico, que a criança faça de seus pais o objeto de sua primeira escolha amorosa. Todavia, a libido não deve permanecer fixada nesses primeiros objetos. Ela deve se contentar em tomá-los, mais tarde, como modelos, e passar deles para outras pessoas: a criança deve se separar de seus pais."¹⁶

Evidentemente, um desenvolvimento tão complexo, que não é mais, aqui, simplesmente de ordem biológica, mas que, acompanhando a ordem do amadurecimento do corpo, estrutura-se ao mesmo tempo no contexto do Édipo, pode sofrer alguns distúrbios que não deixam de ter consequências. Por exemplo, "pode acontecer que os instintos parciais não se submetam todos ao domínio das zonas genitais, e um instinto que permanece independente forma aquilo a que se chama uma perversão".¹⁷ Mas pode também acontecer que o auto-erotismo não seja superado: "A primitiva equivalência entre os dois sexos como objetos sexuais pode persistir, de onde resultará, na vida do homem adulto, uma inclinação para a homossexualidade, que ocasionalmente poderá chegar até a homossexualidade exclusiva."¹⁸ Da mesma maneira, na neurose, "a fixação parcial pode se produzir, representando agora um ponto fraco na estrutura da função sexual".¹⁹

Por causa deste ponto fraco na estrutura da função sexual, e por ocasião de obstáculos encontrados na idade adulta, o recalque realizado pelas diferentes circunstâncias da educação e do desenvolvimento pode se romper e levar ao infantilismo generalizado da vida sexual.

Deveríamos concluir, aqui, que em algumas perversões ou neuroses, a escolha do objeto independente da diferença dos sexos poderia ser enganadora. Assim, uma escolha aparentemente heterossexual poderia, de fato, mascarar uma perversão homossexual verdadeira, e uma escolha homossexual ser apenas a expressão de uma neurose, e não de uma verdadeira perversão.

Freud lembra ainda que, se se limitar demais a sexualidade ao domínio da reprodução, "fica-se na impossibilidade de compreender as perversões, bem como a relação que existe entre perversão, neurose e vida sexual normal".²⁰

Logo, não é o tipo de objeto que qualifica e especifica a perversão, mesmo que ele não seja de todo indiferente. É preciso relacioná-lo com os mecanismos que presidiram a esta escolha.

Em 1910, em seu texto *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, Freud vai formular, nos casos de perversão, a

escolha do objeto feita em função do medo da ausência de pênis no parceiro, ou seja, da relação do sujeito com a castração. Ele introduz ali a função da mulher fálica, isto é, a novidade da relação do falo enquanto falta, sublinhando a importância da mulher fálica, não para aquela que é seu sujeito, mas para a criança.

Ele também menciona, pela primeira vez, o narcisismo. Origina-se assim, como tal, a estruturação do registro do imaginário em sua obra. Nesse longo estudo centrado na estranheza do personagem Leonardo da Vinci, Freud se interroga e insiste em sua atividade de tal maneira paradoxal, "atividade no limite entre o realizável e o impossível", que vai deduzir de sua relação com a mãe. Esta relação, com efeito, está na origem da sublimação que deixará morta a sexualidade de Leonardo da Vinci. A sublimação seria, pois, uma dessubjetivação progressiva do objeto sexual, com ênfase em sua objetivação, até levá-lo à incandescência da perfeição. O sujeito lhe dedicará o máximo de seu interesse, com a consequência de um esquecimento, de um total recalçamento de sua vida sexual. Com efeito, "Leonardo vai se comportar em toda a sua vida sentimental como um homossexual platônico. O fantasma do abutre não teria a marca de algum laço causal entre as relações deste último com a mãe?"²¹ Freud termina por fazer de Leonardo da Vinci um obsessivo.

A mãe fálica

Freud indica que em suas investigações sexuais "a percepção direta diz que, de fato, há alguma coisa diferente, mas a criança não é capaz de extrair o conteúdo dessa percepção e aceitar a impossibilidade de descobrir o membro viril nas meninas. O membro falta, eis uma coisa inquietante e insuportável".²² Ora, em certos casos, "a fixação no objeto antes ardentemente cobiçado, o pênis da mulher, deixa traços indeléveis na vida psíquica da criança, na qual esse estágio de investigação sexual infantil

apresenta uma intensidade particular. O fetichismo do pé e do calçado feminino só parece se sustentar como um símbolo, um *Ersatz* do membro adorado do tempo da infância, e depois perdido. Os fetichistas cortadores de mechas de cabelos desempenham, sem saber, o papel de pessoas que executariam, no órgão feminino, o ato da castração".²³

Podemos destacar aqui três elementos novos: 1) A perversão fetichista é a manifestação consciente, análoga à de uma lembrança encobridora, de uma impressão da infância que foi recalçada. Para Freud, ao que parece, há recalque na perversão e não apenas fixação e expressão direta de uma pulsão dominante. 2) Não é mais o pênis real que está em jogo nesse caso, mas o falo como símbolo da ausência de pênis. 3) Enfim, se compreendermos bem o processo aqui descrito por Freud, ele não o designa ainda pelo nome de desmentido. Nessa divisão do sujeito diante da realidade, a criança ao mesmo tempo reconhece a ausência do pênis na mãe, conforme a realidade, e a nega, substituindo-a por um *Ersatz*, um símbolo, conforme seu desejo.

As razões da escolha do objeto na perversão

Freud coloca a relação do sujeito com a castração como determinante de sua posição subjetiva no fantasma. Ele considera que esta é a razão principal para a escolha deste ou daquele objeto sexual: "O amor pela mãe não pode acompanhar o curso do desenvolvimento consciente, e é derrubado pelo recalque. O menino recalca o amor pela mãe colocando-se no lugar desta, identificando-se com ela, e toma, então, sua própria pessoa como o ideal à imagem do qual escolhe seus novos objetos de amor. Torna-se, assim, homossexual, ou melhor, retorna ao auto-erotismo, e os rapazes que o menino, ao crescer, vai amar são substitutos, novas edições de sua própria pessoa infantil. E ele os ama à maneira pela qual sua mãe o amou em criança."²⁴

Primeiras conclusões

Para Freud, o que permite caracterizar a própria estrutura da perversão é, pois, a posição do sujeito no fantasma, e não simplesmente o tipo de objeto escolhido. Já se pode perceber que o sujeito se feminiliza na sua identificação com a mãe. Quanto ao objeto, este é um duplo narcísico do sujeito. Não se veria, já nesta época, o prenúncio da tese da divisão subjetiva característica do sujeito na perversão? Esta hipótese dá um sentido inteiramente diverso ao auto-erotismo que Freud reconhece nas perversões, e vai nos permitir, posteriormente, compreender melhor qual o papel atribuído ao objeto pelo sujeito perverso.

Enfim, neste estudo, Freud introduz pela primeira vez o termo "narcisismo", escrevendo: "Dizemos que ele escolhe os objetos de amor, seguindo o modo do narcisismo conforme a lenda grega do jovem Narciso".²⁵ Sabe-se que mutação profunda vai representar na sua obra a introdução deste conceito.

Além disso, sem renunciar definitivamente a ela — pois sempre sustentou as raízes biológicas da sua doutrina — não é mais, realmente, à teoria da bissexualidade, nem ao papel determinante dos fatores constitucionais, que Freud se refere para definir as perversões, como também as neuroses e as psicoses, mas sim a uma teoria da subjetivação problemática do sexo, na qual se afirma, sempre de modo mais nítido, a importância atribuída ao primado do falo. O caso do pequeno Hans é a própria ilustração disso. Dessa recusa do sujeito em admitir, ao mesmo tempo em que a reconhece, a ausência do pênis na mãe, Freud origina toda uma série de perversões, que vão desde o fetichismo até a homossexualidade, ou seja, da mais simples à mais complexa das suas formas. Essas perversões não se especificam apenas pela qualidade do objeto, mas pelas modalidades de escolha que são determinadas pela posição do sujeito no fantasma.

Em 1913, em seu artigo "O falso reconhecimento",²⁶ partindo de toda uma série de fenômenos que considera como análogos — o *déjà vu*, o *déjà raconté*, o *déjà entendu* (já visto, já relatado, já ouvido) — Freud tenta, novamente, este fenômeno da percepção infantil errônea de um pênis na mãe, que relaciona com o complexo de castração. Isso mostra como ele pressente a sua importância. Ele evoca a alucinação do dedo cortado do Homem dos Lobos, e observa: "No que se refere à visão do paciente, observo que no caso do complexo de castração em particular, essas espécies de erros alucinatorios não são raras, e podem igualmente ser utilizadas para modificar percepções desprazerosas."²⁷ Este fato lhe é confirmado pelo relato de uma lembrança feito por um paciente, que lhe volta à memória justamente depois da leitura do texto de Freud sobre Leonardo da Vinci. Este paciente lhe conta que, na época em que atravessava o período de investigação sexual, um feliz acaso lhe "ofereceu a ocasião de contemplar os órgãos genitais de uma amiguinha da mesma idade; ao fazê-lo, ele viu, claramente, um pênis do mesmo tipo que o seu".²⁸

Deve-se assinalar como um marco, anunciando uma nova era muito fecunda, o artigo intitulado "A disposição para a neurose obsessiva",²⁹ que poderia completar, no que se refere à perversão, a explicação dada por Freud para as razões da escolha da neurose: "A disposição neurótica, inerente à história do desenvolvimento, só se completa quando faz entrar em jogo, da mesma maneira que a fase de desenvolvimento da libido, aquela do desenvolvimento do eu na qual tem lugar a fixação."³⁰ Ora, Freud precisa aí que "os estágios de desenvolvimento das pulsões do eu são, até agora, muito pouco conhecidos".³¹

Sabe-se que ele irá se esforçar para obter uma solução, o que vai lhe permitir ao mesmo tempo trazer um novo esclarecimento aos problemas colocados pelas perversões.

Uma primeira indicação é trazida por seu texto "Sobre o narcisismo: uma introdução"³² de 1914. Freud lembra, ali, que a

libido objetal mascarou sua observação da libido do eu, porque “as primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são vividas em conjunto com o exercício de funções vitais que servem para a conservação do indivíduo. As pulsões sexuais se apóiam inicialmente na satisfação das pulsões do eu”.³³ Elas só vão se tornar independentes mais tarde, mas este apoio se revela no fato de que as primeiras escolhas de objetos sexuais, a mãe ou seu substituto, recaem sobre adultos que alimentaram e protegeram a criança. Ora, ao lado deste tipo de escolha por apoio, “a pesquisa psicanalítica nos deu a conhecer um segundo, que não esperávamos encontrar. Descobrimos, com uma evidência particular nas pessoas cujo desenvolvimento libidinal está perturbado, como os perversos e os homossexuais, que eles não escolhem seus objetos de amor posteriores sobre o modelo da mãe, mas sim sobre o de sua própria pessoa. Evidentemente, eles se procuram a si mesmos como objeto de amor, apresentando o tipo de escolha de objeto a que se pode chamar narcísico”.³⁴ Freud indica que foi sobretudo a partir dessas observações que ele foi levado a expor a hipótese do narcisismo. Mas acrescenta também que não se trata de concluir que os seres humanos se dividiriam em dois grupos rigorosamente distintos, segundo o tipo de escolha de objeto: “Preferimos levantar a hipótese de que os dois caminhos que levam à escolha estão abertos a todos os seres humanos, de sorte que um ou outro pode ter a preferência.”³⁵ Resulta daí que o ser humano tem dois objetos sexuais originários: ele mesmo e a mulher que lhe proporcionou os primeiros cuidados, e Freud supõe a existência de “um narcisismo primário de todo ser humano, narcisismo que pode, eventualmente, vir a se expressar de forma dominante em sua escolha de objeto”,³⁶ e sublinha que “vai permanecer num outro contexto, a ser apreciado, a importância da escolha do objeto narcísico na homossexualidade masculina”.³⁷ Isso bem demonstra a importância dada por ele a todas essas hipóteses sobre as razões da escolha do objeto, notadamente para a compreensão da perversão.

**1914: UM CASO CLÍNICO
DE PERVERSÃO FETICHISTA**

É um caso tirado de sua prática que Freud expõe numa conferência, durante uma jornada científica da Sociedade Psicanalítica de Viena, em 11 de março de 1914, sob o título: "Um caso de fetichismo do pé".³⁸ É interessante seguir a concepção que ele lhe dá, pois nela integra praticamente todas as descobertas que fez até então.

Trata-se de um caso de fetichismo num sujeito de 47 anos, que se tratou brevemente, e sem sucesso. Este paciente sofria de uma impotência psíquica. As particularidades do caso e a reconstrução do desenvolvimento sexual do doente permitiram lançar uma nova luz sobre a gênese dessa perversão, na qual entram em jogo, de maneira combinada, as premissas constitucionais e acidentais desta atitude.

Os fatores constitucionais são "a disposição bissexual primária, de que vai depender a atividade ou passividade, determinante para se chegar à neurose ou à perversão",³⁹ e "um exagerado acentuamento da erogeneidade do pé";⁴⁰ os fatores acidentais são "uma estimulação precoce e anormal, que parece ter tomado o pé como objeto; a estimulação veio, sem dúvida, da mãe, que era ela própria sexualmente anormal";⁴¹ e um distúrbio do desenvolvimento engendrado pela ameaça de castração vinda do pai, combinando-se com a visão dos órgãos genitais da irmã, por volta do sexto ano de idade.

A perversão fetichista do adulto vai se constituir em dois tempos.

Na primeira infância, ocorreu a primeira cena traumática e a perturbação por ela criada produziu uma regressão e uma fixação num estágio particular da investigação sexual infantil, mais precisamente no momento em que o sujeito, que tentava ver as partes genitais, acreditava ver o pênis na mulher. Neste caso, foi

para a irmã, e não a mãe, que se deslocou o seu interesse. O objeto escolhido se torna "o ideal de pé esguio e reto que o excita".⁴² O pé é eleito porque assume a significação simbólica de ser o pênis que falta à mulher, devido à castração. Testemunha sua recusa em admitir o fato de que "o paciente sonha que sua mulher tem um pênis".⁴³

A perversão já está fixada na primeira infância, como o demonstra o interesse desse menino de seis anos pelo pé de sua governanta inglesa. Ela vai, porém, continuar latente até a puberdade. Freud se ergue, assim, contra a teoria de Binet, acreditando, com efeito, que a perversão se constitui durante essa pré-história da sexualidade infantil, e duvida que novas fixações patógenas possam se produzir depois do sexto ano de vida.

O segundo tempo é o da constituição definitiva da perversão. O primeiro trauma, "esquecido", se repete na adolescência como um segundo trauma, ligado aos modos de um educador que recorda para o sujeito as ameaças de castração do pai. Esse medo da castração é avivado pelo terror gerado à visão dos órgãos genitais femininos, e o risco que o sujeito supõe nas relações sexuais. A partir de então a impotência sexual aparece, e a perversão fetichista se cristaliza. Do ponto de vista comportamental, ela aparece como uma regressão temporal ao estágio infantil no qual se fixou.

Esta observação acentua bem o caráter fundamental sempre afirmado por Freud, a saber, que por trás da primeira lembrança referida à formação de um fetiche, se encontra uma fase ultrapassada e esquecida do desenvolvimento sexual, representada pelo fetiche como lembrança encobridora, mas que é apenas um resíduo seu e, por assim dizer, seu precipitado.

O caso de Freud apresenta uma particularidade: a atitude fetichista do sujeito é acompanhada por uma tendência masoquista por demais marcante para poder ser considerada como acessória. Seu fetichismo e sua atitude masoquista resultariam do comportamento da criança com relação à intimidação sexual: "Por um lado ele vai se debater e defender o seu pênis (fetichis-

mo), por outro lado aceitará a castração e se resignará ao papel feminino (masoquismo).”⁴⁴

Reencontramos, novamente formulado por Freud, o mecanismo do desmentido da castração que divide o sujeito, mas também a observação de que, na perversão, o sujeito adotaria uma posição feminina. É um ponto capital.

Freud vai concluir sua conferência de maneira atraente, nesses termos: “A fórmula mais breve para o feticlista do pé seria: um *voyeur* secreto masoquista.”⁴⁵

Freud alinha, pois, fetichismo, voyeurismo e masoquismo. Uma estrutura comum a todas essas perversões deve poder ser elaborada.

NOTAS

- 1 Freud, S. “Les fantasmes hystériques et la bisexualité”. In: *Névrose, psychose et perversion* (p. 149 a 155), PUF, 1974, p. 152. (ESB: *Fantasia histericas e sua relação com a bissexualidade*, v. IX.)
- 2 Ibid. p. 152.
- 3 Freud, S. “La morale sexuelle civilisée”. In: *La vie sexuelle* (p. 28 a 46), PUF, 1969, p. 34. (ESB: *Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna*, v. IX).
- 4 Ibid. p. 35.
- 5 Ibid. p. 35.
- 6 Freud, S. “Les théories sexuelles infantiles”. In: *La vie sexuelle* (p. 14 a 27), PUF, 1969. (ESB: *Sobre as teorias sexuais das crianças*, v. IX).
- 7 Ibid. p. 19.
- 8 Ibid. p. 19.
- 9 Ibid. p. 20.
- 10 Ibid. p. 20.
- 11 Freud, S. Quarta Lição, *Cinq leçons sur la psychanalyse*, Petite Bibliothèque Payot, 1975, p. 46 a 57. (ESB: *Cinco lições de psicanálise*, v. X).
- 12 Ibid. p. 55.
- 13 Ibid. p. 52.
- 14 Ibid. p. 52.
- 15 Ibid. p. 57.
- 16 Ibid. p. 53.
- 17 Ibid. p. 54.
- 18 Ibid. p. 54.

- ¹⁹ Ibid. p. 55.
- ²⁰ Freud, S. *Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci*, Idées, Gallimard, 1980. (ESB: *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, v. XI).
- ²¹ Ibid. p. 77.
- ²² Ibid. p. 72.
- ²³ Ibid. p. 74.
- ²⁴ Ibid. p. 80.
- ²⁵ Ibid. p. 80.
- ²⁶ Freud, S. "De la fausse reconnaissance". In: *La technique psychanalytique*, PUF, 1972, p. 72 a 79. (ESB: *Fausse Reconnaissance* ("Déjà Raconté") no tratamento psicanalítico, v. XIII).
- ²⁷ Ibid. p. 77.
- ²⁸ Ibid. p. 78.
- ²⁹ Freud, S. "La disposition à la névrose obsessionnelle". In: *Névrose, psychose et perversion*, PUF, 1974, p. 189 a 197. (ESB: *A disposição à neurose obsessiva — uma contribuição ao problema da escolha da neurose*, v. XII).
- ³⁰ Ibid. p. 196.
- ³¹ Ibid. p. 196.
- ³² Freud, S. "Pour introduire le narcissisme". In: *La vie sexuelle*, PUF, 1969, p. 81 a 105. (ESB: *Sobre o narcisismo: uma introdução*, v. XIV).
- ³³ Ibid. p. 93.
- ³⁴ Ibid. p. 93.
- ³⁵ Ibid. p. 94.
- ³⁶ Ibid. p. 94.
- ³⁷ Ibid. p. 96.
- ³⁸ Freud, S. "Un cas de fétichisme du pied". In: *Les premiers psychanalyses* (Minutas da Sociedade Psicanalítica de Viena), t. IV, Gallimard, 1983, p. 278 a 282. (N. do T.: Este artigo não foi publicado em língua portuguesa mas é mencionado — quanto às conclusões dele tiradas — em nota de rodapé nos *Três ensaios sobre sexualidade* p. 157, v. VII da ESB).
- ³⁹ Ibid. p. 280.
- ⁴⁰ Ibid. p. 279.
- ⁴¹ Ibid. p. 279.
- ⁴² Ibid. p. 279.
- ⁴³ Ibid. p. 279.
- ⁴⁴ Ibid. p. 280.
- ⁴⁵ Ibid. p. 280.

V

Gênese das Perversões Sexuais 1915-1920

A METAPSICOLOGIA

Em poucos anos, uma verdadeira mutação penetrou o conjunto dos aspectos da clínica e da teoria freudianas. A metapsicologia¹ representa um esforço de síntese que manifesta a importância do que está em jogo: produzir um modelo psicológico coerente com os conhecimentos psicanalíticos. Vamos, aqui, centralizar nosso estudo no primeiro capítulo da *Metapsicologia*: “A Pulsão e suas Vicissitudes”.

Em sua introdução, Freud anuncia o que vem a ser o projeto de sua metapsicologia para a psicanálise: “Uma ciência deve ser construída a partir de conceitos fundamentais claros e nitidamente definidos.” É o que ele se esforçará por fazer com a pulsão. Não sendo observável enquanto fenômeno, ela será pouco a pouco dessubstantivada para se tornar um conceito fundamental da psicanálise. Como representante psíquico da sexualidade, é tomada na articulação de suas representações linguageiras, onde se determinam seu destino e seus avatares. Isso vai abrir para nós uma abordagem mais rigorosa da perversão; notadamente no ponto, sobre o qual já insistimos, da distinção entre a pulsão e a perversão — esta última só se podendo definir a partir de uma posição subjetiva.

Os destinos da pulsão, aos quais Freud se atém nesse capítulo, para fazer sua elaboração, são a inversão em seu contrário, e o retorno para a própria pessoa. Ele vai ilustrar seus processos a partir dos pares de opostos sadismo/masiquismo e voyeurismo/exibicionismo.

Quanto à inversão do conteúdo, esta só se encontra num caso: "A transformação do amor em ódio". Será retomada neste texto, quando Freud se esforçar para dar um desenvolvimento genético do eu, o que é um prolongamento de seu esforço de reflexão sobre o estatuto do narcisismo. Com efeito, ele só fará constatar que ciclos psicológicos tão complexos quanto o amor e o ódio não podem ser integrados à teoria das pulsões.

No sadismo se combinam os dois processos da pulsão anteriormente citados: atividade atormentadora dirigida para a outra pessoa tomada como objeto; retorno sobre a própria pessoa, que substitui a outra, com inversão do fim ativo de atormentar pelo fim passivo masquista de ser atormentado.

Pode-se notar aqui a indicação deste movimento de reversão intrínseco à pulsão, pois para Freud, por definição, a pulsão sado-masquista é auto-erótica como toda pulsão parcial. O interessante é que ele distingue esse movimento da pulsão da perversão propriamente dita, reportando-se ao comportamento da pulsão sádica na neurose obsessiva: "Encontra-se aí o retorno para a própria pessoa sem que haja passividade perante uma outra pessoa (...) A necessidade de atormentar se transforma em tormento infligido a si mesmo, auto-punição e não masiquismo. Da via ativa o verbo passa, não à via passiva, mas à via média refletida." Há uma ligeira flutuação em Freud, pois no caso da neurose obsessiva ele fala de pulsões sádicas e não de pulsões sado-masquistas. Igualmente, se sublinha bem a via média refletida e não o retorno para a própria pessoa, mantém a mesma hipótese que no caso da pulsão sado-masquista.

Quanto ao objeto da pulsão sado-masquista, se inicialmente parece ser a outra pessoa, de fato, diz ele, "não seria, propriamente falando, absurdo construí-lo a partir dos esforços da

criança querendo se tornar senhora de seus próprios membros". "Essa pulsão encontra sua fonte orgânica na musculatura, na medida em que esta é capaz de ação, mas seu objeto se refere diretamente a um outro objeto, mesmo que este objeto pertença ao próprio corpo."

O fim da pulsão sádica não é infligir a dor; é apenas depois que o fim passivo de ser atormentado é realizado, pelo cumprimento do circuito pulsional, que o sadismo propriamente dito, como perversão, se constitui: "O objetivo sádico consistindo em infligir dor aparece retroativamente. Então, provocando essa dor em outros, goza-se de modo masoquista na identificação com o objeto sofredor. Naturalmente, goza-se nos dois casos, não pela própria dor, mas pela excitação sexual que a acompanha, o que é particularmente cômodo na posição de sádico. Gozar com a dor seria, portanto, um fim originariamente masoquista, mas que só pode se tornar um objetivo pulsional sobre um fundo sádico originário."

O masoquismo, com efeito, consiste "num sadismo voltado contra o próprio eu". Uma alteração se acrescenta a este movimento de reversão: o sujeito vai se fazer objeto, "eu passivo", para a outra pessoa, que se torna, assim, sujeito atormentador em seu fantasma. O sujeito masoquista não goza com a dor, mas com os tormentos inflingidos pela pessoa amada.

Freud, que voltará a essa questão em 1924, em seu texto intitulado "O problema econômico do masoquismo", põe em dúvida, aqui, que possa existir uma satisfação masoquista direta que não passe pela via do sadismo originário. "Um masoquismo originário que não tenha saído do sadismo, da maneira que descrevi, não parece ser encontrado."

Assim, tanto no sadismo como no masoquismo, a pulsão sado-masoquista entra em jogo, e é só quando seu movimento de reversão se encerra que a perversão se constitui em função da posição do sujeito em sua relação com o parceiro e do papel desempenhado por este: no sadismo, o sujeito atormenta o parceiro tomado como objeto e goza, de forma masoquista, pela

erotização dos tormentos que lhe inflige; no masoquismo, o sujeito se faz objeto diante do parceiro transformado em atormentador no seu fantasma, e goza pela erotização da dor infligida pelo parceiro.

Freud faz com isso um par de posições subjetivas invertidas, como faz do sádico um masoquista por procuração.

Para o voyeurismo e o exibicionismo, a demonstração é a mesma que a anterior. A alegria de olhar (*Shaulust*), como satisfação experimentada pelo sujeito pela atuação da pulsão voyeurista-exibicionista, a alegria de olhar (ativamente) um membro (sexual), é também a alegria de ser alvo do olhar (ser olhado, passivamente, no seu membro sexual por si mesmo). Tal é a tradução do movimento de reversão pulsional voyeurista-exibicionista. Cumprida a trajetória da pulsão, as perversões voyeuristas e exibicionistas se constituem pela introdução do parceiro: no voyeurismo, o sujeito se satisfaz olhando um parceiro tomado como novo objeto em sua identificação a ele; e o exibicionismo "inclui o fato de olhar seu próprio corpo". O sujeito se faz objeto "para um novo sujeito diante do qual se mostra, para ser olhado por ele". Tal é o princípio de sua satisfação.

No que se refere ao amor e ao ódio, vimos que a inversão do conteúdo da pulsão "só se observa num caso, o da transposição do amor em ódio. Amor e ódio se dirigem, com frequência, simultaneamente, para um mesmo objeto, e essa coexistência nos fornece também o mais importante exemplo de uma ambivalência de sentimentos".

Freud prefere "ver no amor a expressão da tendência sexual total", em vez de conceber o amor como uma simples pulsão parcial da sexualidade, do mesmo valor que as demais. É através do exame de diferentes oposições que dominam a vida psíquica — sujeito (eu)/objeto (mundo exterior), prazer/desprazer, ativo/passivo — que ele vai tentar situar seu conceito no par de opostos constituído com o ódio. O problema do narcisismo introduz, pois, ao exame de um fenômeno ligado à sexualidade, mas difícil de se reduzir ao conceito de pulsão, e Freud vai se dedicar

a estabelecer um desenvolvimento genético do eu. Ele só vai constatar que ciclos psicológicos tão complexos quanto o amor e o ódio não podem, decididamente, ser integrados à teoria das pulsões: "Os termos 'amor' e 'ódio' não devem ser utilizados para as relações entre as pulsões e seus objetos, mas reservados às relações do eu total aos objetos".

Amor e ódio aparecem, portanto, como reações globais da subjetividade ligadas à estruturação de suas relações com o mundo exterior e objetal, e intervêm na escolha do objeto.

No fim de seu livro, Freud chega a conclusões relativas às três grandes polaridades da vida psíquica:² ambivalência e narcisismo são correlativos e se integram no desenvolvimento do eu, bem como da relação objetal; o eu-prazer é ao mesmo tempo uma fase narcísica e uma modalidade particular da relação com o mundo dos objetos; a terceira polaridade (a bissexualidade), com o problema do complexo de castração, passa para o primeiro plano das preocupações teóricas de Freud, o que é um problema crucial para a definição das perversões.

GENERALIDADES SOBRE OS DIFERENTES TIPOS DE PERVERSÃO

Numa série de artigos agrupados em sua *Introdução à psicanálise*,³ publicada em 1916, Freud vai dar algumas definições, esforçando-se para distinguir as diferentes perversões.

Em "Traços arcaicos e infantis do sonho",⁴ apresenta aquilo a que denomina traços perversos, mais do que define a perversão. A criança tem, desde o início, uma vida sexual muito rica, que difere, sob vários aspectos, da vida sexual ulterior, considerada como normal: "O que qualificamos de perverso na vida adulta se desvia do estado normal pelas seguintes particularidades: desconhecimento de barreiras específicas (do abismo que separa o homem do animal), da barreira oposta pelo sentimento de repulsa, da barreira formada pelo incesto (isto é, pela proibição de buscar

satisfazer as necessidades sexuais com pessoas às quais se está ligado por laços consangüíneos), homossexualidade e, por fim, transferência do papel genital para outras partes e órgãos do corpo.”

“A vida sexual do homem”⁵ é uma descrição de cunho classificatório das variações da vida sexual em seu aspecto comportamental. Freud distingue dois grandes grupos de perversões:

1. As perversões centradas sobre a execução normal ou desviante do ato sexual total. São aquelas cujos sujeitos “riscaram, por assim dizer, de seu programa a diferença sexual”. Trata-se dos homossexuais, que se comportam com seus objetos sexuais mais ou menos da mesma maneira que os normais com seus objetos; e aquelas cujos sujeitos não riscaram a diferença sexual de seu programa. “Por sua variedade e suas singularidades, só se poderia compará-los aos monstros, disformes e grotescos, que nos quadros de P. Breughel vêm tentar Santo Antônio.” Freud considera esses sujeitos como “uma série de anormais”, aqueles que desviam os órgãos sexuais de suas funções naturais: coprófilos etc. — aqueles que renunciaram aos órgãos genitais como objeto de satisfação sexual em seus parceiros e elevaram a essa dignidade diferentes partes de seus corpos: seio, pé feminino, tranças; aqueles que não tentam satisfazer seus desejos sexuais com a ajuda de uma parte do corpo, mas tomam um objeto destacado do corpo: sapato, *lingerie*; esses são os fetichistas; aqueles que querem o objeto sexual total, mas desejam-no marcado por um traço singular ou horrível, até mesmo desejam apenas seu cadáver: criminosos necrófilos, ou necrófilos simples.

2. As perversões cujo objetivo se limita aos atos preliminares ou preparatórios do ato de amor. São eles: os sujeitos que inspecionam, apalpam, procuram entrever ou se exibem: voyeuristas, exibicionistas; os “enigmáticos sádicos”, que buscam causar sofrimento; os “masoquistas”, que querem ser atormentados pelo objeto amado.

Freud propõe também distinguir todos esses tipos de perversos em função do ato, ou seja, “aqueles que procuram sua satis-

fação na realidade e aqueles que, em vez de procurar um objeto real, concentram todo o seu interesse num produto de sua imaginação”.

Não é, pois, na realização do ato que se pode distinguir a neurose da perversão. Existe, para Freud, “uma tarefa teórica urgente que consiste em dar conta das perversões em suas relações com a sexualidade dita normal”.

BATE-SE NUMA CRIANÇA⁶

Esse texto de 1919 é uma “contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais”. Trata-se do estudo de um fantasma perverso encontrado em numerosos neuróticos. Uma indicação, portanto, nos é dada de que o fantasma perverso não é a perversão, mas a compreensão de sua gênese permitiria, talvez, reconstruir o que seria a estrutura da perversão. É este o projeto de Freud na segunda parte de seu texto.

Seu estudo é centrado, inicialmente, em seis casos, quatro mulheres e dois homens, neuróticos, por trás dos quais se perfila uma grande experiência.

Embora seja formulado sob essa maneira imprecisa, “Bate-se numa criança”, este fantasma se caracteriza por só poder ser articulado pelo sujeito no decorrer da análise com as maiores dificuldades, e isso no maior sentimento de culpa. É essa carga de culpa que permite a Freud relacioná-lo com aquilo a que chama de uma cicatriz do Édipo. Ao mesmo tempo, o sujeito confessa aí, com vergonha e repugnância, que a evocação desse fantasma (fora de qualquer cena real, da qual ele se desvia, enojado, se for sua testemunha) “é regularmente investida de intenso prazer e culmina num ato de satisfação auto-erótica voluptuosa”.

Não há qualquer relação constante entre o sexo do sujeito autor do fantasma e o da criança espancada. E esse fantasma de fustigação pode remontar a uma idade anterior à escolar.

Tal fantasma, “surgido na primeira infância, talvez em ocasiões fortuitas, e mantido em vista da satisfação auto-erótica, só pode ser concebido como um traço primário de perversão”. Mas uma dificuldade suplementar é gerada pelo fato de que “esses fantasmas permanecem durante a maior parte do tempo apartados do resto do conteúdo da neurose, e não encontram seu lugar adequado na trama desta”. Seria, então, necessário esforçar-se para compreender sua gênese. Vai-se descobrir que esses fantasmas de fustigação têm um desenvolvimento histórico bastante complexo, durante o qual a maioria de seus aspectos, “sua relação com o autor do fantasma, seu objeto, seu conteúdo e sua significação” são alterados mais de uma vez. Por razões de comodidade, Freud vai se limitar a estudá-lo nas mulheres.

O progresso da análise mostra que se trata, nesse fantasma, de uma forma de resultante de toda uma série de transformações de outros enunciados que desempenharam um papel inteiramente compreensível em momentos particulares da história do sujeito. Mesmo submetido a alterações, ele comporta igualmente constantes, das quais Freud vai destacar articulações irreduzíveis, permitindo observar o que há de estrutural ali. Com efeito, o fantasma já é, para ele, uma frase dotada de estrutura gramatical. Essas diferentes transformações vão se efetuar em três fases, que podem se enunciar das seguintes formas: “o pai bate numa criança que eu detesto”; “eu sou espancada pelo pai”; “bate-se numa criança”.

A fase “o pai bate numa criança que eu detesto” deve pertencer aos primórdios da infância. Ela é relatada pelo sujeito como uma lembrança de sua história. Esse fantasma apareceu com a introdução de uma criança mais nova na família. Pouco importa que a cena tenha sido real ou apenas desejada, não é um fantasma masoquista, já que a criança espancada não é o sujeito, e nem sádica, pois também não é o agente espancador. O sujeito vai conhecer um triunfo passageiro, num prazer, sobre o qual Freud nos diz que não é de ordem sexual nem de ordem sádica. A satisfação está ligada à realização de seu voto incestuo-

so de ser amada pelo pai, e o fato de que a outra criança seja espancada é apenas a prova disso. A referência ao pai indica que já se trata, aí, de uma situação de engajamento no Édipo.

Entre a segunda fase, “eu sou espancada pelo pai”, e a anterior, cumpriu-se toda uma série de transformações. Se o agente espancador continua sendo o pai, a criança espancada é a autora do fantasma.

“O fantasma é, em alto grau, mesclado de prazer (...) Tem, indubitavelmente, um caráter masoquista.” Ele encena a relação privilegiada da criança com o pai, com toda a sua carga de ambigüidade, em sua significação de ser o [fantasma] de um desejo incestuoso da filha por seu pai, neste momento privilegiado da dialética edipiana.

Com efeito, com os elementos tomados de empréstimo à fase precedente, a criança vai fomentar seu fantasma de espancamento e servir-se dele para atingir, de um modo masturbatório, um gozo sexual, graças ao qual desliza de um acidente em sua história à sua fixação na estrutura. Mas por que esse fantasma de espancamento? — escreve Freud. Porque “eu sou espancada pelo pai” é, para o sujeito, um modo de representação que satisfaz um desejo culpado: “Ele não é mais apenas a punição pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo desta, e nesta última fonte ele colhe as excitações libidinais que lhe serão inerentes e que irão encontrar sua descarga em atos de onanismo. Mas esta é, precisamente, a essência do masoquismo.”

É bem este vínculo com o desejo que faz com que este fantasma permaneça inconsciente; provavelmente — Freud sublinha, ainda — devido à intensidade do recalque que incide sobre este mesmo desejo, este fantasma, de fato, jamais é rememorado; talvez não tenha mesmo jamais existido. Ele é uma construção em análise, necessária para compreender a passagem da primeira fase para a terceira, com suas significações profundas.

A terceira fase, “bate-se numa criança” é o fantasma evocado na análise pelo paciente, numa formulação impessoal, dessubjetivada. Mas seu caráter essencial, que o diferencia daquele da

primeira fase e estabelece sua relação com o fantasma intermediário, é que ele "é agora o portador de uma forte excitação que, sem equívoco possível, é sexual; enquanto tal, conduz à satisfação onanista". O fantasma parece se ter novamente transformado em fantasma sádico, "mas é só a forma desse fantasma que é sádica; a satisfação obtida a partir dele é uma satisfação masoquista, sua significação reside no fato dele ter assumido o investimento libidinal do elemento recalcado, e, com ele, a consciência de culpa que lhe está ligada".

Definitivamente, em todo esse estudo, esse fantasma como o próprio suporte daquilo de que se trata na pulsão que está em ação no seu seio se apresenta bem como a montagem gramatical onde se ordena, seguindo diversas inversões, o destino da pulsão. Freud vai referi-lo, agora, diretamente à estruturação da posição do sujeito através dos acidentes de sua história.

GÊNESE DA PERVERSÃO

Na parte V de seu estudo, Freud vai se esforçar para trazer à luz a origem das perversões em geral, e do masoquismo em particular. Quanto à gênese das perversões, "a concepção que põe em destaque, nestas, o reforço constitucional ou o desenvolvimento prematuro de um componente sexual não está, certamente, abalada, mas continua a ser insuficiente para explicá-las".

A perversão não fica isolada na vida sexual da criança, e faz parte do contexto de seus desenvolvimentos típicos. Ela é relacionada com os objetos de amor incestuoso da criança, com seu complexo de Édipo. "Ela se mostra a nós, pela primeira vez, no terreno deste complexo" e, mesmo que a constituição inata lhe tenha dado uma direção particular, vai permanecer como testemunha disso, "herdeira de sua carga libidinal".

Assim, a perversão encontra aqui, de forma definitiva, seu estatuto de ser uma posição subjetiva específica, e Freud consi-

dera que todas as perversões se constituem na dialética edipiana. Mesmo no fetichismo e em outras perversões, onde o impulso decisivo, a primeira experiência vivida, se produz depois de seis anos, ou seja, num momento em que o Édipo está resolvido. “A experiência vivida, rememorada e que age de uma maneira tão enigmática, poderia muito bem ter representado a herança desse complexo”, agora recalcado. Mesmo que esse veículo seja difícil de se realizar, torna-se arriscado — precisa Freud — afirmar que uma homossexualidade possa ser inata, mesmo que o sujeito já possa ter sentido, na idade de seis anos, uma inclinação pelo mesmo sexo. “Mas se a derivação das perversões a partir do complexo de Édipo pode ser feita universalmente, então nossa apreciação desse complexo conhece uma nova confirmação.”

Isso mostra a importância do que está em jogo para Freud. Nesse sentido, ele considera que “todos os fantasmas de espancamento e outras fixações perversas análogas seriam, então, os sedimentos deixados pelo complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer, seqüelas de um processo revolvido”.

No que toca ao masoquismo, parece a Freud que o estudo dos fantasmas de espancamento só fornece informações parcimoniosas: “Para começar, o masoquismo não é uma manifestação pulsional primária.” Ele provém de um retorno do sadismo para a própria pessoa, correspondendo, portanto, a uma regressão do objeto para o eu. É esta a tese desenvolvida na metapsicologia. Decerto, existem pulsões com fins passivos, mas a passividade não é o todo do masoquismo, “este compreende ainda o caráter de desprazer que é tão estranho numa realização pulsional” (vai-se ver que Freud se esforçará para resolver esse enigma em seu texto sobre o problema econômico do masoquismo em 1924. Aí ele mudará de posição, afirmando a existência de um masoquismo primário). “A transformação do sadismo em masoquismo parece se dar sob a influência da consciência de culpa que toma parte no ato de recalçamento.” Enquanto, anteriormente, Freud descrevia como um mecanismo na constituição de uma perversão a *fixação*, seguida de *regressão*, aqui ele vai introduzir o papel

do *recalque*. A perversão se confirma bem como constituída secundariamente a partir de um núcleo recalcado. Este recalcamen-
to se manifesta por três espécies de efeitos: torna inconsciente a
resultante da organização genital; produz uma *regressão* nessa
organização, e dessa maneira remete ao estágio anterior sádico-
anal (este processo é favorecido pela fragilidade da organização
genital); transforma, enfim, o sadismo deste estágio em maso-
quismo. Este último se torna necessário pela consciência de culpa
que fica "chocada, tanto pelo sadismo quanto pela escolha do
objeto incestuoso tomado no sentido genital". A consciência de
culpa evocada aqui por Freud será retomada um pouco mais
tarde, quando ele fizer sua elaboração do supereu.

Freud havia centrado seu estudo sobre os fantasmas de es-
pancamento nas mulheres; ora, interessando-se pelo que se passa
com os homens, e acreditando encontrar ali um paralelismo es-
treito com o que acontece com as mulheres, foi encontrar dife-
renças notáveis.

No rapaz, com efeito, a segunda fase, "eu sou espancado
pela mãe", é consciente, e não inconsciente. De fato, ela
não é primária, como Freud acaba por descobrir: haveria ali um
estágio preliminar inconsciente "eu sou espancado pelo pai".
Este fantasma de espancamento, ele o encontrou essencialmente
em "verdadeiros masoquistas, no sentido de perversão sexual".
Esta formulação indica bem que ele entende distinguir a verda-
deira perversão de todas as outras formas de manifestações per-
versas que se podem encontrar em outros sujeitos.

O masoquismo pode se exprimir, seja em sessões de maso-
quismo onde o coito normal é realizado, seja em práticas onanis-
tas sustentadas por fantasmas.

Ora, na ocasião de uma tentativa de coito, ou se o coito é
habitualmente sustentado por um fantasma masoquista, por
ocasião de sessões de masoquismo, uma impotência sexual pode
sobrevir. "Os perversos satisfeitos raramente têm uma razão para
demandar análise." Assim, acrescenta Freud, pessimista, quando
se tem o hábito de prometer a cura aos impotentes físicos, arris-

ca-se a ter “uma surpresa desagradável quando a análise revela que a causa de uma impotência simplesmente psíquica é uma bela posição masoquista, talvez enraizada há muito tempo”

Freud destaca ainda uma outra característica do masoquismo no homem: “a adoção, em seu exercício tanto quanto em seus fantasmas, de uma posição feminina.” Esta feminização do sujeito no masoquismo, que se encontra na homossexualidade, parece bem a Freud ser um denominador comum a todas as perversões, como consequência da recusa da castração que as caracteriza.

PSICOGÊNESE DE UM CASO DE HOMOSSEXUALIDADE FEMININA

Prolongando o que havia estabelecido de novo sobre a perversão, notadamente em sua referência ao Édipo, Freud, em 1920, vai publicar um caso clínico extraído de sua prática sob o título: “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”.⁷ Freud considera que ela não é menos freqüente que a do homem, mas não apenas escapou à lei penal como também foi negligenciada pela pesquisa analítica.

A paciente de Freud é uma jovem de dezoito anos. Bonita e inteligente, freqüenta uma “demi-mondaine”, manifestando-lhe inequivocadamente um amor sob uma forma altamente idealizada, onde Freud reconhece o equivalente a um verdadeiro amor cortês. Mas, sobretudo, ela tem o hábito de vir passear sob as janelas de seu pai, numa atitude de desafio, o que o enfurece, até o dia em que, cruzando com o olhar de seu pai e nele lendo a condenação, ela tenta o suicídio. Depois dessa tentativa fracassada, o pai a leva a Freud para que este a cure de sua homossexualidade, como ele mesmo havia se esforçado em vão por conseguir. Além das condições da demanda, que parte do pai, pois que a jovem não se queixa, Freud ressalta de saída uma dificuldade, pois não se trata

de resolver um conflito neurótico, mas sim de transformar uma variante da organização genital numa outra. “Essa operação, a supressão da inversão genital ou homossexualidade, jamais se apresentou como algo fácil”, e Freud observa que os sucessos são raros nos casos de inversão, pois “em geral, o homossexual se mostra incapaz de abandonar seu objeto de prazer”. O prognóstico terapêutico depende do grau de afirmação da homossexualidade e da intensidade de sua fixação exclusiva; Freud se pergunta, então, “até onde chegou a jovem na satisfação de sua paixão”. Constata que ela permaneceu bastante casta, mas a natureza de sua paixão não lhe escapou — esta não é uma relação homossexual como as outras. O próprio das relações homossexuais é apresentar todas as variações da heterossexualidade; aqui, trata-se de outra coisa, de um amor altamente idealizado, tipo amor cortês, mas ao qual a jovem não tem a intenção de renunciar. Isso será, aliás, a causa do fracasso dessa análise — Freud, convencido da escolha homossexual aparentemente definitiva de sua paciente, vai deixá-la.

Sobre esse tema, Freud se coloca a seguinte questão: “Deveria ver nela um caso de homossexualidade congênita ou adquirida?” Só a história de sua gênese permitirá distinguir, mas em todo caso, para ambos os sexos, “o grau de hermafroditismo psíquico é, em larga medida, independente do grau de hermafroditismo físico”.

Mais significativo é o comportamento da jovem diante do objeto de amor. Com efeito, ela adota uma posição masculina em face do objeto feminino de amor idealizado pela superestimação sexual, caracterizada por sua “renúncia a toda satisfação narcísica” e a preferência atribuída à posição de amante, mais que à de amada. É toda a história dessa paciente que vai dar a razão da sua homossexualidade.

Quando criança, a jovem estava aparentemente engajada na posição normal do complexo de Édipo feminino, que Freud concebe como a realização da entrada na sua terceira fase, ou seja, a renúncia ao desejo incestuoso pelo pai e a adoção da feminili-

dade, na espera de se tornar mãe. Entretanto, tinha uma tendência exagerada à identificação com mulheres grávidas, e esta inclinação foi assumindo um colorido homossexual até eclodir como homossexualidade declarada quando do nascimento de um irmãozinho, tendo ela cerca de dezesseis anos. Durante a fase de regeneração, na puberdade, do complexo de Édipo, seu desejo consciente de ter um filho é apenas o retorno mascarado do desejo recalçado de ter um filho do pai. Mas, decepcionada por seu pai, pois não foi ela quem teve o filho desejado, mas sim sua rival edípica, isto é, sua mãe, ela se afasta deste pai, renuncia à sua feminilidade, e busca uma outra colocação para sua libido. "Ela se transformou em homem e tomou a mãe em lugar do pai como objeto de amor." Tornada homossexual, adotou frente ao pai uma atitude de desafio, reação que poderia traduzir um amor reforçado por aquele que a havia decepcionado. O objeto escolhido por deslocamento, a Dama amada, é um substituto da mãe. Freud recorda que este objeto é marcado por traços de seu ideal, não apenas feminino, mas também masculino. "Ele unia a satisfação da direção homossexual de seus desejos com a de sua direção heterossexual", isso em relação com a bissexualidade.

Enfim, se a escolha da jovem recaiu sobre esta mulher considerada "sexualmente depravada", foi por esta própria qualidade: "A concordância com aquilo que descrevi como tipo de escolha de objeto, e cujas particularidades relacionei com a ligação com a mãe, chegava aos detalhes."⁸

A jovem iria, pois, poder encontrar uma satisfação no fantasma de salvar a Dama bem-amada de sua condição indigna.

Não entraremos aqui nos detalhes da cura, nem nas razões de seu fracasso: nosso interesse deve se limitar ao problema da psicogênese de uma perversão homossexual feminina. Para sua compreensão, vamos resumir os processos "que fizeram passar a libido da jovem da posição edipiana normal à homossexualidade"

Freud considera que, se a natureza congênita da homossexualidade não está excluída, trata-se, ali, de uma homossexualidade adquirida tardiamente. Ele permanece fiel ao seu pensamen-

to, e na etiologia desse caso, associa os fatores inatos e os fatores acidentais.

Os fatores inatos são difíceis de avaliar. São eles a bissexualidade orgânica e a fragilidade constitucional (precocidade sexual espontânea, fixação, perseveração).

Os fatores acidentais pertencem à história do desenvolvimento da subjetividade na dialética edipiana — é a nova contribuição de Freud à gênese das perversões sexuais neste período — e este desenvolvimento segue a ordem de maturação biológica do corpo.

A psicogênese da homossexualidade feminina passa pelas etapas seguintes: 1) A sexualidade infantil encontrou uma solução edipiana normal que determina sua posição feminina, com um traço particular, no entanto: uma *fixação* infantil na mãe. Ainda que seja recalcada, isso não impede a tendência homossexual originária de se exprimir de maneira anormalmente prolongada durante a adolescência, quando a decisão relativa ao sexo do objeto de amor ainda é imprecisa nessa idade; 2) O trauma está ligado à sua decepção com o pai na idade de dezesseis anos, produzindo a *regressão* a uma atitude infantil anterior (sem dúvida esta via é seguida de modo preferencial por causa dos fatores inatos); 3) A paciente opera um retorno à atitude infantil, que consistira essencialmente num “complexo de virilidade... uma poderosa inveja do pênis”. Freud acrescenta: “Diferentes indícios levavam a pensar que ela teria tido, outrora, um gosto bastante acentuado pelo voyeurismo e pelo exibicionismo.” 4) Enfim, ela adota uma posição masculina e faz a escolha de objeto homossexual, a Dama — retorno da fixação infantil na mãe.

Freud vai insistir num ponto muito preciso: “É preciso separar bem as questões da escolha de objeto, por um lado, e do caráter sexual, bem como a posição sexual, por outro lado.” Apenas os seus modos de combinação permitem definir a perversão homossexual, nas diversas variantes de suas manifestações,

tanto no homem quanto na mulher, para não confundi-la com a homossexualidade latente recalcada do neurótico.

Para concluir, Freud escreve: "A psicanálise não é chamada a resolver o problema da homossexualidade. Ela deve se contentar em desvelar os mecanismos psíquicos que conduziram à decisão na escolha de objeto, e acompanhar as vias que conduzem às montagens pulsionais."

Daí por diante, para Freud, a perversão, como aliás as psico-neuroses, é uma posição subjetiva específica ligada aos avatares de sua estruturação no quadro edipiano. A grande mutação subjetiva de sua teoria é realizada, e o caminho está aberto para uma reformulação da metapsicologia com a segunda tópica.

NOTAS

- ¹ Freud, S. *Métapsychologie* (1915), "Idées", Gallimard, 1969. (ESB: *Artigos sobre metapsicologia*, v. XIV).
- ² Bercherie, P. *Gênese des concepts freudiens*, Navarin, 1983, p. 340.
- ³ Freud, S. *Introduction à la psychanalyse* (1914), Petite Bibliothèque Payot, 1968. (ESB: *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, v. XV).
- ⁴ Freud, S. "Traits archaïques et infantiles du rêve". In: *Introduction à la psychanalyse*, op. cit., p. 184-97. (ESB: *Aspectos arcaicos e infantilismo dos sonhos*, v. XV).
- ⁵ Freud, S. "La vie sexuelle de l'homme". In: *Introduction à la psychanalyse*, op. cit., p. 238-99. (ESB: *A vida sexual dos seres humanos*, v. XVI).
- ⁶ Freud, S. "Un enfant est battu, Contribution à la connaissance de la genèse des perversions sexuelles". In: *Névrose, psychose, perversion*, PUF, 1974, p. 218-43. (ESB: *Uma criança é espancada, uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*, v. XVII).
- ⁷ Freud, S. "Sur la psychogenèse d'un cas d'homosexualité féminine", (1920). In: *Névrose, psychose, perversion*, op. cit., p. 245-70. (ESB: *A psicogênese de um caso de homossexualismo feminino*, v. XVIII).
- ⁸ Ibid. p. 258: Numa nota de rodapé, Freud remete à sua "Contribuição à psicologia da vida amorosa I — Sobre um tipo particular de escolha de objeto feita pelos homens". In: *La vie sexuelle*, PUF, 1970. (ESB, v. XI).

VI

A Segunda Tópica 1920-1938

O contexto deste estudo não nos permite entrar em detalhes nos textos reunidos nos *Essais de psychanalyse*,¹ notadamente “Além do princípio do prazer” e “O ego e o id”, a partir dos quais, do ponto de vista de sua concepção das perversões sexuais, Freud vai se orientar em duas direções: a conceitualização da pulsão de morte, que o levará a novas concepções sobre o masoquismo, e a segunda tópica, com o jogo de inter-relações entre as instâncias do isso, do eu e do supereu, que vai conduzi-lo a apreender a gênese da perversão fetichista a partir de um mecanismo específico: o desmentido.

NOVAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MASOQUISMO

Em 1920, Freud publica “Além do princípio do prazer”.² A partir da observação clínica de fenômenos repetitivos (neuroses traumáticas, destino, repetições transferenciais, mas também as brincadeiras infantis), ele formula a existência de uma “compulsão à repetição que se instala para além do princípio do prazer”.³ O automatismo de repetição se apresentaria, portanto, como uma lei do funcionamento psíquico mais profundo, mais primordial.

Essa modulação que insiste além do princípio do prazer, não respondendo à sua lei, mas impondo-lhe a sua própria, Freud vai identificá-la à pulsão de morte, que opõe à pulsão de vida. Esse dualismo pulsional, apesar de todas as dificuldades conceituais que acarreta, vai ser mantido por Freud até o fim, para bem diferenciar essa nova lei do funcionamento da vida psíquica de ordem libidinal, onde se inscreve o eu, isto é, no quadro do narcisismo: "Nossa concepção era, desde o início, dualista, e ainda o é, hoje, de modo mais definido, desde o instante em que os termos opostos não são mais, para nós, pulsões do eu e pulsões sexuais, mas sim pulsões de vida e pulsões de morte".⁴

Freud vai se esforçar para esclarecer esse dualismo pulsional por uma outra polaridade, aquela entre o amor e o ódio: "Partimos da grande oposição entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. O próprio amor do objeto nos mostra uma segunda polaridade, aquela do amor (ternura) e do ódio (agressividade). Se apenas conseguíssemos relacionar essas duas polaridades, referir uma à outra (...)." ⁵

Não se trata aqui de propor uma síntese, que Freud não faz: mesmo que afirme a intrincação muito complexa das pulsões de vida e das pulsões de morte, considera ainda impossível dar conta da maneira pela qual elas se aliam, se misturam, se combinam. Vamos notar, porém, que na nova dialética pulsional, a ambivalência e o sado-masiquismo ocupam um lugar primordial.

A existência da pulsão de morte vai conduzir Freud a modificar sua concepção do masiquismo. Até então, só o sadismo lhe parecia ser uma tendência primária da pulsão sexual. Ele formulara a idéia de que "o masiquismo, pulsão parcial complementar do sadismo, era compreendido como um retorno do sadismo contra o próprio eu. Mas o fato de que a pulsão se volte do objeto para o eu, ou que se dirija do eu para o objeto — o que é o ponto novo — isso não é, por princípio, diferente. O masiquismo, a pulsão que se volta contra o próprio eu, seria pois, na realidade, um retorno a uma fase anterior desta pulsão, uma regressão. A formulação que então dei ao masiquismo deve-

ria ser modificada, pois, naquilo que tem de por demais exclusivo: poderia haver também um masoquismo primário, o que eu, na época, recusava.”⁶ As formulações de Freud são, aqui, relativamente claras. O que ele chamava de pulsão sado-masoquista aparecia como a combinação de duas tendências pulsionais originárias, um componente sádico e um componente masoquista. Mas não se deve confundi-las com as perversões sádicas ou masoquistas, nas quais, tornando-se independentes, elas se exprimem de forma dominante. À parte essa mudança quanto à tendência masoquista colocada como primária, que vai levar Freud a questionar seu estatuto econômico, as definições de perversões sádicas ou masoquistas não são profundamente alteradas, e são sempre referidas por Freud a uma posição subjetiva específica. No sadismo, o sujeito goza de forma masoquista, pela identificação ao parceiro a quem atormenta, por ódio ou por amor. No masoquismo, o sujeito se presta como objeto aos tormentos que lhe são infligidos pelo parceiro amado. Como o sádico, ainda que de maneira menos confortável, ele não goza pela dor, mas por sua erotização.

Em 1924, no início de seu artigo “O problema econômico do masoquismo”,⁷ Freud escreve: “Tem-se o direito, do ponto de vista econômico, de achar enigmática a existência da tendência masoquista na vida pulsional dos seres humanos.”⁸ Ele vai empreender o estudo das relações entre o princípio do prazer e as pulsões de vida e de morte para melhor compreender o masoquismo.

“Se a dor e o desprazer podem ser fins em si mesmos, e não mais advertências, o princípio do prazer é paralisado.”⁹ O masoquismo lhe aparece como um grande perigo, o que não é, de modo algum, o caso do sadismo. Segundo o princípio do prazer, todo desprazer deveria coincidir com uma elevação da tensão, e todo prazer com uma baixa da tensão de excitação psíquica, mas Freud altera este propósito, precisando que algumas tensões são agradáveis e certas distensões são dolorosas: “O estado de excitação sexual é o exemplo mais gritante de um

aumento de excitação acompanhado também de prazer, mas não é, certamente, o único.”¹⁰ Não é apenas a um fator quantitativo da tensão de excitação que se deve relacionar o prazer ou o desprazer, mas a um “caráter deste, que só podemos designar como qualitativo”.¹¹

Freud vai então distinguir três formas de masoquismo: o masoquismo erógeno, como modo de excitação sexual; o masoquismo moral, como modo de comportamento na existência; e o masoquismo feminino, como “expressão do ser da mulher”.¹²

O MASOQUISMO FEMININO

Esta última formulação prestou-se a equívocos extremos, mas o masoquismo feminino parece ser o menos enigmático e o mais acessível à observação por Freud, que vai abordar inicialmente seu estudo no homem.

Freud parece fazer uma distinção entre as “pessoas masoquistas”, cujos fantasmas exprimem esta forma de masoquismo, e que são “freqüentemente impotentes por essa razão”¹³ (os fantasmas os levam ao onanismo ou então constituem em si mesmos uma satisfação sexual), e as “perversões masoquistas”, cujos dispositivos reais “concordam perfeitamente com esses fantasmas, quer estes sejam executados como fim em si mesmos, quer sirvam para estabelecer a potência sexual e introduzir o ato sexual”.¹⁴ Aqui, portanto, a distinção não seria estabelecida no nível do conteúdo do fantasma, mas em sua encenação, nas condutas agenciadas “sob forma de jogos”.¹⁵ Elas permaneceriam, segundo Freud, dentro de limites bastante restritos, e além disso esses fantasmas são relativamente monótonos e estereotipados. O sujeito se situa “em posição característica da feminilidade, os fantasmas masoquistas (...) significam ser castrado, submeter-se ao coito, ou dar à luz. É por essa razão que nomeei, por assim dizer, *a posteriori*, masoquismo feminino a essa forma de masoquismo”.¹⁶

Freud relaciona o masoquismo feminino com a castração que não é representada, ou o é de forma *deslocada*, deixando assim, nos fantasmas, "seu traço negativo".¹⁷ Não indicaria ele, assim, uma espécie de divisão subjetiva entre a adoção pelo sujeito de uma posição feminina e sua própria recusa da castração? O sentimento de culpa e as cenas de punição para exprimir uma falta são ainda testemunhas disso. Este tipo de masoquismo seria, de alguma maneira, o resultado da montagem fantasmática de um desejo culpável remontando à infância (relação com a masturbação infantil). Estamos no mesmo horizonte da significação dada por Freud ao fantasma "Bate-se numa criança", com a diferença de que ele a considera como a verdadeira perversão masoquista.

Este masoquismo feminino, como "expressão do ser da mulher", que se apreende inequivocamente nesse texto, onde Freud o estuda no homem, não designa de modo algum, como se compreendeu erroneamente, com muita frequência, que as mulheres sejam essencialmente masoquistas, menos ainda no contexto da perversão sexual.

Essa forma de masoquismo repousaria inteiramente no masoquismo primário erógeno, onde se manifesta o prazer da dor, cuja explicação está por ser encontrada.

O MASOQUISMO ERÓGENO

Foi possível acompanhar o modo pelo qual Freud, a partir de sua elaboração das pulsões de vida e pulsões de morte, foi levado à necessidade de conceber um *masoquismo primário* como componente da pulsão sexual, e não como secundário ao sadismo original.

O componente sádico da libido (que é a expressão da pulsão de morte destacada do eu e colocada a serviço da pulsão sexual) é facilmente observável, pois dirige-se muito precocemente para os objetos, visando assimilá-los, dominá-los ou destruí-los no

estágio da organização pré-genital, oral ou sádico-anal, depois genital. Ele pode se tornar independente e dominar a vida sexual do sujeito, produzindo uma perversão sádica.

Mas o componente masoquista da libido é mais despercebido, pois se dirige inicialmente para o próprio eu tomado como objeto. Foi inicialmente concebido por Freud como secundário ao componente sádico, pelo retorno deste sobre a própria pessoa, e a inversão de sua atividade em passividade. Em seguida, Freud lhe deu um estatuto de masoquismo primário ou erógeno. "Este masoquismo seria, pois, uma testemunha e um vestígio dessa fase de formação na qual se realizou a aliança, tão importante para a vida, entre a pulsão de morte e Eros."¹⁸

O masoquismo erógeno toma parte, igualmente, em todas as fases da organização libidinal. Angústia de ser devorado na fase oral, angústia de ser espancado pelo pai na fase sádico-anal, "o estágio da organização fálica introduz no conteúdo dos fantasmas masoquistas o seu precipitado, a castração, embora esta venha a ser mais tarde objeto de um desmentido".¹⁹

Uma vez mais, e inequivocamente, Freud não faz do masoquismo primário uma perversão. O masoquismo primário, reforçado pela introjeção do sadismo originário, "dá, então, o masoquismo secundário, que se superpõe ao masoquismo primário".²⁰ Durante este processo, este composto pode se tornar independente e constituir uma verdadeira perversão masoquista, onde predomina o prazer da dor ligado à sua erotização.

O MASOQUISMO MORAL

Contrariamente à perversão masoquista, que supõe a erotização, pelo sujeito, dos tormentos que lhe seriam infligidos pela pessoa amada, o que importa no masoquismo moral é o sofrimento em si. A atitude masoquista "dessas pessoas que se ferem a si mesmas"²¹ deve no entanto poder voltar a ser ligada ao erotismo, ao qual Freud foi tentado a renunciar por algum tempo a expli-

car. Seja como for, o masoquismo moral também não é uma verdadeira perversão masoquista.

Em seu texto "O ego e o id", Freud torna o masoquismo moral, como modo de satisfação de um sentimento de culpa (dessa vez inconsciente, ligado ao masoquismo próprio do eu, por oposição à consciência de culpa ligada ao supereu), responsável pela reação terapêutica negativa, porque "o sofrimento que acompanha a neurose é precisamente o fator pelo qual esta se torna preciosa para a tendência masoquista".²²

Como explicar esse masoquismo moral? Freud lembra que nos fantasmas de fustigação, o desejo de ser espancado pelo pai é uma forma regressiva deformada do desejo de ter "relações sexuais passivas femininas com ele".²³ "Da mesma maneira, a consciência e a moral apareceram pelo fato de que o complexo de Édipo foi sobrepujado e dessexualizado; pelo masoquismo moral, a moral é ressexualizada, o complexo de Édipo ressuscitado, abrindo-se uma via da moral ao complexo de Édipo."²⁴

No masoquismo moral, iriam se conjugar assim o componente masoquista primário do eu (em outras palavras, o masoquismo erógeno) e a severidade aumentada do supereu (herdeiro do complexo de Édipo).

Esse texto de Freud permite aprender como essas três formas de masoquismo, erógeno, feminino e moral, podem se conjugar em combinações complexas, que vão poder se exprimir na vida psíquica em múltiplas variações. Entretanto, só o masoquismo dito feminino por Freud, que se caracteriza por uma feminilização da posição do sujeito, acampanhada por uma negação da castração, pode se desenvolver numa perversão masoquista verdadeira, na qual o sujeito se oferece como objeto aos tormentos que lhe são infligidos pelo parceiro amado, razão pela qual a dor pode ser experimentada como prazer na própria erotização de sua relação.

Já destacamos como Freud elaborou os dois denominadores comuns ao masoquismo e à homossexualidade masculina como especificando essas perversões, e sem dúvida todas as formas de

perversões, mesmo que o objeto, para cada uma delas em particular, não seja o mesmo e não preencha a mesma função. Vai-se vê-lo dedicar-se a precisá-las, quando vier a estudar o fetichismo, que será seu último grande estudo sobre as perversões, em 1927.

O FETICHISMO

Em 1923, em seu artigo "O ego e o id",²⁵ Freud dá o esquema de sua segunda tópic, constituída pelas três instâncias do isso, do eu e do supereu.²⁶ Essas três instâncias têm sua "personalidade", motivações e estratégias próprias.

O *isso* constitui o pólo pulsional da personalidade. Seus conteúdos, expressões psíquicas das pulsões, são inconscientes, por um lado hereditários e inatos, por outro lado recalçados e adquiridos. As pulsões fundamentais, Eros e pulsão de morte, combatem em seu interior. Do ponto de vista econômico, ele é o reservatório da energia psíquica; do ponto de vista dinâmico, entra em conflito com o eu e o supereu, que, do ponto de vista genético, são diferenciações suas.

O *supereu* é o representante do mundo exterior e do isso. Ele próprio é o produto de uma identificação do eu, por introjeção neste do casal parental tomado como primeiro objeto das moções libidinais do isso. No decorrer dessa introjeção, a relação com esses objetos foi dessexualizada e desviada de seus fins sexuais diretos. É assim que é superado o complexo de Édipo, cujo herdeiro é o supereu. Ele se constitui, pois, pela introjeção de exigências e interdições, e Freud assimila seu papel ao de um juiz ou de um censor perante o eu.

O *eu* se constitui a partir do isso por toda uma série de diferenciações ligadas a identificações sucessivas. Tem um papel de mediação, e deve responder às exigências dos "três senhores a quem serve", o isso e suas exigências pulsionais, o mundo exte-

rior, cujos perigos ele percebe, e o supereu, cuja severidade lhe pode servir de modelo. Ele é, de alguma forma, um pólo defensivo da personalidade e age como fator de ligação dos processos psíquicos. Uma parte do eu é inconsciente.

Fizemos esta breve recapitulação porque Freud, em seu texto de 1924 intitulado "Neurose e psicose",²⁷ propõe esta fórmula cativante por sua extrema simplicidade, que define a neurose e a psicose em termos do conflito dinâmico entre essas instâncias: "A neurose seria o resultado de um conflito entre o eu e o isso, quanto à psicose, surgiria de forma análoga de um conflito equivalente nas relações entre o eu e o mundo exterior."²⁸

Freud não apresenta esta fórmula sem alguma prudência, nem sem detalhar muito cuidadosamente os fenômenos psíquicos em causa e suas correlações com as estruturas que os condicionam para atingir tais resultados. É, portanto, num procedimento estrutural, em conformidade com seu esquema da segunda tópica, que ele nos convida a segui-lo na abordagem dos fatos clínicos que observa. É o que ele se esforçará para fazer em seu grande estudo sobre "O feticismo".

GLANZ AUF DER NASE

Esse texto, publicado em 1927, apresenta-se em sua elaboração como uma porta de entrada necessária ao estudo das perversões no campo freudiano. Chega depois de todos os remanejamentos trazidos por Freud a sua teoria, em consequência de sua segunda tópica. É como uma forma de acabamento de todos os trabalhos que consagrou aos problemas das perversões, de sorte que o feticismo se apresenta bem como um sinal de orientação para que se observe o extraordinário polimorfismo das manifestações perversas. A perversão, com efeito, deve ser distinta em sua estrutura própria, pois ela aparece como um modo de solução específico do desejo.

É necessário acentuar, antes de mais nada, a concisão de Freud na introdução de seu trabalho. Inútil dar mais detalhes ou ensinamentos sobre os casos clínicos nos quais se manifesta o fetichismo, pois este se apresenta como uma espécie de modelo geral, por seus elementos invariantes; pode-se, portanto, demarcá-lo como uma estrutura. Freud apresenta inicialmente o fetichismo como um sintoma, cujo caráter anômalo é facilmente reconhecido pelo sujeito, que, sobretudo devido às facilidades que lhe são proporcionadas na sua vida sexual, não se queixa dele. O fetichismo é, em geral, descoberto secundariamente na cura analítica.

Notável é o primeiro exemplo de fetichismo que nos é dado, onde o fetiche consiste num objeto apresentado como um puro “ser de linguagem” pelo sujeito. Trata-se de um jovem paciente que erigiu como condições de fetiche um certo “brilho no nariz” (*Glanz auf der Nase*) e, acentua Freud, este fetiche só tinha valor para o sujeito: “Ele podia, à sua vontade, outorgar este brilho (no nariz) que os outros não podiam perceber.”²⁰

A análise revela que este sujeito, educado na Inglaterra, veio residir depois na Alemanha, onde esqueceu quase totalmente sua língua materna. Para Freud, “o fetiche, cuja origem não deveria ser compreendida em alemão, mas em inglês, o ‘brilho no nariz’ (*Glanz auf der Nase*) é, de fato, apenas o retorno do recalçado, um equívoco significante com o inglês *glance at the nose*, que quer dizer: ‘olhar sobre o nariz’”. (Não há confusão possível entre o termo alemão *Glanz*, que significa “brilhante” e a palavra inglesa *glance*, que significa “olhar” — porque olhar, em alemão, se diz *Blick*.)

Freud valoriza, portanto, um verdadeiro xiste translingüístico, com a conseqüência sintomática em que ele implica. Nesse sentido, pode-se perfeitamente compreender aqui que o sintoma neurótico, na sua construção, desempenha o papel da língua que permite exprimir o recalque — o que nos faz constatar que o recalque e o retorno do recalçado são uma só e mesma coisa, o

avesso e o direito de um mesmo processo — através do não-senso. Este caso é bastante raro e exemplar para ser enfatizado. Freud, no fundo, só faz recordar sua tese: o objeto (aqui, o fetiche) é apenas o objeto reencontrado por suas coordenadas simbólicas (*Glanz auf der Nase*) memorizadas sob forma de traços (*glance at the nose*) no inconsciente. Confirma-se, assim, de modo impressionante, que para Freud é o representante da representação, a *Vorstellungrepresentanz* (*glance*) que é recalcado — Lacan o traduz pelo termo “significante”.

Freud prossegue seu artigo dando a significação do fetiche: é um substituto do pênis, mas não de qualquer um. Não é um pênis real, mas o substituto fálico atribuído como símbolo pela criança à mãe, no momento em que descobre a realidade orgânica de que ela não tem pênis (o importante não é o fato de que ela seja realmente privada dele, mas que esta privação assuma valor simbólico na subjetividade da criança).

Para compreender a gênese desse substituto fálico, é preciso partir da situação originária, onde a criança é capturada, com sua mãe, numa relação constituída pelo ternário mãe-criança-falo imaginário.

No período pré-edipiano, esse falo imaginário (pois imaginado pela criança) preenche a função do terceiro faltoso que estrutura essa relação, impedindo-a de se fechar em sua própria satisfação, e dando um sentido, para a criança, às repetidas ausências de sua mãe.

Na medida em que, muito precocemente, a criança vai experimentar as manifestações reais de seu órgão com o novo prazer que este lhe traz na masturbação, sua relação já erotizada com sua mãe, na dependência em que está do amor desta, vai rapidamente ser polarizada para sua significação sexual. Por isso, vai acreditar na existência do órgão fálico na mãe, à imagem do seu próprio. (Na menina, as coisas se apresentam como no menino — seu órgão clitoridiano é tomado como um esboço do órgão fálico que irá crescer.) Esta função do falo imaginário atribuído pela criança à mãe é perfeitamente ilustrada por Freud no caso

do pequeno Hans, pela significação dada ao seu jogo de esconde-esconde.

De um modo geral, sublinha Freud, a partir do momento em que a criança percebe a realidade de que sua mãe, como todas as mulheres, não tem pênis, ela a abandona à sua sorte e se volta para o pai. Este, com efeito, enquanto possuidor real de um pênis, se torna preferível à mãe, pois aparece como aquele que superou vitoriosamente a prova da castração cuja ameaça se perfilou para a criança, com a angústia suscitada por essa nova revelação. É, então, o engajamento no Édipo: o falo assume o valor simbólico por ser significado pelo discurso, tendo como resultado o seguinte: o homem tem o falo, a mulher não o tem. Freud faz da posse ou não do falo, no primado que dá à assunção fálica, o elemento diferencial primordial onde se opõe a organização genital dos sexos.

Acontece que alguns sujeitos, ao tomarem conhecimento da realidade de sua percepção, a saber, que a mãe é castrada, diante do horror e da angústia de sua própria castração que neles suscita esta descoberta, recusam-se a admiti-la. Assim, persistem em manter a mãe como se tivesse um pênis oculto, tendo por modelo o falo imaginário, que vai assumir então um papel de prevalência, mas como símbolo separado da ordem do discurso que estrutura normalmente o seu funcionamento. Como diz Freud, nesta percepção da realidade, “não é justo dizer que a criança que observou uma mulher tenha conservado sem modificações sua crença de que ela tem um falo: ela conserva e ao mesmo tempo abandona essa crença”.³⁰

É assim que adquire consistência, segundo um processo que será desenvolvido mais adiante, o fantasma da “mãe fálica”. O fetiche vai justamente preencher esse papel, o de ser o substituto do falo que falta à mãe.

Freud lembra que introduziu esta noção de “mãe fálica” em seu texto “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”,³¹ onde diz “A fixação no objeto anteriormente cobiçado, o pênis

da mulher, deixa traços inefáveis na vida psíquica da criança, na qual esse estágio de investigação sexual infantil apresenta uma intensidade particular. O fetichismo do pé e do calçado feminino parece ser um símbolo do *ersatz* do membro da mulher adorado no tempo da infância, e desde então lamentado.”³² Sim, acrescenta Freud, em seu psiquismo, a mulher possui, apesar de tudo, um falo, não obstante sua ausência constatada. Ao fazer falar Leonardo da Vinci para explicar o papel preponderante ocupado em seu fantasma* pela cauda do abutre, Freud o faz dizer: “Então, quando minha curiosidade se voltava para minha mãe, eu lhe atribuí ainda um órgão viril igual ao meu.” Ele vai dar, em sua análise desse fantasma, toda a significação de ser o falo da mãe. Compreende-se melhor, assim, esta função da mulher fálica introduzida por Freud no texto, no qual ela é apresentada sob a nova forma de relação com o falo enquanto faltoso, o que lhe dá uma função simbólica, e lhe confere também toda a sua importância para a criança, e não para a mãe, que é o seu sujeito.

Esta percepção pelo sujeito da realidade sexuada que o leva a investir numa mãe fálica, Freud vai tentar demonstrar o seu mecanismo específico. Ele tem que definir quatro termos: os dois primeiros são utilizados em seu texto, e os outros dois devem ser reintroduzidos para melhor precisar a estrutura dessa percepção: a escotomização, a forclusão (*Verwerfung*), a denegação (*Verneinung*) e o desmentido (*Verleugnung*).

Freud se embaraça, às vezes, com seu emprego para dar conta dos fenômenos que descreve, e outras vezes, ao contrário, lhes dá um uso diferenciado e bastante preciso. Para ampliar sua demonstração, vamos ser levados a nos referir a outros textos, onde ele os emprega expondo radicalmente suas diferenças. São

* A lembrança de Leonardo da Vinci é a seguinte: “Uma de minhas primeiras recordações de infância é que, estando em meu berço, um abutre veio até a mim, abriu-me a boca com sua cauda, e me bateu repetidas vezes com esta cauda entre os lábios”.³³

eles, essencialmente: "A perda da realidade na psicose e na neurose (1924),³⁴ e "A denegação" (1925).³⁵

Esses textos, contemporâneos daquele sobre o fetichismo, dão o sentido mais fiel à definição freudiana desses termos.

A ESCOTOMIZAÇÃO

Para falar da percepção, pelo sujeito, do pênis que falta à mãe, Freud altera, de saída, o uso do termo *escotomização*, pois a escotomização da realidade perceptual "dá a idéia de que a percepção foi completamente varrida, como no caso em que uma impressão visual atinge o ponto cego da retina".³⁶ É, portanto, um mecanismo fisiológico, e nesse sentido a escotomização não tem nada a ver com aquilo de que fala Freud. Mesmo que ele empregue novamente o termo "escotomização" pelo sujeito da notícia da morte de seu pai, não é mais possível a confusão com o mecanismo fisiológico que o termo designa. Ele o utiliza, então, antes no seu sentido de não-reconhecimento pelo sujeito.

Mas esses diferentes empregos demonstram que Freud está com dificuldades, não para definir o fenômeno que quer expor, mas para permitir ao leitor aproximar-se de sua compreensão. As mesmas oscilações em seu texto também se aplicam aos outros termos.

A FORACCLUSÃO

O termo "foracclusão" (*Verwerfung*) não é empregado nesse texto, mas é necessário reintroduzi-lo aqui a partir do artigo de Freud sobre "A perda da realidade na psicose e na neurose". Se a neurose, diz Freud, não nega a realidade, mas simplesmente não quer saber dela, no sentido do recalque, a psicose, ao con-

trário, nega-a, e procura substituí-la, transformando-a: "Na psicose, a transformação da realidade se realiza com base nos resíduos das relações estabelecidas com ela até então, isto é, com base nas lembranças, representações e julgamentos nascidos a seu respeito e pelos quais ela era representada na vida psíquica."³⁷

Evidentemente, ainda é difícil, a partir daí, distinguir o mecanismo da perda da realidade na neurose e na psicose, tanto mais que quase não restam dúvidas, acrescenta Freud, de que o mundo dos fantasmas desempenha aí, aparentemente, o mesmo papel. É preciso, pois, mostrar em que ponto reside sua diferença radical, e Freud vai designá-lo: enquanto na neurose há uma substituição imaginária (ou seja, a fantasia, como as brincadeiras da criança) para a retirada da realidade, na psicose essa substituição imaginária não existe, já que o remanejamento da realidade toca o simbólico. Freud explica assim: "A psicose empresta a essa realidade uma importância particular e um sentido secreto a que chamamos (nem sempre com precisão) simbólico."³⁸

Neste artigo, Freud distingue muito rigorosamente os registros do imaginário e do simbólico — o que está bem na continuação de sua segunda tópica, onde ele destaca pouco a pouco a função imaginária do eu.

O mecanismo diferencial entre a perda da realidade na psicose e na neurose será melhor compreendido no texto sobre "A denegação", onde precisamente denegação (*Verneinung*) e forclusão (*Verwerfung*) vão ser bem separadas em suas estruturas. Com efeito, Freud, nesse artigo, vai oferecer o seguinte esquema: "A função do julgamento tem, essencialmente, duas decisões a tomar: ela deve, a respeito de alguma coisa, dizer ou negar alguma propriedade, e sobre uma representação, admitir ou contestar sua existência na realidade."³⁹ E, mais adiante, acrescenta: "traduzido para a linguagem dos movimentos pulsionais", dizer ou negar uma propriedade de alguma coisa é aquilo em que consiste o movimento do juízo de atribuição pelo qual se constitui o eu-prazer (*Lust-Ich*) e onde a afirmação (*Bejahung*) no eu se opõe à expulsão (*Ausstossung*) para fora do eu. A fo-

raclusão (*Verwerfung*) incide sobre este primeiro tempo, no qual a realidade é rejeitada, foracluída (*verworfen*), de sorte que o sujeito, não dispondo de sua representação sob forma de traços no inconsciente, não pode recuperá-la em seu novo encontro com ela.

Para Freud, com efeito, todas as representações provêm de percepções das quais são repetições e ao mesmo tempo, graças à reprodução na representação, uma coisa, uma vez que tenha sido percebida, pode ser reencontrada na realidade pelo sujeito — o que é impossível no caso da foraclusão.

Freud ilustra isso de uma maneira muito precisa em “O homem dos lobos”, onde aquilo que fora foracluído na sua representação da castração retorna no real sob forma alucinatória. É deste ponto que parte Lacan para definir a foraclusão como o mecanismo no qual, na psicose, aquilo que é foracluído do simbólico retorna no real. Um outro exemplo é dado por Freud a propósito do luto, no qual o sujeito psicótico “ignora” a desapareição do ente querido.

Pode-se, sem trair o sentido principal dado por Freud à foraclusão (que é uma foraclusão no sistema de representações do sujeito, e não uma apercepção do real) dizer que o sujeito, dessa realidade, *nada pode saber* e não *nada quer saber* — por uma falta, nele, de atribuição de suas coordenadas simbólicas.

A DENEGAÇÃO

O mecanismo da denegação (*Verneinung*) incide sobre o segundo tempo do ato de julgar, isto é, no nível do juízo de existência, que só pode se efetuar na medida em que a afirmação primordial (*Bejahung*) já se tenha realizado.

No juízo de existência, com efeito, “não se trata mais de saber se alguma coisa de percebido (uma coisa) deve ser aceita

ou não pelo eu, mas sim se alguma coisa que existe no eu como representação pode ser reencontrada igualmente na percepção da realidade".⁴⁰ E mais adiante Freud precisa: "A prova da realidade não consiste em encontrar na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas reencontrá-lo, assegurar-se de que ele ainda existe."⁴¹ A denegação é o processo pelo qual "um conteúdo de representação ou de pensamento recalçado pode abrir caminho até a consciência, sob a condição de se deixar negar. A negação é uma maneira de tomar conhecimento do recalçado; propriamente falando, ela já é uma suspensão do recalque, mas não uma aceitação do recalçado".⁴² Negar alguma coisa no juízo de existência quer dizer, no fundo: "Eis aí algo que eu prefiro recalcar." O sujeito nada quer saber disso, e o "não digo que" é colocado por Freud na origem mesma da frase na qual o sujeito se constitui especialmente como inconsciente — como não querendo saber de nada, mas no sentido do recalque.

No fundo, para empregar os termos de Freud, a denegação no sujeito não incide sobre a realidade material, mas sobre a realidade psíquica. Logo, pode haver aí uma certa dificuldade para distinguir a denegação (*Verneinung*) do desmentido (*Verleugnung*), na medida em que nos dois processos existe recalque. Freud faz, aliás, um novo uso do termo "escotomização" da realidade material, a propósito do exemplo que dá dos dois sujeitos neuróticos que "tinham escotomizado a morte do pai, da mesma maneira que os fetichistas fazem com a castração da mulher".⁴³

O DESMENTIDO

Freud introduz esse termo, desmentido (*Verleugnung*), porque quer fazer valer o novo mecanismo que constitui essa forma de recusa da castração da mãe pela constituição do fetiche. Deve-se dizer também que, de saída, Freud relaciona o desmentido e a

foraclusão, notadamente em seu artigo "Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos",⁴⁴ onde diz: "(...) sobrevém um processo, que eu gostaria de designar pelo nome de desmentido (*Verleugnung*), processo que não parece ser raro nem muito perigoso para a vida psíquica da criança, mas que, no adulto, seria o ponto de partida de uma psicose."⁴⁵ Na medida em que o desmentido incidiria sobre a realidade exterior, Freud vê nela, em oposição ao recalque, o primeiro tempo da psicose; enquanto o neurótico começa, segundo ele, por recalcar as exigências do isso, o psicótico começa por desmentir a realidade.

O emprego mais específico do desmentido, a propósito da perversão fetichista, aparece, portanto, no artigo de 1927 que comentamos, onde se demonstra bem como o fetichista perpetua uma atitude infantil, fazendo coexistir duas posições inconciliáveis: o desmentido e o reconhecimento da castração feminina. Para Freud, há a coexistência dessas duas atitudes pelo recalque e o retorno de uma formação de compromisso pela substituição — o fetiche — do que resulta uma profunda divisão para o sujeito: "O horror da castração erigiu um monumento criando este substituto",⁴⁶ e "o estupor diante dos órgãos genitais da mulher, que não falta em nenhum fetichista, permanece também como um estigma indelével do recalque que se realizou".⁴⁷ E Freud acrescenta que o fetiche realiza aquilo pelo qual é mantido: "Ele permanece o signo de um triunfo sobre a ameaça de castração e uma proteção contra esta ameaça, poupando também ao fetichista de se tornar homossexual, ao emprestar à mulher o caráter pelo qual ela se torna suportável enquanto objeto sexual."⁴⁸

É importante frisar esta indicação dada à passagem por Freud, pois, sem tê-lo explicitado neste artigo, ele só fala, em essência, do menino. Isso deve levar, num estudo posterior, a demonstrar como e por que o macho tem o privilégio das grandes posições perversas, que são quase ausentes nas mulheres.

FREUD E O FETICHISMO

Como se viu, para Freud, o fetiche protege o sujeito contra o horror de sua própria castração; eis porque lhe é necessário manter a mãe fálica no seu fantasma. Para sustentar essa ilusão, a criança procede assim: nos jogos que lhe são induzidos por sua curiosidade sexual, em particular a observação da mãe, sem que ela perceba, para espiar o órgão fálico que lhe supõe, ela detém seu olhar na bainha do vestido ou da combinação, até onde é preciso, não muito longe, de maneira que permaneça em suspenso a possibilidade de continuar acreditando que ela tenha um pênis escondido sob a roupa, o que tem o efeito de deixá-la na mais extrema fascinação, poupando-lhe a angústia de castração. Tal é o artifício pelo qual a criança mantém a existência de um falo oculto sob as vestes da mãe, mascarando, assim, sua ausência de pênis.

É assim que se origina, nessa maneira de “fixação na imagem” (*glance at the nose* — olhar para o nariz) recalcada no inconsciente, a lembrança encobridora (*Glanz auf der Nase* — brilho no nariz) que retorna e vai constituir a matriz do fantasma perverso, que repete, sob a forma desta imagem, a cena primitiva na qual o desejo do sujeito está fixado no modo particular pelo qual seu gozo foi obtido. Esta prevalência dada ao imaginário é característica do fantasma perverso, porque assume valor simbólico, permanecendo ao mesmo tempo no limite do reconhecimento das leis do discurso — o fetiche é o substituto do falo imaginário, pois é essencial à função simbólica da mãe fálica na medida em que, mantendo-a neste estatuto, ele pode desmentir, subverter a lei que significa que ela está castrada simbolicamente. Ele poupa, assim, a angústia de sua própria castração.

O que representa realmente o fetiche é ainda, às vezes, deixado numa certa ambigüidade neste artigo por Freud, que faz dele, em seu “protótipo normal”,⁴⁹ o pênis do homem, o que é

dito no final do texto, ao passo que ao longo de todo o seu estudo, como em toda a sua obra, ele é o substituto do falo escondido da mãe — seu representante fictício, como permite frisar a etimologia do termo “fetiche”.

Como, aliás, Freud indica que o fetiche não tem a menor necessidade de parecer com os órgãos genitais, nem com outros objetos que reproduzem a forma do pênis, representando-o — como demonstra também o seu modo de surgimento — convém precisar que o fetiche não é o falo, mas o véu por trás do qual se deixa esboçar a possibilidade de sua presença oculta. É daí que se origina, além disso, o valor erótico do véu, sempre presente não apenas no exercício do fetiche, mas de todas as perversões.

Compreende-se melhor, então, porque o fetiche, por sua própria função, tem uma estrutura de borda. Por isso, o número de fetiches é limitado. Com efeito, o fetiche é tomado de empréstimo às vestes femininas, que têm por função atrair e ao mesmo tempo fixar o olhar: calçados, combinação, ligas, calcinhas, sutiãs etc.

O FETICHISTA E SUAS IDENTIFICAÇÕES

De sua atitude profundamente dividida quanto à castração, que ele reconhece, ao mesmo tempo que renega, o que resulta para o sujeito em seu confronto com a mãe fálica? Ele oscila entre duas posições extremas, com todas as formas possíveis de transição de uma para a outra.

O sujeito pode se identificar imaginariamente com a mãe, possuindo um falo oculto sob suas roupas: é o exemplo dado por Freud daquele homem⁵⁰ que porta, como fetiche, uma calça-cinta, que tem por função dissimular os órgãos genitais e abolir a diferença entre os sexos, o que lhe permite ao mesmo tempo negar a castração e afirmar a castração da mulher e, ainda mais, supor a castração do homem. Se bem que Freud não

o diga em seu texto, poderíamos ver aí uma forma de travestismo.

Ou então o sujeito se identifica com o falo da mãe, isto é, com a forma *suposta* por ele de seu ideal de eu. Esta posição intermediária é a verdadeira forma de fetichismo, onde o sujeito se oferece à mãe como falo. Eis porque a presença de seu fetiche é necessária em seu encontro com uma mulher, que se torna para ele, desde então, suportável como objeto sexual.

Finalmente, ainda, o sujeito pode se identificar imaginariamente com o pai, pois é a ele que a criança atribui a castração da mãe. Freud evoca, nesse caso, a atitude dividida do sujeito com relação ao fetiche, pois ele pode ao mesmo tempo venerá-lo e lhe ser hostil. Tal é o exemplo extremo do "cortador de cabelos", que reproduz o gesto que a criança atribuiu ao pai com relação à mãe. Ele vai castrá-la ao mesmo tempo que vai fetichizar seu falo. Tal é, igualmente, o exemplo de fetichismo cultural dado por Freud: na China antiga, os homens, mutilando os pés das mulheres, ao mesmo tempo a veneram através deste costume.

Quisemos permanecer, numa primeira abordagem da perversão fetichista, o mais próximos possível do comentário do texto de Freud, o que nos permitiu destacar os traços específicos cuja enumeração será sempre exigida para qualificar a posição do sujeito perverso na estrutura.

Pelo desmentido (*Verleugnung*) da castração, o sujeito é conduzido a construir o fantasma da mulher-fálica. Ele mantém sua consistência diante de e contra tudo, através de um fetiche que vem preencher a função do falo faltoso na mãe e que vela a sua ausência. Este fetiche protege ao mesmo tempo o sujeito do horror da castração, do qual se origina sua atitude de desmentido. Resulta daí que o sujeito é levado a se feminilizar, identificando-se com o objeto de seu fantasma, isto é, a mulher fálica. O fetichismo, por seus traços específicos, aparece bem como uma introdução necessária ao estudo das perversões, constituindo, pelas próprias condições de sua emergência, a matriz originária destas.

O DESMENTIDO E A DIVISÃO DO SUJEITO

Em 1938, Freud deixou um manuscrito inacabado, *Die Ischpal-tung in Abwehrvorgang*, traduzido pelo título "A divisão do ego nos processos de defesa".⁵¹

Pode-se considerá-lo como um prolongamento de seu estudo sobre o fetichismo, com as conseqüências possíveis para o sujeito de sua atitude de desmentido (*Verleugnung*) como o mecanismo específico na origem de sua perversão.

O artigo começa recordando o comportamento da criança em certas circunstâncias, que têm para ela o valor de um trauma psíquico.

O eu da criança, acostumado a satisfazer as reivindicações pulsionais do isso em certos casos nos quais algum infortúnio não deixaria de sobrevir se ela prosseguisse em seus esforços em busca de satisfação, pode: renunciar à satisfação para levar em conta a realidade; desmentir este perigo para obter a satisfação mesmo assim, o conflito pulsional, aqui, levando-a a objetar à realidade; ou ainda, não fazer uma coisa sem a outra, ou seja, a pulsão recebe sua satisfação ao mesmo tempo em que a realidade é respeitada.

Mas o desmentido não deixa de ser acompanhado pelo retorno de uma angústia sintomática, diante da realidade da qual a criança tenta se proteger. "Deve-se reconhecer que aí está uma solução muito hábil da dificuldade",⁵² com um preço, porém, a ser pago, acentua Freud. "O sucesso foi obtido ao preço de um dilaceramento do eu, que não será curado com o tempo. As duas reações ao conflito, reações opostas, se mantêm como núcleo de uma clivagem do eu".⁵³

Freud não deixa de precisar que este é um fenômeno estranho, pois ele não considera que a função sintética do eu seja assim tão simples. Exemplifica o que acaba de descrever com o caso de um menino de cerca de quatro anos (antes do declínio

do Édipo). Este menino, seduzido por uma menina mais velha, cujos órgãos genitais ele pudera ver, entregava-se regularmente à masturbação. As ameaças, isto é, as interdições edípicas proferidas um pouco mais tarde, em torno da idade de seis anos, não tiveram qualquer efeito, quando “a consequência habitual, considerada normal, do medo da castração é que o menino ceda à ameaça”,⁵⁴ e renuncie à satisfação obtida com a masturbação. Nesse menino, nada disso aconteceu. Pareceria que toda representação da castração lhe tinha passado despercebida (quando a visão dos órgãos genitais de sua sedutora lhe teria podido fornecer a oportunidade). Sua repugnância e a ausência de motivo não o conduziram a essa eventualidade, no que lhe dizia respeito, enquanto que posteriormente, “ele criou um substituto para o pênis da mulher em vão procurado; um fetiche; assim, desmentiu a realidade mas conservou seu próprio pênis”.⁵⁵ O fetiche é aquilo graças ao que ele se protege contra a angústia da castração.

Freud observa que esse desmentido da realidade, se apresenta alguma semelhança com o processo que está em jogo na psicose, tem no entanto uma diferença fundamental, na medida em que “o menino não contradisse, simplesmente, a sua percepção, alucinando um pênis ali onde não podia ver um”.⁵⁶ É isso o que Freud indica, noutra parte, dizendo que o psicótico rejeita a realidade exterior reconstruindo uma outra. Aqui, a criança “procedeu apenas a um deslocamento de valor, transferiu a significação do pênis para uma outra parte do corpo”.⁵⁷ Portanto, é sobre o pênis tomado como símbolo, em outras palavras, o falo, que incide todo este mecanismo, segundo a equação: pênis da mãe = falo = fetiche.

Freud acrescenta que neste processo entra em jogo a *regressão*. Ele apenas a indica sem descrevê-la, mas podemos reconstruir aqui sua tripla definição: regressão temporal, retorno a uma manifestação da sexualidade na modalidade infantil; regressão formal, deslocamento que é idêntico ao do sonho: o pênis é representado por outra coisa, um fetiche; regressão tópica: esta é mais difícil de se observar aqui, já que Freud utili-

za às vezes, a propósito do fetichismo, o termo “regressão tópica” para designar um deslocamento de lugar, uma parte do corpo sendo tomada como outra. Todavia, a verdadeira regressão tópica é observável no fato de que Freud menciona uma angústia sintomática e sintomas que retornam. Isso é muito importante, porque temos aqui a afirmação, renovada por Freud, de que a perversão implica um recalçamento, enquanto outros textos deixam aparecer uma certa flutuação a esse respeito. A regressão tópica designa que o fetiche é apenas o retorno de uma representação recalçada no próprio movimento do desmentido.

Na perversão, há recalque da castração materna, que é desmentida, ao passo que na criança, “quanto ao seu próprio pênis, nada mudou”:⁵⁸ o desmentido da castração da mãe a colocaria, ao que parece, ao abrigo da sua própria, poupando-lhe a angústia da castração. Mas isso não sem que esta ressurgisse sob a forma mascarada de uma angústia de ser castigado pelo pai: “Esta angústia diante do pai também nada diz sobre a castração”,⁵⁹ a não ser por remetê-la, graças à regressão, à fase oral, onde aparece como medo de ser devorado pelo pai. E Freud nos leva, via Cronos e Júpiter, à temática da castração.

É nesse sentido que ele vai interpretar um outro sintoma do sujeito, “uma espécie de sensibilidade ansiosa ao toque de seus artelhos (...) como se, em todo esse vai-e-vem entre o desmentido e o reconhecimento, fosse assim mesmo a castração que houvesse encontrado uma expressão mais distinta”.⁶⁰

Como Freud deixou o manuscrito inacabado, não podemos saber qual era sua intenção ao escrever esse texto. Indicaria ele que o desmentido não pode evitar a castração para o sujeito? Se este acredita ter triunfado sobre ela, o faz ao preço de sua divisão subjetiva, mas sem o saber. Sem dúvida, Freud visava essa divisão do sujeito para além da clivagem do eu, assim como partira, no seu texto sobre o fetichismo, da divisão do objeto fálico, para definir a perversão a partir desse mecanismo específico que é o desmentido.

A PERVERSÃO, DESMENTIDO DA CASTRAÇÃO

Acompanhando o movimento da elaboração de sua doutrina segundo a ordem cronológica, pode-se compreender como Freud destaca as perversões dessas noções confusas de aberrações instintuais ligadas a causas degenerativas pelas quais eram definidas, para lhes dar, muito cedo na sua obra, um estatuto específico. Elas são a expressão de uma posição subjetiva. Vamos recordar seus traços característicos, cuja convergência é exigível para se falar da estrutura freudiana da perversão.

Pode-se considerar que Freud só começa realmente a se interessar pela perversão a partir do momento em que a encontra sob uma forma paradoxal na neurose. Com efeito, observa ele desde 1900, os neuróticos podem sonhar ser perversos. Esse traço lhe parece importante o suficiente para lhe permitir, inicialmente, qualificar as psiconeuroses de perversões passivas, opondo-as às perversões ativas que seriam as verdadeiras. Para Freud, a neurose é o negativo da perversão, na medida em que só lhe concernem os sonhos ou fantasmas inconscientes, enquanto que na perversão os fantasmas conscientes podem ser transformados em comportamentos agenciados.

Ora, a oposição entre neurose e perversão (neurose — fantasmas inconscientes — condutas imaginárias/ perversão — fantasmas conscientes — condutas reais) não é mais pertinente apenas por esses critérios, a partir do momento em que Freud observa que os neuróticos também têm fantasmas conscientes, e podem ocasionalmente atuá-los, assim como os verdadeiros perversos podem também se contentar com a evocação de cenas imaginárias para obter a satisfação procurada.

A distinção entre normalidade, neurose e perversão é tanto mais difícil de ser feita na medida em que, diante do extraordinário polimorfismo das manifestações da sexualidade, tanto no plano individual como no cultural, é forçoso concluir, e Freud

o faz sem hesitar, que não existem normas sexuais, e isso, enfatiza ele, não apenas no plano psíquico, mas também no plano biológico.

Do ponto de vista fenomenológico, a distinção entre neurose e perversão é, pois, quase impossível de se fazer, a não ser talvez pela observação de que, nos neuróticos, a atuação dos fantasmas perversos permanece isolada, ocasional, enquanto nos perversos a conduta sexual estereotipada, fixada em modos particulares e repetitivos, evoca a noção de uma estrutura subjacente que a determina. A fórmula freudiana “a neurose é o negativo da perversão” só pode ser mantida se se considerar, como verifica a observação, que o neurótico passa ao ato realmente para sustentar um desejo desfalecente, ao passo que o perverso finge, em suas encenações, para realizar um desejo decidido, senão advertido, e obter assim um gozo inconfessável.

Deve-se sublinhar um outro ponto aqui. Com efeito, apesar dos mal-entendidos que certas formulações de Freud podem engendrar, não há nele qualquer confusão possível entre a atuação da pulsão, que pode se dar em todo sujeito, e a perversão propriamente dita.

Nesse sentido, a pulsão não designa absolutamente um instinto, e mesmo em 1905, nos *Três ensaios*, onde a pulsão ainda não tem o estatuto conceitual que lhe será dado em 1915 na *Metapsicologia*, Freud precisa bem que nas perversões consideradas como as mais “arcaicas” e “repugnantes” (zoofilia e necrofilia) o amor está presente. Elas são também a manifestação de um sujeito perdido na sua paixão amorosa. Freud insiste, ao dizer que, qualquer que seja o caráter “horrível” de certos desvios, “encontra-se aí uma parte da atividade psíquica que corresponde a uma idealização da pulsão sexual”.⁶¹ Em outras palavras, a perversão atesta o trabalho de idealização que incide sobre o próprio processo da pulsão. Esta noção, naquela época, era muito nova, pois invalidava a idéia de uma satisfação imediata da pulsão como expressão de uma sexualidade bruta, animal, desenfreada. Ela está, evidentemente, de acordo com a conceitua-

lização freudiana da sexualidade humana, que só pode ser compreendida em seu determinismo psíquico.

A idealização do próprio processo da pulsão na perversão, sua valorização ligada à intensidade do prazer preliminar, podem levar o sujeito a renunciar ao ato sexual, em face do parceiro superestimado no amor, e conduzi-lo ao caminho da sublimação. Freud não deixa de lembrar como certas perversões, notadamente a homossexualidade (em 1910 para Leonardo da Vinci, em 1920 para a jovem homossexual), estão aptas à sublimação, daí seu valor cultural. O que diz bastante de como a perversão é uma postura eminentemente subjetiva.

Uma outra ambigüidade poderia aparecer quando Freud descreve a pulsão como sendo sempre composta por um par de tendências antagonistas. Por exemplo, a pulsão escópica apresenta um componente ativo (ver) e um componente passivo (ser visto, mostrar-se). Compreende-se bem, a partir desta definição, que a encenação da pulsão não deixa de acarretar a divisão da intencionalidade do sujeito. Um deslizamento de sentido pode ser operado a partir do uso do termo "pulsão voyeurista-exibicionista", desde que não se esqueça que o posicionamento do sujeito é necessário. Com efeito, a elaboração por Freud da "pulsão sado-masoquista" pode acarretar as maiores confusões. Ora, ele é bastante cuidadoso em dizer, repetidas vezes, que a *tendência sádica originária* da pulsão sexual não visa infligir a dor, mas dominar o objeto (com o objetivo de devorá-lo ou destruí-lo, pois essa pulsão se origina da necessidade de se alimentar). É só depois do posicionamento do sujeito em sua relação com o parceiro, onde entra em jogo a erotização da dor, que se pode definir as verdadeiras perversões, sádicas ou masoquistas. Nesse sentido, quando Freud revê sua posição relativa ao masoquismo, em 1924, ou seja, quando coloca a existência de uma *tendência masoquista primária*, e não secundária, ao retorno da *tendência sádica primária* sobre a própria pessoa, como havia acreditado inicialmente (1905-1915), ele distingue muito bem esse *masoquismo primário erógeno* da perversão masoquista verdadeira.

Agora, frisamos bem como a perversão em Freud (como a psicose e a neurose) só pode se definir a partir de suas coordenadas subjetivas, e não simplesmente pulsionais, e isso desde 1905.

Existe ainda uma dificuldade por resolver, quando Freud fala dos mecanismos em jogo nos desvios que podem sobrevir no decorrer do desenvolvimento da sexualidade, a partir da disposição perverso-polimorfa da sexualidade infantil. Esta última não é a perversão, sublinha Freud (nesse sentido, ele lembra que uma criança pode se tornar perversa muito precocemente sob a influência de um sedutor). A disposição perversa original da pulsão sexual no homem encerra todas as potencialidades da vida sexual adulta em função de seu destino. Um desenvolvimento tão complexo da pulsão sexual, que é ela própria uma composição de pulsões parciais, pode encontrar numerosos distúrbios. Freud evoca a possibilidade de uma *dissociação* de componentes de uma pulsão parcial, depois sua *regressão*, e finalmente sua *fixação* num estágio infantil da sexualidade, enquanto o outro componente cede ao recalçamento característico do período de latência, não exercendo, mais, portanto, sua influência alternativa.

Vamos nos esforçar para compreender aquilo que ele designa por essa fixação. Trata-se de uma simples fixação da tendência, a qual se exerceria mais tarde de maneira dominante, diretamente e sem ter sofrido transformações, na vida do adulto, dando-lhe o valor de uma perversão? As coisas são mais complexas. A ação combinada de fatores constitucionais (todas as construções de Freud quanto a isso visam tentar dar conta da intensidade do prazer ligado à propriedade de excitabilidade orgânica da zona erógena relativa àquela pulsão) e fatores ocasionais (as cenas primitivas) permite definir aquilo que é realmente fixado. Freud não o diz explicitamente, ele o fará nos anos seguintes, a partir de 1908 para o fetichismo, como já o dissera de outras maneiras no *Projeto*. O que é fixado são as impressões infantis. A criança, quer dizer, o sujeito, está fixada na satisfação pulsional a partir

de sua representação (a cena primitiva sob forma de um fantasma), isto é, sob a forma pela qual ela foi obtida pela primeira vez, e de maneira suficientemente intensa para deixar um traço memorável (a masturbação desempenha aí um papel muito importante). A dissociação, a regressão e a fixação podem ser observadas em todos os distúrbios do desenvolvimento; Freud diz que há no neurótico um recalque parcial, ou seja, recalçamento da tendência fixada, e essa tendência recalçada manifesta mais tarde suas exigências perversas sob forma de sintomas, enquanto no perverso não haveria um recalque da tendência que se fixou. Ao retomar esta questão, Freud vai afirmar que existe também recalque na perversão, constituindo esta uma forma de compromisso da tendência recalçada. Em consequência, a partir desse ponto de vista não haveria mais um mecanismo específico que permitisse distinguir como se originariam, respectivamente, as neuroses ou as perversões. Nesse debate, não precisamos nos interrogar quanto às causas do recalque (psíquicas ou orgânicas), mas simplesmente recordar que, para Freud, como ele vai sustentar até o fim de sua obra, o que é recalçado são representações, e o que é recalçado no período de latência é a sexualidade infantil, na medida em que ela é também uma pré-história. O recalque vai constituir-las como a matriz daquilo que dará formas à sexualidade adulta. Este ponto é muito importante, pois Freud, desde o caso Dora (1905), pôde mostrar como o desenvolvimento da sexualidade se dá — de acordo com a maturação do corpo, certamente, mas no contexto de sua dramatização na dialética edipiana. É necessário frisar, porém, que, a partir do caso Dora, Freud pensava que o Édipo acompanhasse a vertente lógica da natureza: o menino para a menina, a moça para o rapaz. Mais adiante ele vai alterar radicalmente sua postura.

Se demonstramos suficientemente, até agora, que Freud não confunde a pulsão com a perversão, precisamos ainda, para definir esta última, demarcar a posição do sujeito e aquilo que

a constitui com relação ao objeto, com as razões que presidiram a sua escolha.

Portanto, é a partir do fantasma que se deve definir a perversão. Existem, porém, duas dificuldades a superar quanto ao objeto e à cena do fantasma, bem como a sua encenação.

O OBJETO

Freud recorda, desde os *Três ensaios*, em 1905, que o objeto da adolescência é apenas o reencontro com o objeto da primeira infância. Essa escolha será feita a partir de suas coordenadas de representações, fixadas em forma de traços no inconsciente, e constituindo a memória recalcada dessa espécie de pré-história que foi a sexualidade infantil. Ora, na fase genital, a escolha de objeto é necessariamente incestuosa. Seus efeitos se farão sentir na escolha do objeto sexual na adolescência. Isso depende da maneira pela qual será transposto o desfiladeiro edipiano, no qual se define o complexo de castração, com a assunção do primado do falo, tanto para a menina como para o menino. Implicitamente, em 1905, Freud indica que mesmo as perversões sempre têm a ver, ainda que numa relação distante, com a castração. A escolha de objeto, notadamente por apoio na primeira infância, se faz independentemente do sexo. Se o sujeito permanecer fixado nesse tipo de escolha, na idade adulta, uma escolha de objeto heterossexual poderá mascarar uma perversão real, revelando-se por ocasião de circunstâncias favoráveis. Mas Freud precisa também que a perversão já está fixada na primeira infância, e não se constitui depois dos seis anos, ou seja, depois da resolução do Édipo. Da mesma forma, uma escolha de objeto homossexual desse tipo pode, na realidade, mascarar uma neurose. Igualmente, o tipo de objeto no qual o sujeito permanece fixado, mesmo que não seja completamente indiferente, não permite qualificar nem tipificar uma perversão.

O FANTASMA

A cena perversa, atuada ou não, também não permite qualificar uma perversão. Já insistimos nisso o bastante, e todo o estudo freudiano do fantasma "Bate-se numa criança" (1919) é feito para demonstrá-lo: um fantasma perverso pode existir no neurótico. O interesse, para nós, desse estudo, que é uma contribuição ao conhecimento da gênese da perversão, é que ele demonstra como esse fantasma se constitui na dialética edipiana. Freud sublinha que a perversão se desenvolve em relação aos objetos de amor incestuoso, e se revela a ele pela primeira vez de forma clara no terreno do Édipo.

A tese mais fecunda, que vai constituir a base da definição de todas as perversões, como seu denominador comum, aparece em Freud em 1908, em seu texto "As teorias sexuais infantis".⁶² Trata-se da dificuldade para a criança de admitir a castração da mãe. Ela vai deixar seus traços no inconsciente, de modo que a "representação da mulher com pênis reaparece mais tarde nos sonhos do adulto".

Freud não abandonará mais esse achado, e é em relação à castração que ele vai começar a descrever este fenômeno novo, que ainda não chama pelo nome de desmentido: "Se essa representação da mulher com pênis se fixa na criança, resiste a todas as influências ulteriores da vida e torna o homem incapaz de renunciar ao pênis em seu objeto sexual; tal indivíduo, então, com uma vida sexual sob outros aspectos normal, vai se tornar necessariamente um homossexual."⁶³ A partir dessa época, o horror e a recusa da castração são dados como denominador comum de todas as perversões que ele enumera: aquelas que estão ligadas a uma fixação da libido numa fase muito precoce, como o voyeurismo, o exibicionismo e o fetichismo, mas também aquelas que se constituem mais tardiamente, como a homossexualidade.

No homossexual masculino, a recusa em renunciar ao pênis no seu objeto sexual é determinada a partir do fato de que “as partes genitais da mulher, quando mais tarde são percebidas e consideradas inúteis, evocam essa ameaça, e por essa razão provocam no homossexual horror e desprazer”.⁶³ Temos aí a razão determinante da escolha de objeto.

Esta tese vai ser confirmada em 1910, em “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”, onde Freud introduz pela primeira vez a função da mulher fálica, ou seja, a novidade da relação ao falo enquanto faltoso, frisando a importância dessa mulher fálica, não para aquela que constitui seu sujeito, mas sim para a criança: “A fixação no objeto a partir de então ardentemente cobiçado, o pênis da mulher, deixa traços indeléveis na vida psíquica da criança, na qual esse estágio de investigação sexual infantil apresentará uma intensidade particular. O fetichismo do pé e do calçado feminino não parece ter consistência senão como um símbolo de *ersatz* do membro adorado no tempo de infância, e depois perdido.”⁶⁴

Todo o interesse dessa formulação é permitir captar como a perversão nos facilita a compreensão da função simbólica do falo, de outra maneira tão enigmática, na medida em que ela assume aí um papel preponderante. Não é o órgão pênis real que está em jogo, mas o falo como símbolo da ausência do pênis. É sob este ângulo que se deve compreender a significação do primado do falo em Freud.

O resultado para o sujeito dessa recusa da castração materna é acentuado por Freud em seu “Leonardo da Vinci”, nos seguintes termos: “O menino recalca seu amor pela mãe colocando-se no lugar desta, identificando-se com ela, e toma, então, a sua própria pessoa como o ideal, à imagem do qual ele escolhe seus novos objetos amorosos; torna-se homossexual, ou melhor, volta ao auto-erotismo, e vai amar os rapazes daí por diante, da mesma maneira pela qual sua mãe o amou quando criança.”⁶⁵

Temos aí, desde 1910, um segundo denominador comum a todas as perversões: a feminilização do sujeito por identificação

à mãe fálica em sua recusa da castração. Este traço é menos aparente, mas é encontrado constantemente nos escritos de Freud. Este já havia evocado, nos *Três ensaios*, a propósito da criança tornada perversa sob a influência de um sedutor: "A criança, nessas circunstâncias, se comporta da mesma maneira que o faria diante do sedutor a maioria das mulheres, não tendo sofrido a influência da civilização e conservando assim uma disposição perverso-polimorfa."⁶⁶

Dois pólos do fantasma permitem, portanto, definir a perversão freudiana: o *objeto* é escolhido em função da relação do sujeito com a castração, cuja sorte é decidida na dialética edipiana. Quando a castração é desmentida, o objeto é marcado pelo traço deste desmentido: mãe fálica, à qual se substitui a mulher falicizada pelo fetiche, ou então o próprio objeto é portador do pênis falicizado, ele é um duplo narcísico do sujeito homossexual. A partir de 1914, no caso de fetichismo que apresenta em Viena, Freud fornece todos os elementos que serão retomados em 1927 no artigo sobre o fetichismo.

O SUJEITO

Do lado do sujeito, Freud insistiu num ponto muito preciso: "É necessário separar as questões da escolha de objeto, por um lado, e do caráter sexual, bem como da posição sexual, por outro."⁶⁷ Já frisamos que, para o sujeito, o desmentido da castração determina sua postura por identificação com a mãe fálica. Em outras palavras, a feminilização do sujeito masculino caracteriza sua posição sexual. Acompanhamos toda a elaboração dessa tese, que surge em 1905, é confirmada em 1910 com o estudo sobre Leonardo da Vinci e acaba por encontrar sua definição mais precisa no texto sobre a clivagem do eu, em 1938, onde nos pareceu legítimo designar, para além da clivagem do eu, a divisão do

sujeito, mesmo que Freud não a exponha explicitamente. Com efeito, trata-se ali, para ele, de demonstrar, nessa atitude dividida entre o desmentido da castração e seu reconhecimento, que o sujeito não deixa de ser marcado pelo selo da castração.

Já está suficientemente articulado, em seu estudo do fantasma “Bate-se numa criança”, e sobretudo no caso da jovem homossexual, que a perversão se constitui em relação com o complexo de castração, na dialética edipiana. Freud o confirma, ainda, no “O problema econômico do masoquismo”, onde demonstra que os fantasmas de sujeitos masoquistas encenam a castração, de tal maneira que a castração, se não é representada, é deslocada e deixa, “nos fantasmas, seu traço negativo”.⁶⁸ Atesta-o, ainda, sem ambigüidades, o último texto de Freud, em 1938, sobre “A divisão do eu”, no qual, a propósito do caso de fetichismo de que fala, interpreta da seguinte maneira outro sintoma do sujeito: “uma espécie de sensibilidade ansiosa ao toque de seus artelhos, como se, em todo esse vai-e-vem entre o desmentido e o reconhecimento, fosse assim mesmo a castração que houvesse encontrado uma expressão mais distinta.”⁶⁹

Depois de ter dito que Freud é pessimista quanto ao tratamento psicanalítico da inversão sexual, que o fetichismo, igualmente, lhe aparece como uma solução bem cômoda e mais satisfatória que a neurose, que mais adiante, enfim, ele faz dos perversos “pobres diabos” obrigados a se submeterem a exigências bem cruéis, devemos agora superar uma certa dificuldade em seus textos.

Sabe-se que ele havia atribuído o essencial das verdadeiras perversões aos homens, definindo-as pelo nome de perversões ativas. Nesse sentido, é notável que em toda a sua obra Freud só tenha estudado um caso de perversão feminina, de homossexualidade. Trata-se de uma perversão verdadeira, nesse caso? Pois a moça está fixada numa relação com a Dama que a encaminha para a sublimação, o que não é a tendência natural da perversão. Quanto a isso, se possível traçar um paralelo, Freud diz de

Leonardo da Vinci que ele se comportava como um homossexual platônico, e faz dele, ao final de seu estudo, um obsessivo. Não vamos entrar mais em detalhes no caso da homossexual, a não ser para colocar que a perversão feminina é mais do que problemática do ponto de vista freudiano.

Observamos que, em Freud, não há nenhuma ambigüidade, quando fala do masoquismo feminino designando-o também pelo nome de masoquismo do ser da mulher. Ele não pretende, de forma alguma, dizer que a mulher é masoquista. Estuda, aliás, o masoquismo feminino, que é uma verdadeira perversão unicamente nos homens. Fazendo uso desse termo, "ser da mulher", e não sua essência, é a castração que ele define, designando ao mesmo tempo a feminilização do sujeito no exercício dessa perversão.

Voltamos a encontrar, aí, os dois pólos da matriz que permitem definir a estrutura freudiana da perversão a partir da estrutura do fantasma. Compreende-se bem como o fetichismo representa sua charneira, na observação que ele nos permite fazer quanto à posição do sujeito e aquilo que a constitui com relação ao objeto, com as razões que presidiram a sua escolha;

O sujeito feminilizado $\longleftrightarrow$ o objeto falcizado

Resta dizer por que as grandes posições perversas são devolvidas ao homem, e não à mulher.

A razão para isso seria a seguinte: a mulher não pode desmentir a castração, pois está marcada em seu próprio ser pelo seu selo. Ela pode, no máximo, recusá-la, e a partir daí é inelutavelmente conduzida a demandar o falo que lhe falta. Isso a predispõe de preferência para a neurose, num "fazer como se" ela o possuísse, por identificação imaginária com um homem, para satisfazer sua *Penisneid*. É a posição típica da histérica, com a insatisfação que ela comporta de estrutura. Para o homem, as coisas podem se dar de outra maneira.

NOTAS

- 1 Freud, S. "Au-delà du principe de plaisir" (1920). In: *Essais de psychanalyse*, Petite Bibliothèque Payot, 1981, p. 41-112. (ESB: *Além do princípio do prazer*, vol. v. XVIII.)
- 2 Ibid. p. 55.
- 3 Ibid. p. 63.
- 4 Ibid. p. 101.
- 5 Ibid. p. 102.
- 6 Ibid. p. 103.
- 7 Freud, S. "Le problème économique du masochisme". In: *Névrose, psychose, perversion*, PUF, 1974, p. 287-303. (ESB: *O problema econômico do masoquismo*, v. XIX.)
- 8 Ibid. p. 287.
- 9 Ibid. p. 287.
- 10 Ibid. p. 288.
- 11 Ibid. p. 288.
- 12 Ibid. p. 289.
- 13 Ibid. p. 289.
- 14 Ibid. p. 289.
- 15 Ibid. p. 289.
- 16 Ibid. p. 290.
- 17 Ibid. p. 290.
- 18 Ibid. p. 292.
- 19 Ibid. p. 292.
- 20 Ibid. p. 292.
- 21 Ibid. p. 293.
- 22 Ibid. p. 293.
- 23 Ibid. p. 296.
- 24 Ibid. p. 296.
- 25 Freud, S. "Le moi et le ça", (1923). In: *Essais de psychanalyse*, Payot, 1981, p. 177-235. (ESB: *O ego e o id*, v. XIX.)
- 26 Ibid. p. 236.
- 27 Freud, S. "Névrose et Psychose", (1924). In: *Névrose, psychose, perversion*, PUF, 1974, p. 183-226. (ESB: *Neurose e psicose*, v. XIX.)
- 28 Ibid. p. 283.
- 29 Freud, S. "Le fétichisme" (1927). In: *La vie sexuelle*, PUF, 1969, p. 133-8. (ESB: *Fetichismo*, v. XXI.)
- 30 Ibid. p. 133.
- 31 Freud, S. *Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci* (1910), Idées, Gallimard, 1977. (ESB: *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, v. XI.)

- 32 Ibid. p. 73.
- 33 Ibid. p. 49.
- 34 Freud, S. "La perte de la réalité dans la psychose et dans la névrose" (1924). In: *Névrose, psychose, perversion*, PUF, 1974, p. 299-303. (ESB: *A perda da realidade na neurose e na psicose*, v. XIX.)
- 35 Freud, S. "La dénégation" (1925). In: *Résultats, idées, problèmes*, t. II, PUF, 1985, p. 135-40. (ESB: *A negativa*, v. XIX.)
- 36 Freud, S. "Le fétichisme". In: *La vie sexuelle*, PUF, 1969, p. 134. (ESB: *Fetichismo*, v. XXI.)
- 37 Freud, S. "La perte de la réalité dans la psychose et la névrose". In: *Névrose, psychose, perversion*, PUF, 1974, p. 302. (ESB, v. XIX.)
- 38 Ibid. p. 303.
- 39 Freud, S. "La dénégation" In: *Résultats, idées, problèmes*, t. II, PUF, 1974, p. 137. (ESB, v. XIX.)
- 40 Ibid. p. 138.
- 41 Ibid. p. 138.
- 42 Ibid. p. 136.
- 43 Freud, S. "Le fétichisme". In: *La vie sexuelle*, PUF, 1969, p. 137.
- 44 Freud, S. "De quelques conséquences psychologiques de la différence anatomique entre les sexes" (1924). In: *La vie sexuelle*, PUF, 1969, p. 123-32. (ESB: *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, v. XIX.)
- 45 Ibid. p. 127.
- 46 Freud, S. "Le fétichisme". In: *La vie sexuelle*, PUF, 1969, p. 135. (ESB). v. XXI.)
- 47 Ibid. p. 135.
- 48 Ibid. p. 135.
- 49 Ibid. p. 138.
- 50 Ibid. p. 137.
- 51 Freud, S. "Le clivage du moi dans les processus de défense". In: *Résultats, idées, problèmes* (1928), PUF, 1985, p. 283-6. (ESB: *A divisão do Ego no processo de defesa*, v. XXIII.)
- 52 Ibid. p. 284.
- 53 Ibid. p. 286.
- 54 Ibid. p. 284.
- 55 Ibid. p. 285.
- 56 Ibid. p. 286.
- 57 Ibid. p. 286.
- 58 Ibid. p. 286.
- 59 Ibid. p. 286.
- 60 Ibid. p. 286.
- 61 Freud, S. *Trois essais sur la théorie de la sexualité*, op. cit., p. 49. (ESB, v. VII.)
- 62 *La vie sexuelle*, op. cit., p. 49.
- 63 Ibid. p. 20.
- 64 *Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci*, op. cit., p. 74. (ESB, v. XI.)
- 65 Ibid. p. 80.

- ⁶⁶ *Trois essais sur la théorie de la sexualité*, op. cit., p. 86. (ESB), v. VII.)
- ⁶⁷ "Sur la psychogenèse d'un cas d'homosexualité féminine". In: *Névrose, psychose, perversion*, op. cit., p. 268. (ESB, v. XVIII.)
- ⁶⁸ "Le problème économique du masochisme", *ibid.*, p. 290. (ESB, v. XIX.)
- ⁶⁹ "Le clivage du moi dans les processus de défense". In: *Résultats, idées, problèmes*, op. cit., p. 286. (ESB, v. XXIII.)
-

Bibliografia

- Bercherie, P. *Genèse des concepts freudiens*, Paris, Navarin, 1983.
- Binet, A. *Études de psychologie expérimentale*, Paris, Alcan, 1888.
- Fliess, W. 1897, *Les relations entre le nez et les organes génitaux féminins présentés selon leurs significations biologiques*, (tradução francesa), Paris, Seuil, 1977.
- Krafft-Ebing, R. von. *Psychopatia sexualis*, 7. ed., Paris, Masson, 1897.
- Lasègue, C. *Études médicales*, Paris, Asselin et Housaau, 1884.
- Morel, B.A. *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles, et morales de l'espèce humaine*, Paris, Masson, 1857.
- Freud, S. *The Standard Editions of the Complete Psychological Works*, Ed. J. Strachey, Londres, The Hogarth Press, 1953-1973, 24 volumes.
- . 1887-1902, "Lettres à W. Fliess", In: *La naissance de la psychanalyse*, Paris, PUF 1973, p. 45-305.
- . 1893-1905, *Études sur l'hystérie*, Paris, PUF, 1967.
- . 1984-1924, *Névrose, psychose et perversion*, Paris, PUF, 1973.
- . 1895, "Esquisse d'une psychologie scientifique". In: *La naissance de la psychanalyse*, Paris, PUF, 1973, p. 307-96.
- . 1899, *L'Interprétation des rêves*, Paris, PUF, 1967.
- . 1901-1914, *Cinq psychanalyses*, Paris, PUF, 1975.
- . 1901, *Psychopathologie de la vie quotidienne*, Paris, Payot, 1973.
- . 1905-1924, *Trois essais sur la théorie de la sexualité*, Paris, Gallimard (Idées), 1975.
- . 1903-1918, *La technique psychanalytique*, Paris, PUF, 1975.
- . 1907-1931, *La vie sexuelle*, Paris, PUF, 1973.
- . 1907-1922, *Essais de psychanalyse appliquée*, Paris, Gallimard, (Idées), 1975.
- . 1909, *Cinq leçons sur la psychanalyse*, Paris, Petite Bibliothèque Payot, 1973.

- . 1912-1915, *Metapsychologie*, Paris, Gallimard, 1968.
 - . 1914, "Un cas de fétichisme du pied". In: *Les premiers psychanalystes* (Minutas da Sociedade Psicanalítica de Viena, sessão de 11 de março de 1914), t. IV, Gallimard, 1983, p. 278-82.
 - . 1915-1917, *Introduction à la psychanalyse*, Paris, Petite Bibliothèque Payot, 1973.
 - . 1915-1923, *Essais de psychanalyse*, Paris, Petite Bibliothèque Payot, 1981 (nova tradução).
 - . 1924-1926, *Ma vie et la psychanalyse*, Paris, Gallimard (Idées), 1974.
 - . 1925, *Inhibition, symptôme et angoisse*, Paris, PUF, 1973.
 - . 1930, *Malaise dans la civilisation*, Paris, PUF, 1973.
 - . 1932, *Nouvelles conférences sur la psychanalyse*, Paris, Gallimard (Idées), 1974.
 - . 1938, *Abrégé de psychanalyse*, Paris, PUF, 1949.
 - . 1938, "Le clivage du moi dans le processus de défense". In: *Résultats, idées, problèmes*, t. II, Paris, PUF, 1985, p. 283-6.
-